



mosaico
amazonas
mapeamento
cultural do
artesanato
brasileiro

CRAB

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO

SEBRAE

Agradecimentos

O projeto 'Mosaico Amazonas: Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro' representa um avanço significativo na documentação e valorização do artesanato amazônico, bem como da atuação do Centro SEBRAE de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB) como Polo de Conhecimento. Desde o início, o projeto foi cuidadosamente planejado e executado, resultando em um mapeamento abrangente da diversidade artesanal da região e na captura da essência do artesanato amazônico.

Ao Sebrae Amazonas, parceiro fundamental que embarcou no projeto desde o início, acreditando no seu objetivo fundamental e assim não mediu esforços na sua colaboração, nosso agradecimento.

Agradecemos, ainda, às equipes da FOCUS DM e da Associação Zagaia Amazônia. Profissionais especializados, que asseguraram a execução bem-sucedida de cada fase, com compromisso e dedicação.

Também agradecemos às comunidades e instituições que nos acolheram com hospitalidade, tornando cada etapa uma experiência enriquecedora.

Por fim, nossa profunda gratidão a todos os artesãos, cujas habilidades e histórias deram vida a este projeto. A generosidade em compartilhar tradições foi essencial para o resultado do mapeamento.

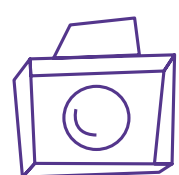
Esta publicação celebra a arte e homenageia o papel vital dos artesãos na preservação de nossa identidade cultural. Um passo importante para futuras iniciativas que continuarão a explorar e valorizar o rico patrimônio cultural do artesanato brasileiro, contribuindo para um futuro em que as tradições artesanais sejam reconhecidas e apreciadas globalmente.

Índice

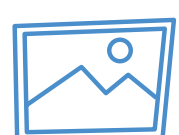
Como ler este e-book.....	04
Mosaico Amazonas: Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro.....	05
A Construção do Pensamento e as Lutas no Artesanato Amazonense	08
Estrutura do Mapeamento: Luta Instrumental, Luta Identitária e Luta Ética	10
São Gabriel da Cachoeira	13
Série Documental	55
Barcelos	57
Benjamin Constant	69
Careiro Castanho	76
Comunidade Três Unidos	85
Irاندuba	93
Manaus	96
Maués.....	105
Novo Airão	111
Rio Preto da Eva	118
Análise Acadêmica.....	123
Quilombo do rio Andirá	124
Panorama do Artesanato em Municípios Amazônicos: Uma Perspectiva do Projeto Mosaico Amazonas.....	129
Conclusão	132
Referências.....	133
Contatos	134
Ficha Técnica	148

Como ler este e-book

Este material é interativo. Alguns ícones contêm links para documentos extras, vídeos, fotografias e muito mais. Confira as sinalizações destacadas por cores:



Fotografias dos nossos fotógrafos parceiros e equipe.



Imagens extras retirada de outros materiais.



Vídeos: todos clicáveis redirecionando para um material audiovisual.



Referências: todas clicáveis, com links para as teses, dissertações e artigos.



Saiba mais: com informações extras sobre um determinado assunto.



Links: sempre que esta mão aparece significa que é um hiperlink com materiais extras.



Entrevistas aprofundadas com os artesãos.



Questionário Simplificado com informações mais objetivas dos artesãos.



Balões de falas com citações diretas.



Luta instrumental



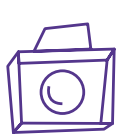
Luta identitária



Luta ética

Mosaico Amazonas

Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro



Artesã Gilda da Silva Barreto em sua loja Uirapuru, em São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie.

Com uma visão inovadora e compromisso com a valorização cultural, apresentamos o **Mosaico Amazonas: Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro**. Idealizado pelo Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), esta iniciativa destaca-se pela escolha do Amazonas como projeto piloto, sublinhando a importância do artesanato amazônico no cenário nacional.

Essa ação é fundamental para ressaltar a riqueza cultural e a diversidade das tradições artesanais da região, promovendo um entendimento mais profundo das práticas culturais que são parte integrante da identidade amazônica. Essa abordagem não apenas celebra o artesanato local, mas também busca integrá-lo de forma mais ampla e significativa ao patrimônio cultural brasileiro.

O artesanato do Amazonas é uma expressão vibrante da biodiversidade cultural, um conceito que destaca a intrínseca relação entre a diversidade biológica e as culturas humanas. Assim como um ecossistema diversificado é mais resiliente, uma cultura rica em tradições e conhecimentos é mais robusta e adaptável. O artesanato, nesse contexto, é um reflexo da saúde deste ecossistema cultural, sendo um indicador de sua vitalidade, inovação e capacidade de adaptação.



 Artesão Hermes Ernesto Vitória, etnia Baniwa, Tuxaua da Comunidade Areal, São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie.

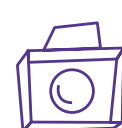
Vozes da Floresta: O Registro Vivo do Artesanato no Amazonas

O projeto visa transcender um simples inventário do artesanato no Amazonas. Propõe ser um registro vivo das histórias que moldam o tecido cultural da região. Mais do que documentar técnicas artesanais, buscamos ecoar as vozes dos artesãos, suas experiências e as tradições que se entrelaçam com a identidade amazônica. Procuramos compreender as práticas de manejo sustentável adotadas pelos artesãos e o profundo respeito pelo tempo ecológico intrínseco a cada criação. Além disso, o **Mosaico Amazonas: Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro** tem a intenção de mapear a complexa cadeia logística que conecta o artesão amazônico aos mercados nacionais, destacando desafios e barreiras à comercialização.



Guardião das Tradições: Preservando o Patrimônio Cultural Amazônico

O projeto **Mosaico Amazonas: Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro** é essencial para a preservação e promoção do patrimônio cultural imaterial do Estado. O artesanato da região reflete a riqueza da biodiversidade amazônica e serve como vetor de identidade cultural e coesão social. Documentar as práticas artesanais, bem como as histórias e métodos que as acompanham, é crucial para salvaguardar essas tradições para as futuras gerações.



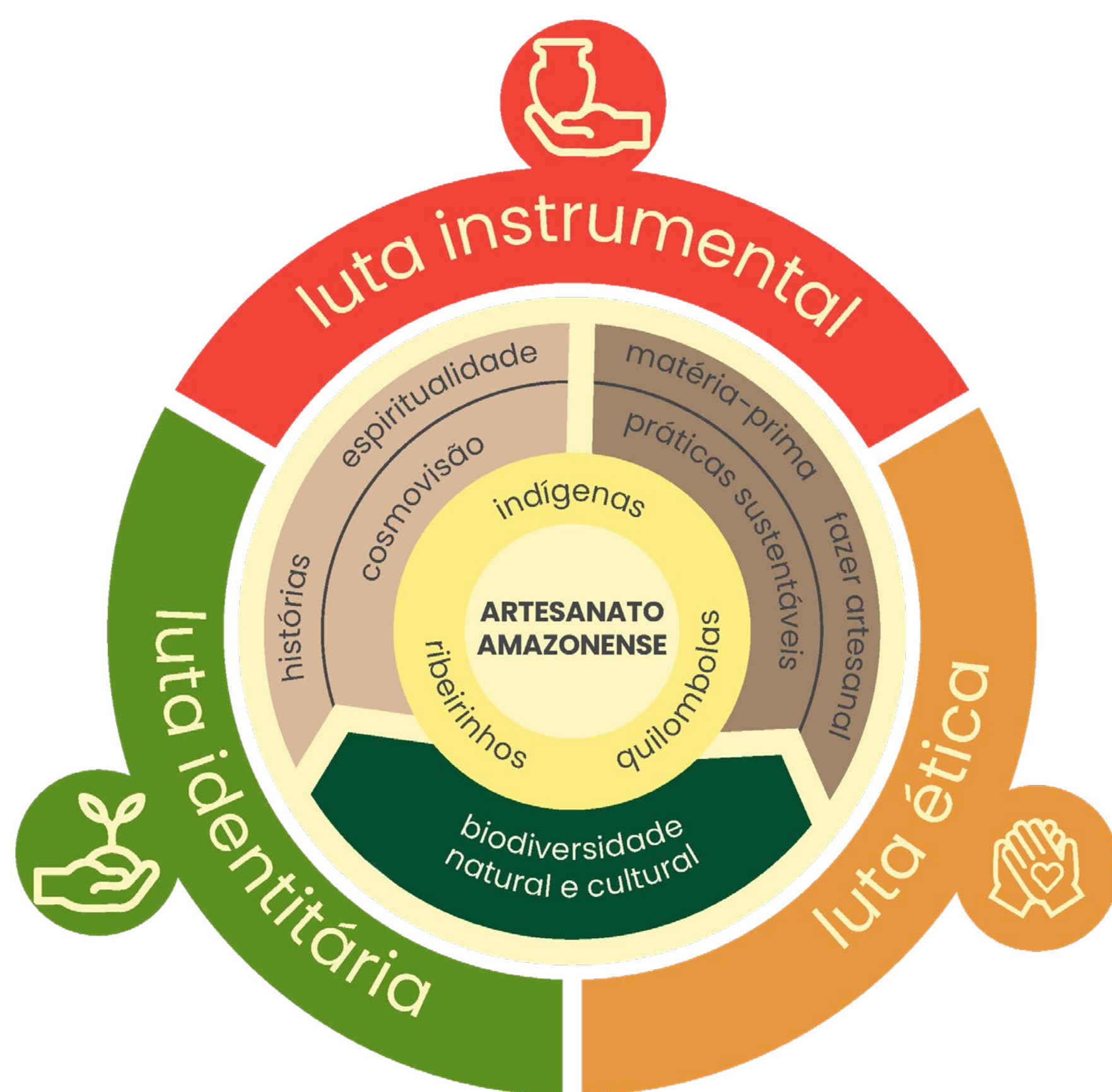
Comunidade Areal (São Gabriel da Cachoeira): Santiago Mariano Miguel, da etnia Koripaco, repassando o conhecimento tradicional. Foto por Sharlene Melanie



Comunidade Areal (São Gabriel da Cachoeira): Jociane Garcia Vitorino, da etnia Baniwa, também aprendendo com Santiago. Foto por Sharlene Melanie

A Construção do Pensamento e as Lutas no Artesanato Amazonense

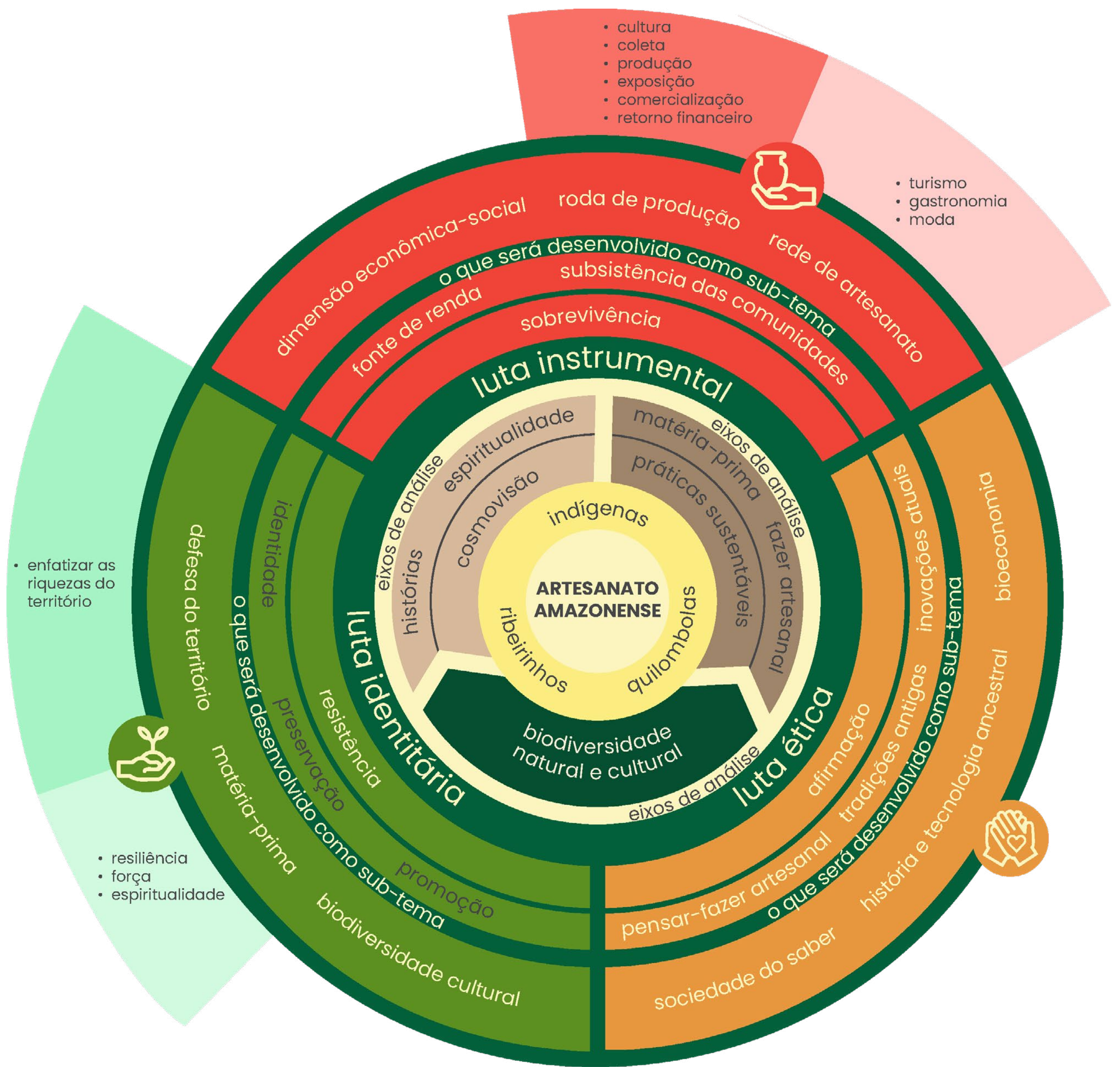
No coração do artesanato amazonense, encontramos um rico entrelaçamento de histórias e lutas que refletem a diversidade cultural e natural da região. Este capítulo do e-book explora como se dá a construção do pensamento em torno das lutas no artesanato, destacando os povos da floresta – indígenas, ribeirinhos e quilombolas – como protagonistas dessa narrativa.



Construção do pensamento entre as lutas encontradas no artesanato amazonense.

A tese de Jennifer Simpson dos Santos, intitulada **“Numiã Kura: As Lutas das Artesãs no Amazonas”** (2017), nos inspira a destacar as batalhas enfrentadas pelas artesãs. O trabalho de Jennifer iluminou as complexidades e as dimensões múltiplas das lutas no artesanato, servindo como um guia essencial para a estruturação deste mapeamento.





Construção completa do pensamento entre as lutas encontradas no artesanato amazônico.

Na imagem é possível entender como ocorre a construção do pensamento sobre as lutas dentro do artesanato. Observa-se o **artesanato amazônico** como eixo central, trazendo como protagonistas os povos da floresta: **indígenas**, **ribeirinhos** e **quilombolas**.

Esses povos representam boa parte da população do Amazonas, com grande maioria descendentes de indígenas e que carregam tradições e técnicas artesanais. Todos eles cercados pela **biodiversidade natural e cultural**, o que traz riqueza para a **matéria-prima** utilizada no **fazer artesanal**, considerada aqui como práticas **sustentáveis**. Estas são antecedidas pela **cosmovisão** de cada comunidade, refletindo sua **história** e **espiritualidade**. Assim, tem-se o encontro da **luta instrumental**, **luta identitária** e **luta ética**, descritas a seguir.

Estrutura do Mapeamento

Luta Instrumental,
Luta Identitária e Luta Ética

Para compreender a complexidade do artesanato no Amazonas, adotamos uma abordagem multifacetada, analisando-a por meio de três dimensões centrais: luta instrumental, luta identitária e luta ética. Estas dimensões foram exploradas em diversos municípios do Estado, buscando identificar como cada uma se manifesta e se entrelaça nas diferentes localidades.

Luta Instrumental



No contexto do artesanato amazônico refere-se ao uso do artesanato como uma ferramenta crucial para a sobrevivência econômica. Para muitas mulheres indígenas, o artesanato representa uma das principais manifestações de seu modo de vida, sendo essencial para garantir a subsistência de suas famílias. A prática artesanal permite que essas mulheres utilizem recursos locais e conhecimentos tradicionais para criar produtos que podem ser comercializados, proporcionando uma fonte de renda vital.

Luta Identitária



Aqui, o foco está na preservação e afirmação das identidades culturais através do artesanato. Esta luta reflete o desejo dos artesãos de manter e transmitir suas tradições culturais, utilizando o artesanato como uma forma de resistência cultural e expressão de identidade.

Luta Ética



A dimensão da luta ética no artesanato amazônico aborda questões cruciais de justiça social e ambiental, destacando como os artesãos equilibram a produção com práticas sustentáveis e éticas. Este compromisso reflete uma profunda responsabilidade pelo uso consciente dos recursos naturais e pela proteção do meio ambiente, integrando valores culturais e ecológicos em suas atividades diárias.

Para as mulheres indígenas, o artesanato vai além de uma mera atividade econômica. Representa uma expressão essencial de identidade cultural e espiritual. A prática artesanal é um meio de preservar e transmitir conhecimentos e tradições de geração em geração, garantindo que os saberes ancestrais continuem vivos e relevantes. Este processo de transmissão fortalece os laços sociais e culturais dentro da comunidade, promovendo a coesão e a continuidade cultural.

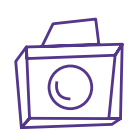


 Artesã Júlia Paminare Pinto, etnia Koripaco, da Comunidade Areal em São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie.

Por meio do artesanato, essas mulheres afirmam suas identidades e valores culturais, resistindo às pressões externas que buscam homogeneizar suas práticas. A luta ética, portanto, não é apenas sobre a produção responsável, mas também sobre a afirmação de uma herança cultural rica e diversificada, que respeita e protege o meio ambiente enquanto fortalece a identidade coletiva.



 Artesã Maria Martins Lana, etnia Kubeo, da ASSAI, São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie.



Artesãs da ASSAI fazendo artesanato em São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie.

Reconhecemos que nem todas as lutas estão presentes de maneira clara em todos os municípios, mas a análise dessas dimensões permite compreender as variações e especificidades locais. É por meio dessas lutas que estruturamos o material do projeto, buscando oferecer uma visão holística e profunda do artesanato no Amazonas. Essa abordagem não apenas enriquece a compreensão do artesanato como prática cultural, mas também sublinha sua importância como motor de transformação social e cultural na região.



Singularidades Culturais e Sustentáveis dos Municípios do Amazonas

Cada município emblemático do Amazonas será abordado de maneira a destacar as contribuições específicas para o tecido cultural e social do Estado. Através de uma pesquisa minuciosa, exploramos as práticas de manejo sustentável adotadas pelos artesãos, evidenciando o respeito pelo tempo ecológico e os desafios logísticos enfrentados na comercialização das obras.

São Gabriel da Cachoeira

São Gabriel da Cachoeira, localizado no Alto Rio Negro, a 850 km de Manaus, é um dos municípios mais representativos do Amazonas. Conhecido como “Cabeça do Cachorro”, devido ao formato de seu território, o município é uma confluência de culturas indígenas e biodiversidade amazônica.



Distância entre Manaus e São Gabriel da Cachoeira. Imagem retirada do documentário “Mosaico Amazonas Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro” por Ribamar Xavier.

A cidade é um importante centro cultural indígena, com a oficialização de 17 línguas, incluindo o *nheengatu*.

A maior parte da população é constituída por diversas etnias indígenas como os Arapaso, Baniwa, Baré e Desana. O município abriga o Parque Nacional do Pico da Neblina e diversas terras indígenas, sendo um exemplo de convivência entre conservação ambiental e cultural.

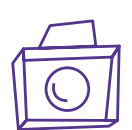


Saiba Mais

Também conhecido como tupi moderno, o *nheengatu* é uma língua indígena da família tupi-guarani que surgiu no século XIX a partir da língua geral amazônica, derivada do tupi antigo. É falado por milhares de indígenas e ribeirinhos na Amazônia, principalmente na região do rio Negro. Em 2023, foi declarado língua oficial do Amazonas, junto com outras 15 línguas indígenas.



O artesanato local é uma expressão rica das tradições indígenas, com cada grupo étnico especializado em diferentes tipos de artefatos. Os Tukano, por exemplo, são conhecidos pelos bancos de madeira, enquanto os Desana e Baniwa pelos balaios e raladores de mandioca. A matéria-prima é abundantemente encontrada na região, utilizando fibras, sementes e penas coloridas de aves.



À esquerda a artesã Alcimara Pereira Antônio, liderança da Comunidade Ambaúba do Rio Içana, com cestos Baniwa e à direita detalhes de cocares e outras cestarias na Casa Wariró.

Fotos por Sharlene Melanie

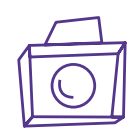


Confira os produtos disponíveis da Casa Wariró no Instagram.



Orla de São Gabriel da Cachoeira. Puranga pesika significa 'bem-vindo' em *nheengatu*.
Foto por Sharlene Melanie.

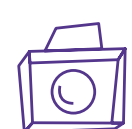
Além do artesanato, São Gabriel da Cachoeira oferece um vasto potencial turístico, com praias fluviais, serras e ilhas, ideais para o ecoturismo. As festividades culturais, como o Festribal, celebram as tradições indígenas, reforçando a identidade cultural do município.



Fim de semana na orla de São Gabriel da Cachoeira no alto rio Negro.
Foto por Sharlene Melanie.



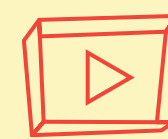
Veja outras imagens
da paisagem de São
Gabriel da Cachoeira.



Serra da Bela Adormecida ao fundo, em São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie

São Gabriel da Cachoeira foi escolhido como o **município central para a realização de entrevistas em profundidade, além dos registros de vídeos e fotos.** Essa escolha se deve à rica diversidade cultural e à presença significativa de comunidades indígenas, que oferecem um panorama abrangente das práticas artesanais e da relação com o meio ambiente. A profundidade das informações coletadas em São Gabriel da Cachoeira justifica-se pela necessidade de capturar a essência e a complexidade das interações culturais e ecológicas que moldam a região, servindo como um estudo de caso exemplar para o projeto. Outros municípios serão abordados, mas não com a mesma profundidade.

A **Terra Indígena Alto Rio Negro** foi considerada uma **área insubstituível** para a biodiversidade por um estudo publicado na revista científica *Science* em 2013. O estudo identificou **137 áreas no mundo** que se enquadram nessa categoria, com a **TI Alto Rio Negro ficando em sexto lugar entre os lugares mais importantes do mundo para a conservação da biodiversidade, como ressalta a FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro** (FOIRN, 2019, p. 29).



Assista ao episódio 01 do nosso Documentário **“Mosaico Amazonas Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro”** e conheça mais sobre o artesanato e a rica história de São Gabriel da Cachoeira.





O artesanato em São Gabriel da Cachoeira é uma ferramenta vital de sobrevivência econômica para muitas comunidades. A produção artesanal permite a utilização de recursos locais e conhecimentos tradicionais para criar produtos que são comercializados, proporcionando uma fonte de renda essencial. Além disso, a busca por um mercado justo e a valorização do trabalho artesanal são aspectos cruciais da luta instrumental na região.



A prática artesanal em São Gabriel da Cachoeira representa uma forma de resistência cultural e política. As comunidades locais utilizam o artesanato para preservar e transmitir suas tradições, conhecimentos e identidades culturais de geração em geração, adaptando-se e modernizando-se ao longo do tempo.



A luta ética envolve a afirmação de valores culturais através do artesanato. Em São Gabriel da Cachoeira, o artesanato não é apenas uma atividade econômica, mas também uma expressão profunda de identidade cultural dos povos indígenas da região. A preservação e transmissão dos conhecimentos e tradições artesanais fortalecem os laços sociais e culturais das comunidades, promovendo a coesão e a continuidade cultural.

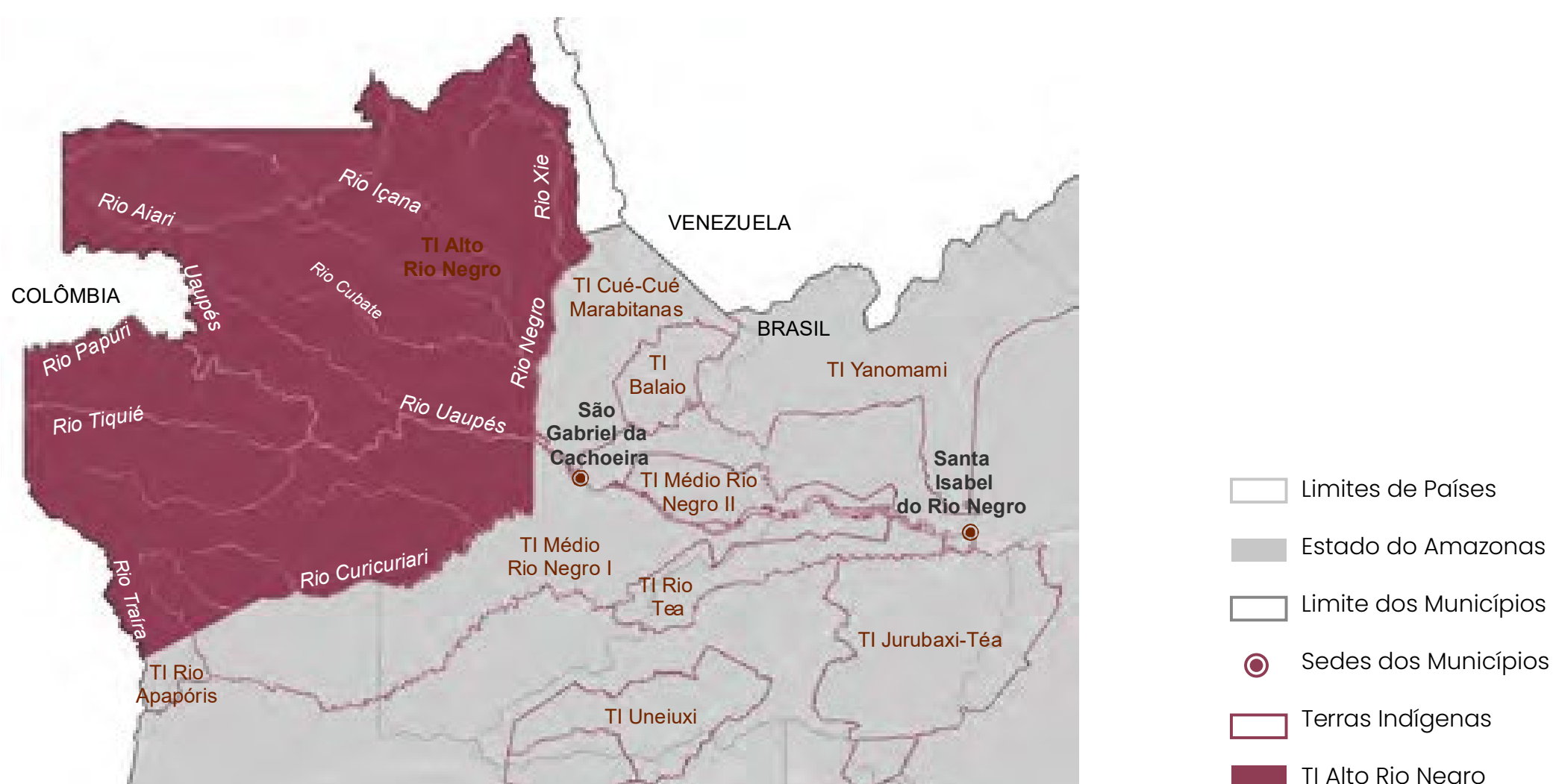
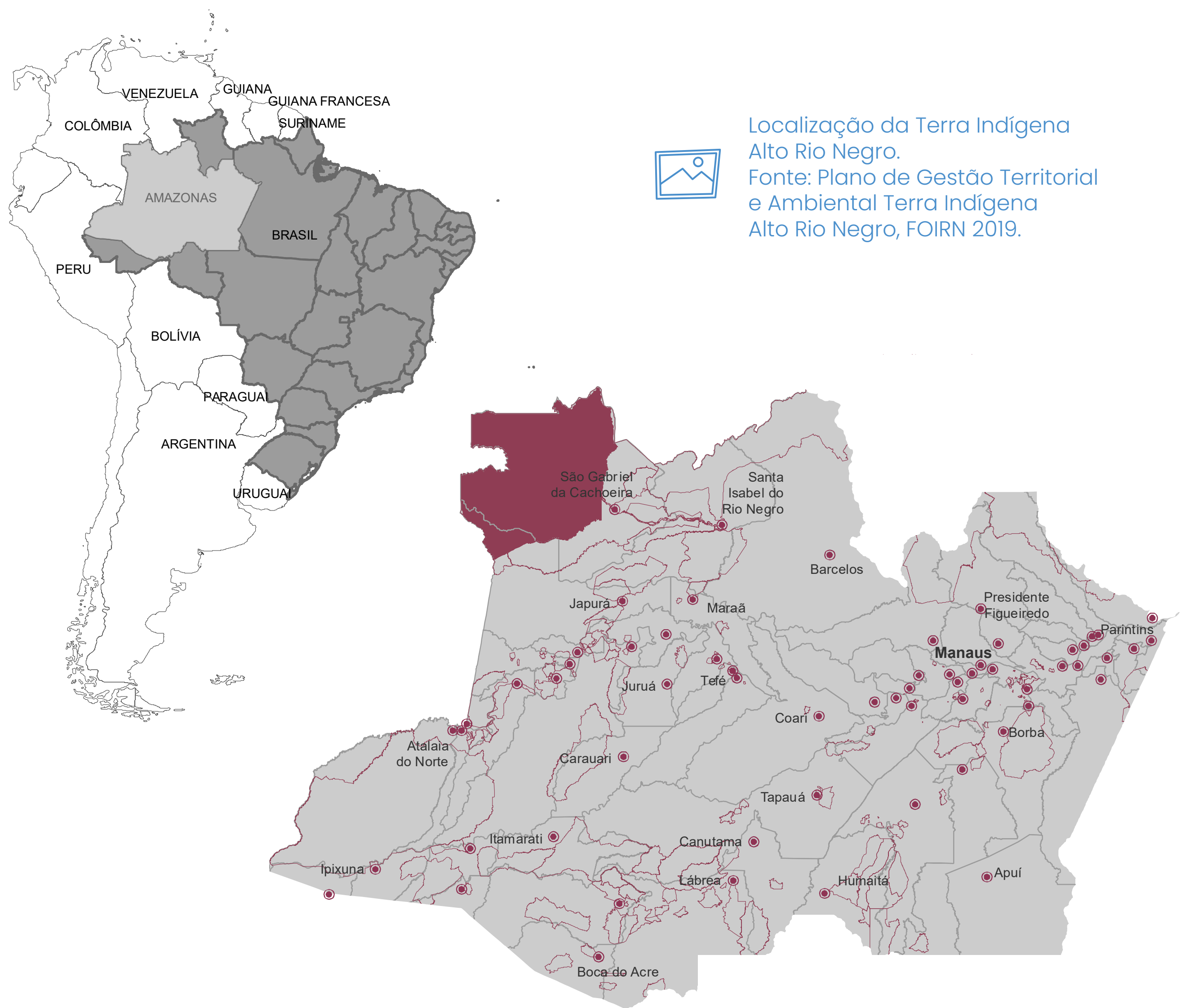
Para compreender melhor o contexto do território escolhido, São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, utilizamos informações do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Alto Rio Negro, realizado pela FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (2019).





A Terra Indígena Alto Rio Negro

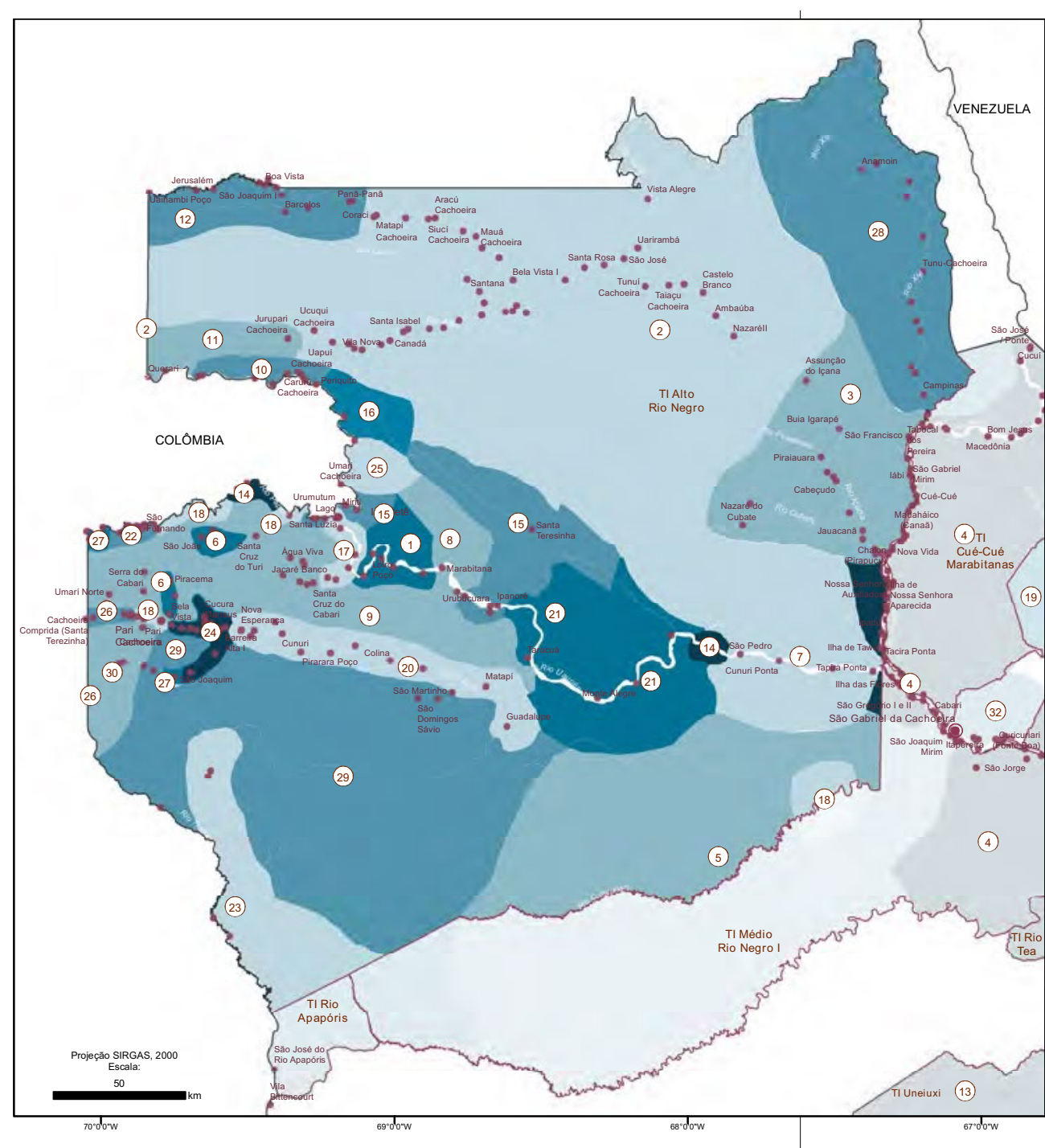
A Terra Indígena Alto Rio Negro, reconhecida oficialmente em 1996, é um dos maiores territórios indígenas do Brasil, abrangendo cerca de 8 milhões de hectares de rios e florestas. Aproximadamente 92% desse território está sob a jurisdição do município de São Gabriel da Cachoeira, enquanto os 8% restantes se encontram dentro dos limites do município vizinho, Japurá. Este vasto território abriga cerca de 280 comunidades e mais de 200 sítios, com uma população total de aproximadamente 18 mil pessoas (FOIRN, 2019).





Diversidade Étnica na Terra Indígena Alto Rio Negro

A Terra Indígena Alto Rio Negro é caracterizada por uma rica diversidade étnica. Entre as etnias presentes estão: Arapaso, Baniwa, Baré, Daw, Desana, Hupd'ah, Kotiria, Kubeo, Koripako, Nadëb, Pira-tapuya, Tariano, Tukano, Tuyuka, Werekena, Yuhupdeh, Yebamasã, Yanomami (FOIRN, 2019).



- Sede municipal
- Comunidades
- Limites de países
- Terras indígenas

Etnias

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1 Arapaso | 17 Tariano, Tukano, Desana, Piratapua |
| 2 Baniwa | 18 Tukano |
| 3 Baré, Baniwa | 19 Tukano, Desana |
| 4 Baré, Baniwa, Tukano | 20 Tukano, Desana, Miriritapua, Tuyuka |
| 5 Dáw | 21 Tukano, Desana, Piratapua |
| 6 Desana | 22 Tukano, Desana, Siriano |
| 7 Desana, Tariano, Tukano | 23 Tukano, Desana, Tuyuka |
| 8 Desana, Tariano, Tukano, Piratapua | 24 Tukano, Desana, Yuhupdéh |
| 9 Hupd'ah | 25 Tukano, Tariano |
| 10 Kotiria | 26 Tuyuka |
| 11 Kubeo | 27 Tuyuka, Tukano |
| 12 Koripako | 28 Werekena, Baré |
| 13 Nadëb | 29 Yuhupdéh |
| 14 Piratapua | 30 Yebamahsã |
| 15 Tariano | 31 Yanomami |
| 16 Tariano, Tukano, Desana | 32 Multiétnico |

Esse mapa retrata manchas aproximadas de predominância das etnias na região do alto rio Negro, nos dias atuais. Em cada mancha pode haver presença de outros povos (em menor número populacional) que não estão indicadas na legenda.

Diversidade étnica na Terra Indígena Alto Rio Negro.
 Fonte: Base cartográfica, IBGE; Áreas protegidas, ISA; Comunidades e diversidade étnica, ISA/FOIRN.



Entre a Diversidade e a Identidade

As três regiões descritas – bacia do rio Içana, Alto Rio Negro e Xié e bacia do rio Uaupés – constituem as três grandes áreas socioculturais dentro da Terra Indígena Alto Rio Negro. Apesar das especificidades regionais e da grande diversidade étnica e linguística, existe um horizonte cultural comum que conecta todos os povos numa extensa rede de relações e intercâmbios (FOIRN, 2019).





Atributos e Características Socioculturais

A economia da região é intrinsecamente ligada às práticas tradicionais, como o cultivo da mandioca, a agricultura, a pesca, a caça e a coleta. Esses produtos não apenas sustentam as famílias, mas também são trocados entre comunidades e grupos étnicos, fortalecendo uma rede de interdependência cultural e econômica. O processamento da mandioca brava, por exemplo, envolve técnicas ancestrais e o uso de equipamentos tradicionais como cestarias, ralos e cerâmicas. Esses utensílios são essenciais não apenas para a subsistência, mas também como itens de troca entre os diversos povos, simbolizando a continuidade e a troca de conhecimentos.

As moradias tradicionais, construídas em grandes malocas coletivas, são fundamentais para a vida comunitária. Elas servem como espaços cerimoniais e, recentemente, têm sido revitalizadas para usos em festas, cerimônias e reuniões coletivas, reforçando a identidade cultural e a coesão social. Além disso, as redes de troca de longa distância, tanto intra quanto inter-regionais, permitem a circulação de objetos de uso cotidiano e ritualístico. Essas redes são vitais para a troca de saberes, técnicas agrícolas e elementos cosmológicos, promovendo um intercâmbio cultural contínuo e enriquecedor.



Saiba Mais

Um tipo de cabana comunitária utilizada por alguns indígenas da região amazônica. Cada aldeia tem sua própria espécie de maloca, com características únicas que ajudam a distinguir um povo do outro. É feita, em sua maioria, com madeira e palha.



Maloca da escola Tukano Yupuri, comunidade São José do Meio, rio Tiquié, TI Alto Rio Negro, AM. Fonte: Pieter-Jan van der Veld/ISA, 2008)

Os ritos e cerimônias, profundamente enraizados nos ciclos do calendário ecológico-ritual, são expressões vivas das narrativas de origem e dos conhecimentos cosmológicos. Cerimônias como as que envolvem as flautas de jurupari e os dabucuris são momentos de grande significado, preservando e transmitindo tradições culturais que fortalecem a identidade coletiva e a continuidade das práticas ancestrais. Dessa forma, cada elemento – da economia à habitação, das redes de troca aos ritos – está interligado, formando um tecido cultural robusto que sustenta e celebra a diversidade e a riqueza da vida comunitária na região (FOIRN, 2019).

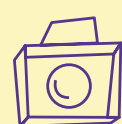


Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro: Patrimônio Cultural do Brasil

Em 2010, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) registrou o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro como patrimônio cultural do Brasil. Este sistema inclui saberes, fazeres e modos de transmissão de conhecimentos relacionados ao cultivo da mandioca brava, técnicas de manejo da roça, floresta e quintais, sistema alimentar, utensílios de processamento e armazenamento, bem como redes sociais de troca de plantas e conhecimentos (FOIRN, 2019).



Assista ao documentário **“A força feminina da Pimenta Baniwa”** produzido pelo Instituto Socioambiental e conheça mais sobre o processo, os costumes e os saberes do cultivo da pimenta Baniwa



Indígena da Comunidade Yamado produzindo a pimenta Baniwa e detalhes da pimenta jiquitaia em pó, um mix de vários tipos de pimentas. Fotos por Sharlene Melanie

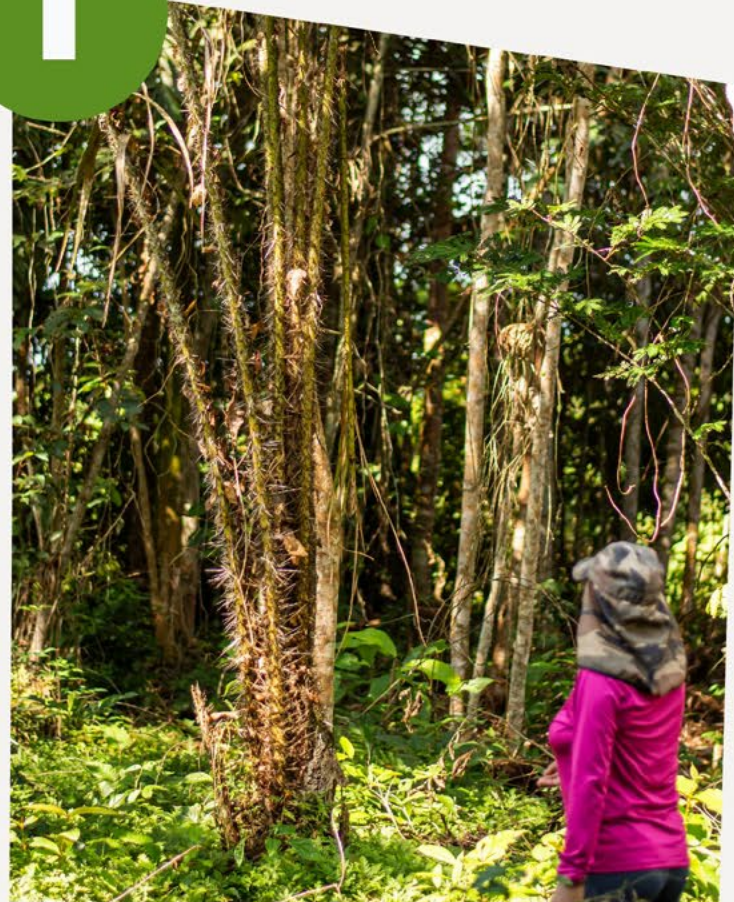
Coleta do Tucum

Por Maria de Jesus Miranda

Etnia Desana

Tesoureira e artesã da ASSAI

1



O tucum é uma palmeira coberta por espinhos e folhas. Seu fruto é muito consumido pelos amazonenses e dentro dele há uma espécie de coquinho, que é utilizado para a fabricação de outros tipos de artesanatos, especialmente acessórios.

3



A retirada das folhas é um processo trabalhoso devido aos espinhos no caule, folhas e palhas.

5



O conhecimento passado por gerações ajuda a escolher a folha que tem mais fibra de tucum.

2



Das folhas é feito o fio utilizado na tecelagem.

4



A escolha da palmeira é criteriosa e, por vezes, exige longas caminhadas na mata. O tucum é uma das poucas palmeiras do Amazonas cuja fibra pode ser extraída, utilizando uma técnica ancestral de manipulação das folha.

6



Em respeito ao crescimento da árvore, a folha jovem deve ser coletada a cada seis meses.

7

Retira-se os espinhos do talo e das palhas com cuidado e as folhas são amarradas para facilitar o transporte. Depois são lavadas com água para amolecer a fibra durante a retirada do tucum.

9

A fibra seca é penteada e depois puxada lentamente com as pontas dos dedos na espessura desejada.

11

Comumente, usa-se a perna para rodar e entrelaçar os fios, dando a forma do fio de tucum.

8

Lava-se a fibra com sabão até ficar clara e coloca para secar. Um procedimento que leva em média 4 dias.

10

Depois é realizado o tingimento, normalmente de forma natural com frutos e cascas.

12

O tucum também é conhecido como “linha da lealdade”, pois é tão forte que nunca se rompe. Nele é feito o tupé, que na língua tupi significa o “entrelaçar das palhas”.



13



Através do artesanato, o tucum é fonte de renda para muitas comunidades, principalmente indígenas e ribeirinhos.

15



Esses artesãos transformam sua trama em produtos complexos e com design que carrega a tecnologia ancestral, ao mesmo tempo que incorporam um olhar inovador para o futuro.

17



Devido às crises climáticas é necessário atenção para o uso consciente e valorização do artesanato com tucum para preservar esses conhecimentos e a biodiversidade amazônica.

14



Com o tempo e adaptação ao mercado, os artesanatos foram ganhando mais detalhes e aperfeiçoamentos, influenciados por cursos e exposições como os oferecidos pelo SEBRAE.

16



São inúmeros os artesanatos feitos de tucum e a cada dia ganham mais destaque e valorização como bolsas, roupas e acessórios.



Acesse ao episódio 4 do nosso documentário e assista sobre a coleta de tucum com a artesã Maria de Jesus.



Veja mais fotografias do processo de coleta do tucum, registrado na cidade de São Gabriel da Cachoeira - AM.



ABREU, R., & NUNES, N. L. **Tecendo a tradição e valorizando o conhecimento tradicional na Amazônia: o caso da "linha do tucum"**. Horizontes Antropológicos, 2012.

Coleta do Arumã

Por Alírio Souza dos Santos
& Por Hermes Ernesto Vitório
Comunidade Areal

1

A coleta do arumã na Comunidade Areal é realizada por todos os artesãos. Para isso, é essencial aprender a escolher corretamente o arumã, observando atentamente as folhagens

2

Para que o arumã possa crescer novamente, deve-se escolher aqueles com 8 folhas. Um processo que leva de 2 a 4 horas, com longas caminhadas pela mata, quando necessário.

3

Após a coleta, os talos são reunidos, amarrados e carregados nos ombros de volta à comunidade - o que, dependendo da distância, pode resultar em longas caminhadas.

4

Depois, as cascas dos talos são raspadas com faca para remover a superfície esverdeada e tornar a fibra mais maleável.

5

Em seguida, os talos são lavados no igarapé e postos para secar.



6

Caso o artesão queira usar grafismos em sua peça ou deixar o arumã colorido, precisará pintar o talo com os dedos antes de começar a extrair as fibras.



7

Após a secagem da pintura ao sol, começa-se a estalar o arumã. Primeiro, o talo é rachado ao meio, longitudinalmente, para que se extraiam as tiras.



8

Na sequência, são feitos cortes adicionais, no mesmo sentido, em cada tira, para remover o excesso de miolo.




9

Para deixar o arumã mais fino, faz-se uma pequena incisão na ponta e, com cuidado, as fibras são separadas e puxadas com os dedos para evitar machucados.



10



Além de ser realizado o procedimento com as pontas dos dedos das mãos, algumas pessoas seguram a fibra com a boca e com os dedos dos pés para estalar o arumã.

11

O processo total de estalagem pode levar até 2 dias. Quando as fibras atingem a espessura desejada, começa-se a tecer.

12

Com as tiras pintadas são produzidos trançados complexos que reproduzem grafismos indígenas, em sua maioria, nas cores vermelha ou preta.

13

O arumã é utilizado na confecção de urutus, balaios, luminárias, tipitis e outros artefatos que servem tanto para fins utilitários quanto decorativos.

14

Os trabalhos na Comunidade Areal são feitos de forma individual ou coletiva, a depender da demanda do mercado, variando a quantidade de confecção mensal.

15

Com o avanço da crise climática, o arumã está se tornando cada vez mais escasso e o replantio nas comunidades se torna necessário, pois é uma matéria-prima fundamental para esse tipo de artesanato.



Acesse ao episódio 4 do nosso documentário e assista sobre a coleta de arumã na Comunidade Areal.



Veja mais fotografias do processo de coleta do arumã, registrado na cidade de São Gabriel da Cachoeira - AM.

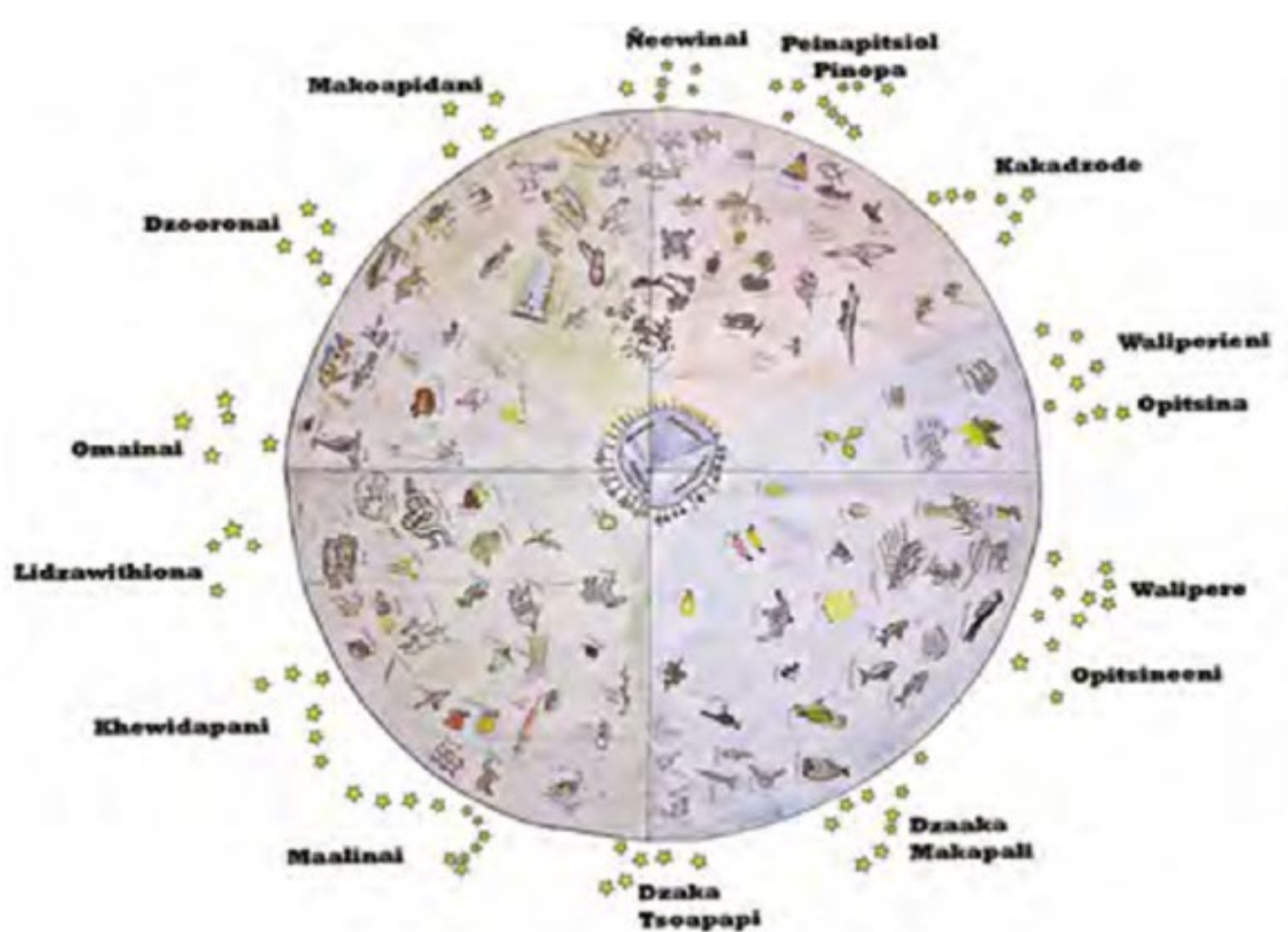


Manejo e Proteção do Mundo para os Povos Baniwa e Koripako

Os heróis-míticos transmitiram aos povos Baniwa e Koripako conhecimentos sobre as constelações e ciclos naturais, orientando sobre benzimentos, respeito aos lugares sagrados e valores culturais. As constelações orientam o manejo do mundo, influenciando atividades como a abertura de roças, pesca, caça, rituais de purificação e celebração (FOIRN, 2019, pg. 42 e 47).



Calendário anual feito pelos Agentes Indígenas de Manejo Ambiental (AIMAs) do rio Tiquié, na Terra Indígena Alto Rio Negro. Fonte: FOIRN, 2019, pg. 42.



Ciclo Anual Baniwa elaborado pelos agentes indígenas de manejo ambiental (AIMAs) da bacia do rio Içana, no âmbito do Projeto de Monitoramento Ambiental e Climático. Fonte: FOIRN, 2019, pg. 47.



Cachoeira de Iauaretê: Patrimônio Cultural do Brasil

Em 2006, o IPHAN reconheceu a Cachoeira da Onça, em Iauaretê, médio Uaupés, como Patrimônio Cultural do Brasil e lugar sagrado dos povos indígenas da região. Este reconhecimento incentivou novas iniciativas de documentação e valorização de lugares sagrados no alto rio Negro (FOIRN, 2019).



Destques do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)

“ Antigamente, os pais repassavam todos os ensinamentos para os filhos, ensinamentos de benzimentos, dos lugares sagrados dentro do seu território, dos limites de sua área, indicando onde podia encontrar a fartura de peixes e caça. Por isso os filhos respeitavam e não ultrapassavam os limites do território das outras comunidades. Mas atualmente muitos não conhecem mais os limites do território deixados pelos antepassados, por isso há conflitos. ”

Registro realizado durante Fórum de Consulta do PGTA na comunidade Loiro, médio Uaupés, 2017 (FOIRN, 2019, p. 70).

“ Os benzimentos estão sendo esquecidos pelos mais novos. Isso é uma coisa grave, porque são importantes para nós. Eles devem ser valorizados para as futuras gerações. Pois quando os velhos se forem, o que será de nossa cultura? O PGTA está sendo preparado para os nossos filhos, netos, bisnetos. Tudo isso deve ser bem pensado. ”

Registro realizado durante Fórum de Consulta do PGTA em Iauaretê, médio Uaupés, 2017 (FOIRN, 2019, p. 70).

“ Antigamente havia forma própria de ensinar e educar os jovens. Transmissão dos conhecimentos era através dos rituais, das práticas, das danças em certas épocas e era feito em lugares específicos. Hoje já perdemos muito, precisamos resgatar e fortalecer a cultura. ”

Registro realizado durante Fórum de Consulta do PGTA na comunidade Assunção, baixo Içana, 2017 (FOIRN, 2019, p. 70).

“ **Hoje estamos perdendo até mesmo a prática do artesanato, substituindo por coisas dos brancos.** Sem isso, vamos perdendo a nossa cultura. É por isso que esses conhecimentos precisam ser ensinados pelos pais, ensinado na escola. Alunos devem aprender artesanato, nossos cantos, nossas danças, nossas histórias. ”

Registro realizado durante Fórum de Consulta do PGTA, comunidade Querari, alto Uaupés, 2017 (FOIRN, 2019, p. 70).

“ Estamos aqui lembrando como estamos tratando esse território, ninguém está inventando, esse é o território de ocupação de nossos antepassados. Agora temos que pensar em propostas para proteger esse território. Como vamos cuidar dele? É o momento de falar de manejo, de gestão, quando eu penso nisso eu penso assim: muita gente tem dificuldade de entender o que é manejo, o que é gestão. Para mim é cuidar do território para viver bem, para nossos filhos: pescar, sustentar nossa família, comer bem, com fartura. Já que o território nosso é grande, temos essa fartura. Não sei como pensam os outros... nunca falam que o território está vazio, sem gente, porque temos aí jovens crescendo, casando, eles que vão precisar desse território... no futuro vão precisar se deslocar para buscar outras terras, mais férteis, como sempre fizeram nossos avôs... eles já estão fazendo isso. ”

Chiquinho, Tukano, morador da comunidade Ananás, baixo Uaupés (FOIRN, 2019, p. 71).



Gilda da Silva Barreto



Etnia Baré | Loja Uirapuru

“ O artesanato na minha vida, desde criança, é um conhecimento passado de geração em geração da parte da minha mãe, que foi me ensinando desde pequena. Na minha adolescência larguei um pouco e quando fiquei adulta, comecei a trabalhar nas instituições onde havia muita necessidade na questão de geração de renda. ”

Profissão: artesã, empreendedora e liderança indígena
Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp
Comercialização: nacional
Maior desafio da comercialização: custo no transporte
Principais matérias-primas: fibra de tucum, fibra de buriti e tingimento natural

“ Hoje eu vivo dessas ideias. ”

Gilda sobre seu processo de viver através da inovação e ajuda do SEBRAE e do designer Sérgio Matos.

UIRAPURU SABORES DO RIO NEGRO

PIX 405 913 28291 | (97) 9 8405-2203
 gdsb.uirapuru@gmail.com



Conheça a Loja Uirapuru e seus produtos

Veja mais fotos de Gilda Barreto

“ Tudo tem que se iniciar com pequena colaboração, mas depois tem que caminhar com suas próprias pernas. ”

“ O mundo está se evoluindo e também nossa cultura que era parada e estagnada no passado, hoje ela volta a viver de novo. Muita gente está vivendo da sua própria cultura, vendendo, gerando sua própria renda dentro da sua família. ”

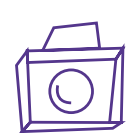


Artesã Gilda Barreto em sua Loja Uirapuru, em São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie

Produtos Loja Uirapuru



Balaios
Material: arumã



Artesanatos indígenas de
diversas etnias da Loja Uirapuru
Fotos por Sharlene Melanie



Jarro
Material: arumã

Produtos Loja Uirapuru



Canoa
Material: madeira



Barco
Material: madeira



Mapa de São Gabriel
Material: madeira



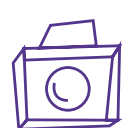
**Uayapá
(chocalho do pé)**
Materiais: semente de cipó trepadeira
da Amazônia e fio de fibra de tucum



Vaso
Material: argila



Samburá (porta joia)
Materiais: madeira e cipó



Duda Gonçalves Saldanha



Etnia Kubeo | Autônomo

Profissão: artesão e empreendedor

Canais de venda:

Instagram

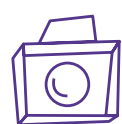
Comercialização: nacional

Matérias-primas: fibras, sementes e tintura natural

Peças: decoração e acessórios



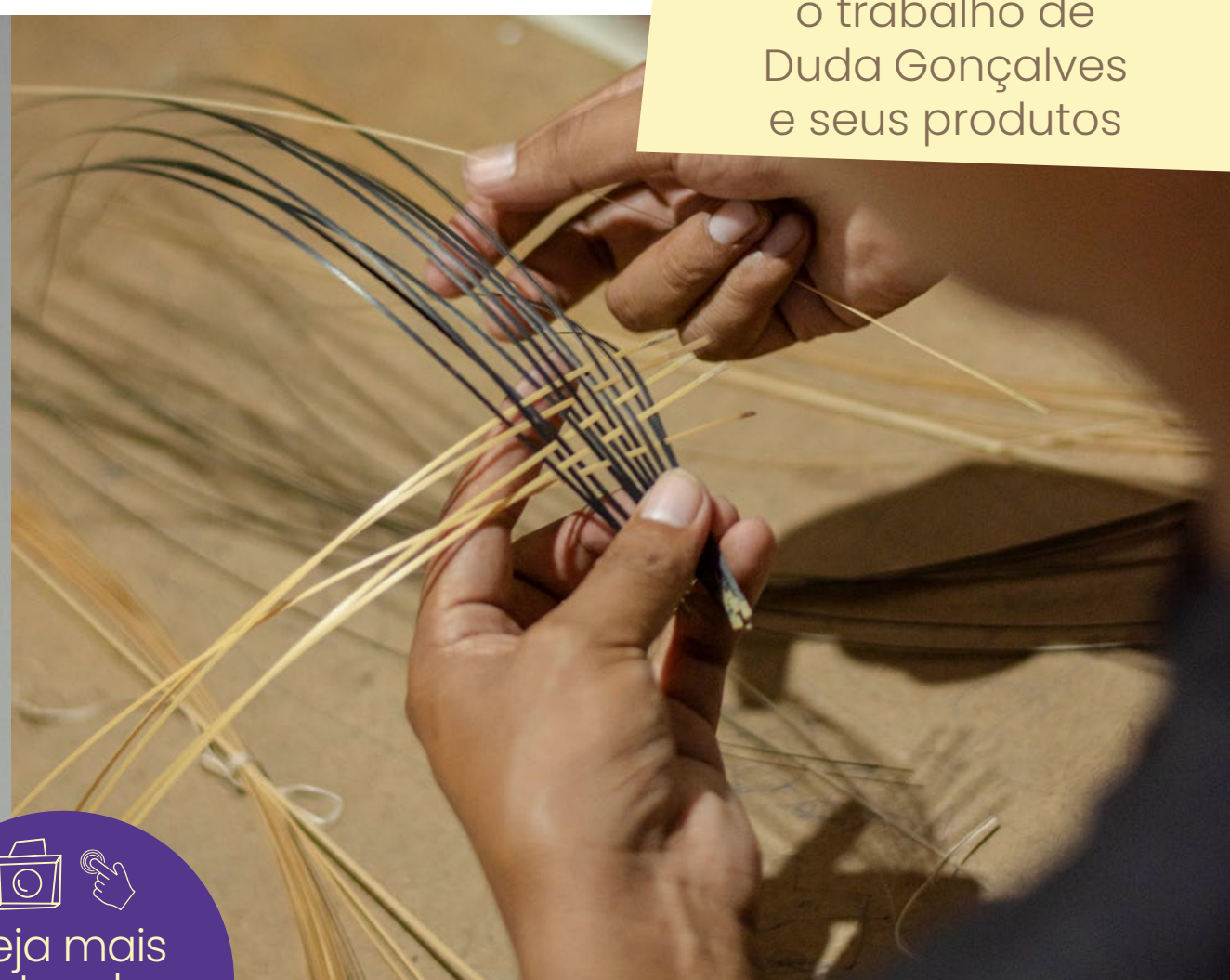
“Lembro como se fosse hoje. É algo que nunca tinha feito na vida e consegui vender a primeira peça, consegui o dinheiro que nunca pensei que conseguiria na cidade.”



Duda Gonçalves Saldanha mostrando seu artesanato em São Gabriel da Cachoeira. Fotos por Sharlene Melanie



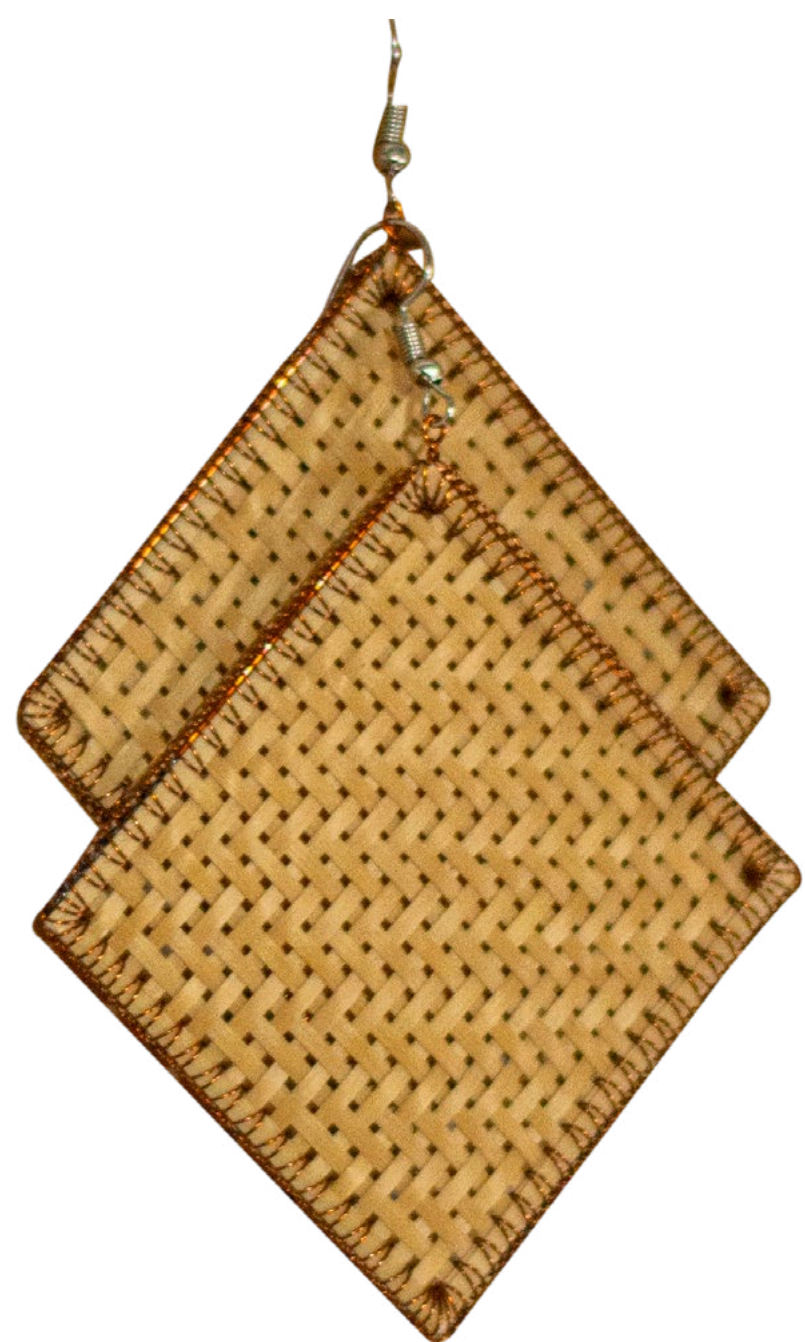
Conheça mais o trabalho de Duda Gonçalves e seus produtos



Veja mais fotos de Duda Gonçalves

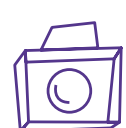


Produtos Duda



Brincos

Material: arumã e cobre



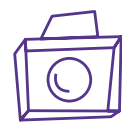
Janete Mara Martins Lana

Etnia Tariana | Empreendedora autônoma

Profissão: Artesã e empreendedora

“A gente se concentra assim, pra dá o resultado melhor. Um ponto positivo, o trabalho com amor. Toda nossa dedicação entra aqui. É tipo, é com amor mesmo assim. Quando eu vou criar uma peça eu nunca penso no valor do produto, mas o amor que a gente tem, a gente coloca no produto.”

Artesã Janete Mara com a peça em formato de pulmão, desenvolvido em parceria com Sioduhi. Foto por Sharlene Melanie



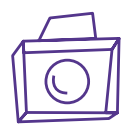
Veja mais fotos de Janete Mara

“A gente pensou no que está acontecendo no meio ambiente, principalmente no pulmão. Isso era mais importante para cada ser humano, da vida. Que é muito lixo, muita poeira, tudo isso entrou que ele (estilista Sioduhi) podia explicar em cima dessa peça. Que a gente tinha que ter cuidado com o nosso pulmão, o nosso corpo, que é a vida.”



Saiba Mais

Janete foi convidada pelo designer de moda indígena Sioduhi para a cocriação de algumas peças para a coleção “Amõ Numiã” lançada em 2023 que aborda temas como a crise climática e histórias ancestrais das mulheres do Alto Rio Negro.



Capacete saberes rionegrinos para o desfile no II Encontro Geral de Produtores do Rio Negro
Realização: @casa.wariro @foirn
Direção criativa: @sioduhi
Fotografia: @paulodesana.sgc
Cocriação: @assaisgc @inaru.eyawa @janete_tariana



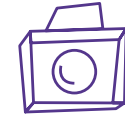
Conheça os produtos de Janete Mara



Conheça o trabalho do designer de moda Sioduhi



Produtos Janete Mara em parceria com Sioduhi



Top pulmão apresentado no desfile da Sioduhi Studio no II Encontro Geral de Produtores do Rio Negro em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Realização: @casa.wariro @foirn Direção criativa: @sioduhi Cocriação: @janete_tariana @assaisgc @inaru.eyawa Fotografia: @lucasbonny_ @fasamazonia



Editorial assinado na seca histórica do Amazonas
Direção Criativa: @sioduhiw
Fotografia: @rivotrist
Stylist: @m4fell
Modelo: @sendibare



janete martins

Indígena do Povo Tariano, residente na cidade São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Aplica diversas técnicas milenares como pontos de puçá, ponto osso de muçum e outros, já colaborou com diversos designers.

Capacete conhecimento e Cropped omé para coleção "Amô Numiã" 2023-2024

SIODUHI



Capacete saberes rionegrinos + cropped omé (oxigênio). Coleção "Amô Numiã: ontem, hoje e amanhã" criado por sioduhi e Janete Mara. Foto por @einarjimeneztrancoso e @estudiusconet

Associação dos Artesãos Indígenas (ASSAI)



Quantas associadas: 45 mulheres
Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp
Maior desafio da Comercialização: divulgação
Principal matéria-prima: fibra de tucum

Cecília Barbosa Albuquerque



Nome indígena Werkó Pakó (mãe do papagaio)
Etnia Piratapuaia | **Associação** ASSAI



Veja mais fotos da ASSAI

Fundadora da ASSAI
Profissão: Bacharel em Letras, aposentada como professora e artesã

“ Falta recurso para animar as artesãs. ”

Sobre a dificuldade de comercialização

“ Tanto medicina tradicional e artesanato, na minha vida, é importante como parte da valorização da cultura. ”

“ Que cada vez mais possam vir mais jovens participar pra não deixar morrer nossa cultura. Com certeza, aquilo que nós sabemos, as senhoras de idade, o dia que morrer a gente vai levar tudo que sabemos. Então, a gente espera que a ASSAI possa trabalhar mais com a juventude para poder transmitir esse nosso conhecimento, que é muito importante pra nós e para eles mesmos futuramente. ”



Cecília Albuquerque na sede da ASSAI em São Gabriel da Cachoeira.
Fotos por Sharlene Melanie


Maria de Jesus da Silva Miranda

Etnia Desana | Associação ASSAI

Cargo: tesoureira
Profissão: artesã e agricultora familiar

“ Eu viso muito o bem estar da associação, das artesãs, mas pra isso acontecer a gente tem que estar unidos. Não é só pela questão financeira, a gente tem também que estar unidos na questão pessoal, unidos nos trabalhos. ”



 Maria de Jesus da Silva Miranda na sede da ASSAI em São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie

Fátima dos Santos Gonçalves

Etnia Dessana | Associação ASSAI

Profissão: artesã

“ O artesanato pra mim foi muito importante nesse período que eu fiquei desempregada.

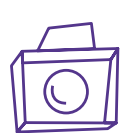
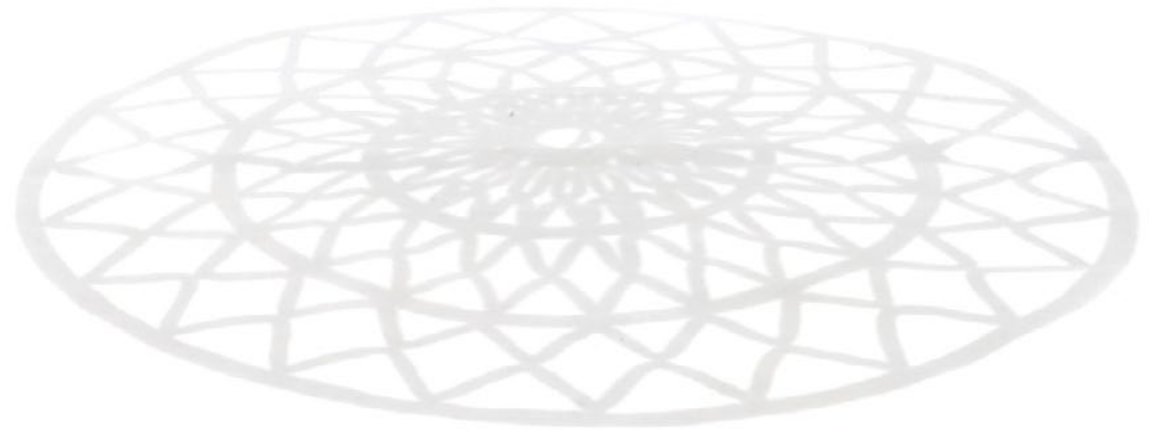
Cada dia eu quero aperfeiçoar a técnica de finalização, tudinho direitinho, para vender um produto de qualidade. ”



 Fátima dos Santos Gonçalves na sede da ASSAI em São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie

Produtos ASSAI

Luminárias
Material: tucum



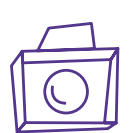
Produtos ASSAI



Bolsa
Material: tucum



Bolsa
Materiais: piaçava,
tucum, tecido e madeira



Produtos ASSAI



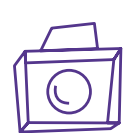
Fruteira Folha Wambé
Material: fibra de arumã



Samburá
Material: tucum



Porta Garrafa
Material: tucum





Comunidade Yamado

38 famílias, aproximadamente 168 pessoas

Irineu Laureano Rodrigues



Etnia Baniwa | Comunidade Yamado

Profissão: artesão e liderança comunitária



“A gente tá sofrendo por consequência dos atos, desculpe eu falar, mas dos homens brancos, entendeu!? Porque nós que estamos aqui, a gente não tá destruindo a floresta, a mata, devastando, a gente não tá fazendo, mas grandes centros urbanos, por exemplo, quebram os lugares sagrados pra nós. Então, a própria mãe natureza fica furiosa de tanta maldade que a humanidade está causando pra ela.”

 
Veja mais fotos da Comunidade Yamado



Irineu Laureano Rodrigues na Comunidade Yamado em São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie

Alcir Ricardo Rodrigues

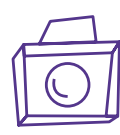


Etnia Baniwa | Comunidade Yamado

Profissão: artesão e professor



“Nós precisamos revitalizar nossa cultura, porque nós adultos sabemos, só que nossos filhos não mais, porque nós não contamos mais histórias.”



Alcir Ricardo Rodrigues na Comunidade Yamado em São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie

Produtos **Comunidade Yamado**

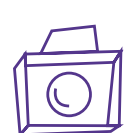
Luminárias

Material: fibra de arumã



Cestarias

Material: fibra de arumã



Artesanatos Baniwa da Comunidade Yamado.
Fotos por Sérgio Matos e Sharlene Melanie

Produtos **Comunidade Yamado**



Centro de mesa
Material: fibra de arumã



Centro de mesa
Material: fibra de ambé





CASA Wariró

A Casa Wariró atende mais de 300 artesãos.

Os povos que fazem artesanatos para a Casa Wariró incluem: Arapaso, Baniwa, Barasana, Baré, Dâw, Desano, Hupd"ah, Koripaco, Kubeo, Piratapuaia, Tariano, Tukano, Warekena e Yanomami. **Dos 24 povos existentes no Rio Negro**, conseguimos representar a diversidade em artesanatos de 13 etnias da região. Os demais povos não produzem para nós, vendem em outros locais ou realmente não trabalham com a produção de artesanatos. Muitas vezes, aqueles que não fazem artesanatos vivem de outras cadeias produtivas, como a agricultura, na produção de farinha, beiju, curada (beiju mole) e outros produtos do sistema agrícola tradicional, como tucupi e pimenta.



Quantos artesãos: mais de 300

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Principais matérias-primas: fibras, penas, madeiras, argilas e sementes

Alcimara Pereira Antônio



Etnia Baniwa | **Comunidade** Ambaúba – Rio Içana

Profissão: artesã, líder comunitária e comerciante

“A gente está lutando muito pras nossas vidas. Esses materiais, esses produtos que também trazem para nós renda familiar, vamos dizer assim. Faz tempo que as pessoas e produtores ficam desanimados de trabalhar porque não tinha onde vender, tinham dificuldade pra vender, mas hoje em dia os produtores estão cada vez mais fortalecidos, cada vez mais procurando saber. Jovens também que ainda nunca aprendeu, estão atrás disso, também estamos lutando por eles para que a nossa cultura, nosso conhecimento não pode acabar.”



Alcimara Pereira Antônio vendendo o artesanato de sua comunidade na Casa Wariró em São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie

Eli Castro



Etnia Baré | Casa Wariró

Profissão: vendedor, atendente comercial da Wariró

“ Os nossos produtos saem de balsa até Manaus que leva 7 dias e de Manaus pra fora a gente tem uma transportadora com parceria com a FOIRN, Casa Wariró, que levam os produtos até o destino final. Esses produtos eles vão pela transportadora via terrestre. Demoram um pouco mais, são de 30 a 50 dias. Pode ser que demorem um pouco mais, porque a gente tem o problema em São Gabriel, que é sempre no período de setembro para outubro, que é uma seca severa que acontece na nossa região. Não só na nossa região, mas no Amazonas como todo. ”



Eli Castro, vendedor e atendente comercial na Casa Wariró em São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie

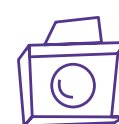
Rosângela Fidelis Martiniano



Etnia Baré | Casa Wariró

Profissão: Gerente da Casa Wariró

“ O artesanato ele é selecionado por categoria de qualidade e tem uma diferença na questão do preço (...) É uma diferença bem pouquinho na porcentagem do artesanato pra justamente não desmotivar o artesão a confeccionar, ou seja, ele fazendo cada vez mais, ele vai ter mais qualidade no seu artesanato, porque tudo é questão de prática (...) As medidas que fazemos no artesanato na hora da conferência é justamente para identificar o tamanho do artesanato. Então com base nesse tamanho que fazemos o pagamento. ”



Rosângela Fidelis Martiniano gerente da Casa Wariró em São Gabriel da Cachoeira. Foto por Sharlene Melanie

Produtos Casa Wariró



Panela Tukano
Material: argila



Máscara Kubeo
Material: casca da árvore tururí



Suporte com cuia
Material: fruto da cueira



Produtos Casa Wariró



Samburá Baniwa
Material: arumã



Balaio
Material: arumã



Banco Tukano
Material: madeira





Comunidade Areal

26 famílias, aproximadamente 120 pessoas

Alírio Souza dos Santos



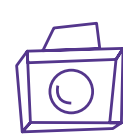
Etnia Baniwa | Comunidade Areal

Profissão: artesão

“ Para chegar numa peça como essa (sobre a luminária que carrega) dá muito trabalho (...). Aqui na Comunidade Areal são só 3 pessoas que conseguem fazer essa luminária (...) Para chegar aqui demorou muito tempo para concluir o projeto(...), mas graças a Deus já estamos negociando. Nossa maior dificuldade é o mercado (...), pois o frete é muito caro. ”



 
Veja mais fotos da Comunidade Areal



Artesão Alírio Souza dos Santos na Comunidade Areal, em São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie

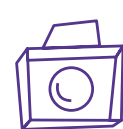
Juciane Garcia Vitorino



Etnia Baniwa | Comunidade Areal

Profissão: jovem artesã

“ Eu desde 12 em diante, comecei a aprender com minha vó Júlia (...) Eu aprendi a tecer o balaio com ela. Ela me ensinou passo a passo do começo ao fim. Foi aí que eu comecei a ver o artesanato como um grande passatempo para nós quando a gente ainda tá começando...Foi a partir daí que eu comecei a ter contato com o nosso arumã. ”



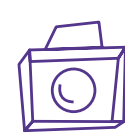
Jovem artesã Juciane Garcia Vitorino na Comunidade Areal, em São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie

Júlia Paminare Pinto

Etnia Koripaco | Comunidade Areal

Profissão: artesã anciã

“ Como eu já falei, eu tenho muitos netos. Eu fico bastante alegre que eles vêm aprendendo nossa cultura. ”



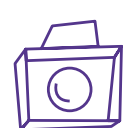
Artesã Júlia Paminare Pinto na Comunidade Areal, em São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie

Hermes Ernesto Vitório

Etnia Baniwa | Comunidade Areal

Profissão: artesão e Tuxaua da Comunidade

“ Essa nossa arte, nossa cultura veio dos nossos antepassados, nossas avós, nossos avôs. Tudo (...) A gente tem que ensinar os nossos filhos, falar na nossa língua, escrever na nossa língua, importante. Isso é nosso. Dificilmente a gente esquece nossa cultura. ”



Artesão Hermes Ernesto Vitório na Comunidade Areal, em São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Sharlene Melanie

Produtos Comunidade Areal



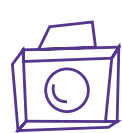
Luminárias
Material: arumã



Cestarias
Material: arumã



Vaso
Material: arumã



Artesanatos indígenas da
Comunidade Areal.
Fotos por Sharlene Melanie.

Série documental

Descubra a Essência do Artesanato Amazônico. Convidamos você a explorar uma série de vídeos que revelam a riqueza e a autenticidade do artesanato no coração da Amazônia. Esta série documental oferece uma experiência única ao destacar a importância cultural e a beleza das tradições artesanais da região.

Vozes dos Artesãos: Histórias Inspiradoras
Os vídeos vão além do simples registro de técnicas, capturando as vozes e experiências dos artesãos. Ao refletirem sobre suas práticas de manejo sustentável, esses relatos proporcionam uma compreensão mais profunda do respeito pelo tempo ecológico e pela tradição que cada peça de artesanato representa.



Veja o making of do documentário



Making of da gravação do documentário na Assai.
Fotos por Sharlene Melanie.



 **Ep. 01** 

Assista ao **episódio 01** do nosso Documentário com a temática: **Histórias e tradições do artesanato indígena no Amazonas**



 **Ep. 02** 

Assista ao **episódio 02** do nosso Documentário com a temática: **O artesanato como identidade e preservação da cultura.**



 **Ep. 03** 

Assista ao **episódio 03** do nosso Documentário com a temática: **O artesanato como luta pela sobrevivência econômica.**



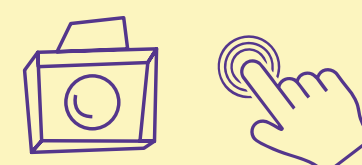
 **Ep. 04** 

Assista ao **episódio 04** do nosso Documentário com a temática: **Justiça social, preservação ambiental e desafios na comercialização do artesanato em São Gabriel da Cachoeira.**



 **Ep. 05** 

Assista ao **episódio 05** do nosso Documentário com a temática: **Valorização do trabalho manual e preservação das tradições.**

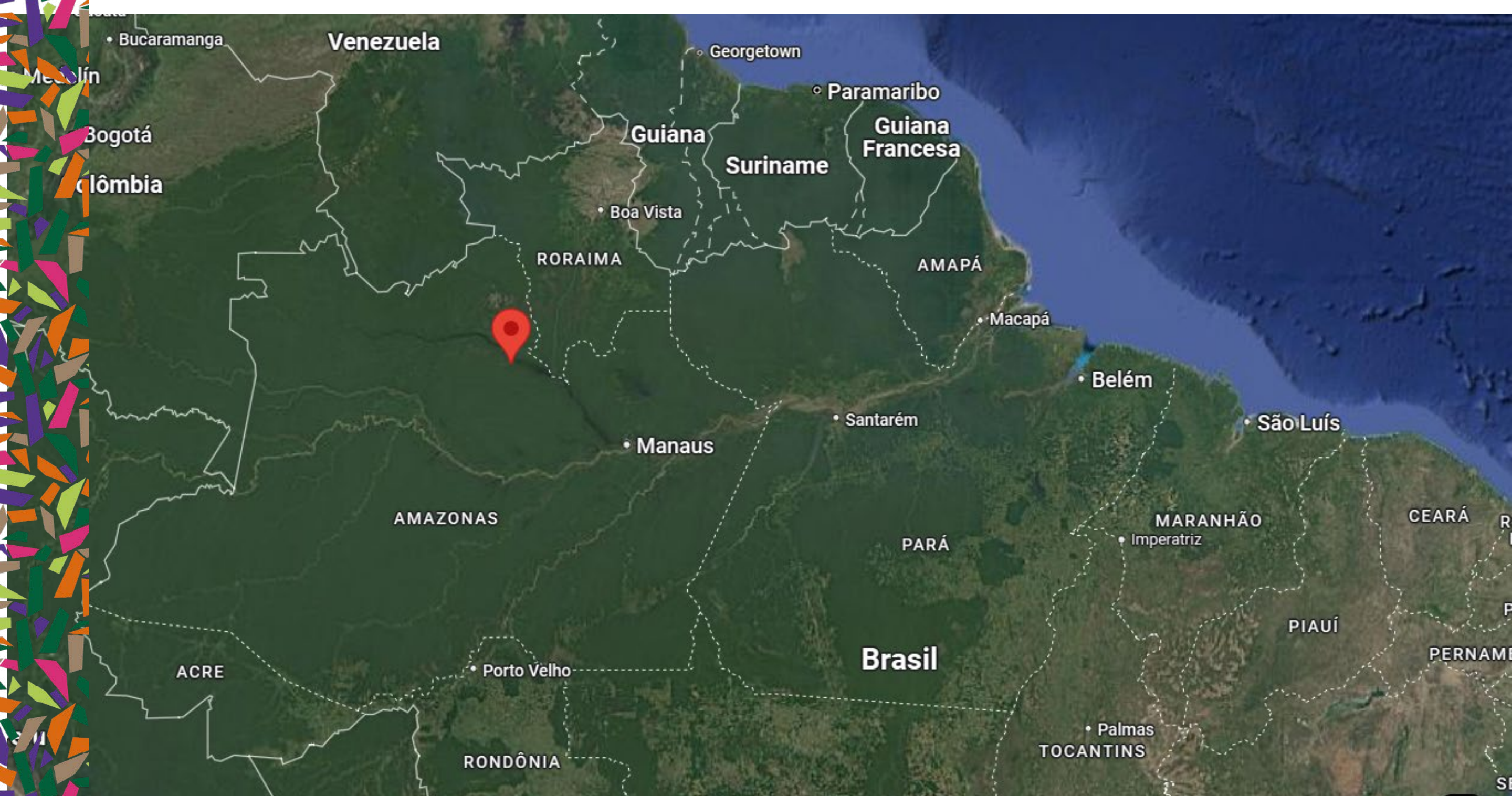


Veja as fotografias registradas durante a gravação do documentário em São Gabriel da Cachoeira.

Barcelos

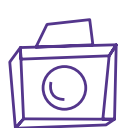
Barcelos, situada na margem direita do Rio Negro a 405 km de Manaus, é uma cidade rica em história e cultura, acessível tanto por via fluvial, em uma viagem que dura em média 26 horas, quanto por seu aeroporto para aviões de pequeno e médio porte. Com uma população de 18.831 habitantes segundo o Censo de 2022, Barcelos foi fundada em 6 de maio de 1728 como Missão de Nossa Senhora da Conceição de Mariuá e serviu como a primeira capital da província do Amazonas até 1791. É habitada por diversas etnias indígenas, incluindo os Baniwa, Kuripako, Baré, Werekena e Tariana, que enriquecem a cultura e o artesanato locais.

Conhecida como a “Capital do Peixe Ornamental”, Barcelos exporta mais de 20 milhões de peixes ornamentais anualmente. Uma atividade que, junto com a agropecuária e o artesanato em piaçava, sustenta a economia local. Inserida no bioma amazônico, a cidade abriga o maior arquipélago fluvial do mundo, Mariuá, e a cachoeira do El Dorado, a maior queda livre do Brasil.



Localização de Barcelos, no estado do Amazonas.

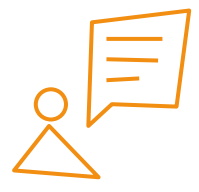
A cultura local é vibrante, com festas religiosas e folclóricas como a Festa do Peixe Ornamental. O artesanato é reconhecido pelo uso de fibras regionais como piaçava, arumã e tucumã. O Núcleo de Arte e Cultura Indígena de Barcelos (NACIB) e a Associação Indígena de Barcelos (Asiba) promovem a produção artesanal, que fortalece a identidade cultural e contribui para o desenvolvimento sustentável da região. Barcelos é exemplo de união entre tradição e sustentabilidade, criando oportunidades econômicas e sociais enquanto celebra a diversidade cultural e natural da Amazônia.



Orla da cidade de Barcelos - AM.
Foto por Felipe Abreu.



Núcleo de Arte e Cultura Indígena de Barcelos (Nacib)



Entrevista com Dinalva Campos



Estrutura e Envolvimento

O NACIB é composto por aproximadamente 60 artesãos, embora nem todos participem regularmente da produção. Entre eles, destaca-se um grupo de 15 jovens associados, que demonstram grande interesse em dar continuidade ao trabalho do Núcleo. Dinalva destaca o papel de sua mãe, Maria Aparecida Duque Dias, coordenadora geral, que trabalha com crianças de 10 a 15 anos. Essas crianças se dedicam à produção de leques, mas só podem participar se estiverem indo bem na escola. Além de receberem remuneração, o que ajuda suas famílias, as crianças se mantêm ocupadas com atividades produtivas. “O leque é um produto que eu realmente não consigo fazer, é muito difícil”, confessa Dinalva Campos, ressaltando o desafio e a habilidade necessárias para essa arte.



A história do movimento indígena em Barcelos começou na família de Dinalva Duque de Campos, em 1999. O pai dela, Clarindo Chagas Campos, da etnia Tariana, que foi uma das lideranças na região. A mãe, Maria Aparecida Duque Dias, da etnia Tukano, iniciou o movimento das Mulheres Indígenas em 2001. Para ela não se tratava apenas de discutir direitos, mas de criar oportunidades de geração de renda para as mulheres. Para fortalecer esses direitos, Maria Aparecida começou a trabalhar na Associação Indígena de Barcelos (ASIBA), onde se dedicou a projetos e realizou viagens às comunidades.

Inicialmente, a ASIBA foi criada com o objetivo de promover a cultura indígena, construindo maloca, vendendo comida e artesanato. Em 2005, antes do surgimento do NACIB, Dinalva começou a participar do Movimento Indígena dos Jovens, aprendendo a fazer artesanato com sua mãe desde os 13 anos. Desde criança, Dinalva trabalhava para gerar renda, vendendo artesanato natural como redes. “A gente vendia para poder comer naquele dia,” relembra, destacando a importância do trabalho artesanal para a sobrevivência diária.

O pai de Dinalva, ao chegar na ASIBA, começou a enfatizar a importância de fortalecer a terra, a língua e a identidade indígena. Ele foi visto como um visionário, embora muitos o considerassem louco, afirmando que os indígenas não existiam mais. No entanto, a persistência dele ajudou a moldar a visão do movimento.



O Núcleo tem como uma das principais missões promover o respeito mútuo entre os membros, combatendo a ideia culturalmente enraizada de que o homem possui superioridade sobre a mulher. A luta é por parceria e igualdade, onde homens e mulheres trabalham lado a lado com respeito e cooperação. Já se observa uma colaboração crescente entre as mulheres, refletindo um avanço significativo.

Dinalva Campos também participa de movimentos indígenas, conectando-se com grandes organizações como a Associação Indígena de Barcelos (ASIBA) e a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) em Brasília, que articulam e repassam informações cruciais para as reuniões do Núcleo. A irmã de Dinalva, Vitória, atua como articuladora da FOIRN, trabalhando diretamente com mulheres para fortalecer suas vozes e direitos.

No que diz respeito às políticas públicas, há um longo caminho a percorrer. A falta de estrutura e a necessidade de desenvolvimento de ações nas comunidades são desafios constantes. Após oficinas de reciclagem, por exemplo, os participantes muitas vezes não sabem onde vender os produtos. Embora o NACIB possa ser um canal de comercialização, a formalização dessa estrutura ainda é uma questão pendente.

A ausência de políticas públicas específicas para o artesanato e a valorização cultural é evidente. O NACIB nunca recebeu apoio para eventos ou para custos de participação em feiras, dos órgãos que atuam no município. Barcelos, apesar de ser um destino turístico conhecido pela pesca esportiva, ainda carece de um Centro de Artesanato. Os artesãos são obrigados a encontrar maneiras próprias de comercializar os produtos, e a crescente demanda externa limita o tempo disponível para organizar eventos locais.

A FOIRN tem desempenhado um papel importante no incentivo aos artesãos. Recentemente, recursos foram obtidos através de um projeto da ASIBA, em parceria com o NACIB. A comercialização no rio Negro é facilitada pela loja Wariró, em São Gabriel da Cachoeira, que também apoia o NACIB com questões contábeis. Aproveitar esse apoio é essencial para o crescimento e sustentabilidade do Núcleo.

O impacto social e econômico do NACIB em Barcelos é significativo. Os artesãos não precisam mais se submeter a preços impostos por terceiros; agora, eles têm autonomia para definir o valor das criações. Este é um dos maiores triunfos da organização, permitindo que os artesãos produzam com confiança, sem o medo de não conseguir vender seus produtos.



Preservação das Tradições Culturais

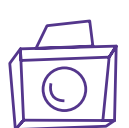
No coração do NACIB, a preservação das tradições culturais é uma prioridade. Os Mestres Artesãos, como o senhor Fortunato, destacam a importância cultural do tipiti. Segundo ele, tradicionalmente, um homem precisa dominar a arte de confeccionar o tipiti antes de se casar, pois isso simboliza sua competência e responsabilidade na comunidade. Essa habilidade é essencial para a produção de farinha e beiju, evitando que sua esposa dependa de outros.

Os conhecedores das rezas tradicionais, como o Sr. Clarindo, Sr. Firmino e Sr. Benjamin, desempenham um papel vital na comunidade. Durante as reuniões, oferecem cura para dores e males, enquanto D. Cecília atende aqueles que preferem remédios caseiros. As rezas são uma prática espiritual profunda, onde o rezador absorve a energia negativa da doença, exigindo certas precauções alimentares para manter sua eficácia.



Valorização das Etnias

O NACIB representa diversas etnias, incluindo Arapaso, Baré, Tukano, Tariana, Tuyuka e Baniwa. Cada uma com ricas histórias e técnicas únicas, contribuindo para a diversidade cultural do Núcleo. Os Baniwa, por exemplo, vivem na tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Venezuela, mantendo tradições que enriquecem o patrimônio cultural do NACIB.





Preservação da Língua

A preservação da língua é um desafio contínuo. Durante as oficinas, as etnias se dividem para facilitar o uso de suas línguas nativas como o Tukano e o Baré. No entanto, a perda gradual da língua é uma preocupação, especialmente entre os mais jovens. O NACIB reconhece a necessidade de criar um espaço dedicado ao ensino e à prática das línguas indígenas, incentivando as crianças a se orgulharem de suas origens.



Superação do Preconceito

A história de preconceito enfrentada por indígenas em Barcelos é um lembrete da importância de valorizar e preservar a identidade cultural desde a infância. Em São Gabriel da Cachoeira, onde línguas indígenas são co-oficiais, os estudantes devem demonstrar proficiência na língua nativa para acessar cotas universitárias, algo ainda distante em Barcelos.



Inclusão dos Homens

Embora a ideia inicial fosse criar uma associação exclusivamente para mulheres, o NACIB foi fundado em 2012 com a inclusão de homens, para evitar discriminação e desvalorização de suas contribuições.



Artesã Dinalva Campos do NACIB para o catálogo "Artesanato Amazonense" criado pela FOCUS DM. Foto por Sérgio Matos



Matérias-Primas Utilizadas

O NACIB utiliza uma variedade de matérias-primas como palha de tucumã para leques e bolsas; e arumã para a cestaria Baniwa. Trabalham com sementes e cipós (como os ambé e titica) e utilizam molongó para a produção de bancos. A única matéria-prima comprada é a fibra de piaçava, adquirida por quilo de uma região distante de Barcelos. A coleta é feita de forma sustentável, especialmente o molongó, que requer cuidado para não danificar as árvores durante a extração.



Bolsa de fibra de piaçava do NACIB para o catálogo "Artesanato Amazonense".
Modelo Geizi Gomes. Foto por Ribamar Xavier



Produção e Desafios

A associação enfrentou desafios econômicos significativos, mas a criação do Núcleo trouxe mudanças positivas. Hoje, o artesanato não é apenas uma fonte de subsistência, mas também um meio de planejar o futuro, adquirir bens e proporcionar lazer. Os produtos agora são feitos sob encomenda, com um foco maior na qualidade e no preço justo.



Produtos e Comercialização

Entre os produtos mais vendidos estão a fruteira Pétala da coleção Vitória-régia e itens da coleção Buriti, além de leques, colares, pulseiras e bolsas. A maior parte dos compradores é de São Paulo, com pedidos específicos que direcionam a produção. Apesar de tentativas anteriores, o NACIB atualmente não realiza exportações diretas, mas trabalha com parceiros para alcançar mercados internacionais.



Mestres Artesãos

O NACIB é enriquecido pela presença de Mestres Artesãos como Sr. Fortunato, D. Cecília, Sr. Renato, D. Maria Miguel e D. Firmina, todos especializados em técnicas de trançado. D. Cecília, em particular, é uma conhecedora da medicina tradicional e o Núcleo busca resgatar esse conhecimento através de oficinas práticas e teóricas, valorizando e preservando as tradições culturais.



Futuro e Expectativas

O NACIB tem planos ambiciosos para fortalecer a produção artesanal e a cultura indígena. A visão é criar um espaço dedicado à produção, exposição de artesanato e comercialização de comidas típicas. Um terreno já foi adquirido para esse fim e o projeto do espaço está em desenvolvimento. O objetivo é ser uma referência em artesanato, geração de renda e valorização da identidade cultural em todo o município, incluindo áreas rurais.

Além do artesanato, há um forte desejo de valorizar a cultura local, incluindo a língua e os conhecimentos tradicionais.

O NACIB planeja pagar diárias a Mestres Artesãos para que possam transmitir conhecimentos, assegurando que essas tradições não se percam. Também há planos para explorar a medicina tradicional, com a venda de folhas secas e, se possível, a realização de plantios. Um projeto chamado 'Balaio' já aborda a medicina tradicional, utilizando um modelo de corpo humano em madeira para demonstrar as propriedades curativas das plantas.

Na zona rural, onde vivem aproximadamente 250 famílias, as mulheres produzem diversos itens, mas ainda não há um projeto de moda em andamento. Embora tenham recebido uma proposta do estilista brasileiro Ronaldo Fraga, a falta de financiamento impediu essa parceria.

O NACIB continua a sonhar com um futuro em que o artesanato e a cultura indígena sejam plenamente valorizados, criando oportunidades para todos os membros da comunidade e promovendo um desenvolvimento sustentável e inclusivo.



Canais de Venda e Produção

O NACIB utiliza diversos canais para a venda de artesanato, incluindo feiras locais e nacionais, eventos culturais e uma loja física. A comercialização pela internet está em desenvolvimento, com a produção de peças exclusivas para se diferenciar no mercado. A produção artesanal compete com a agricultura e desafios logísticos, como cancelamentos de barcos, exigem planejamento cuidadoso para atender aos pedidos.



Oportunidades para os Artesãos

Recentemente, o NACIB implementou um fundo rotativo de R\$150,00 para apoiar os artesãos, com a expectativa de retorno com um pequeno acréscimo. Além disso, o Núcleo facilita financiamentos e está introduzindo o uso de PIX para comprovação de renda dos artesãos, fortalecendo a autonomia financeira.

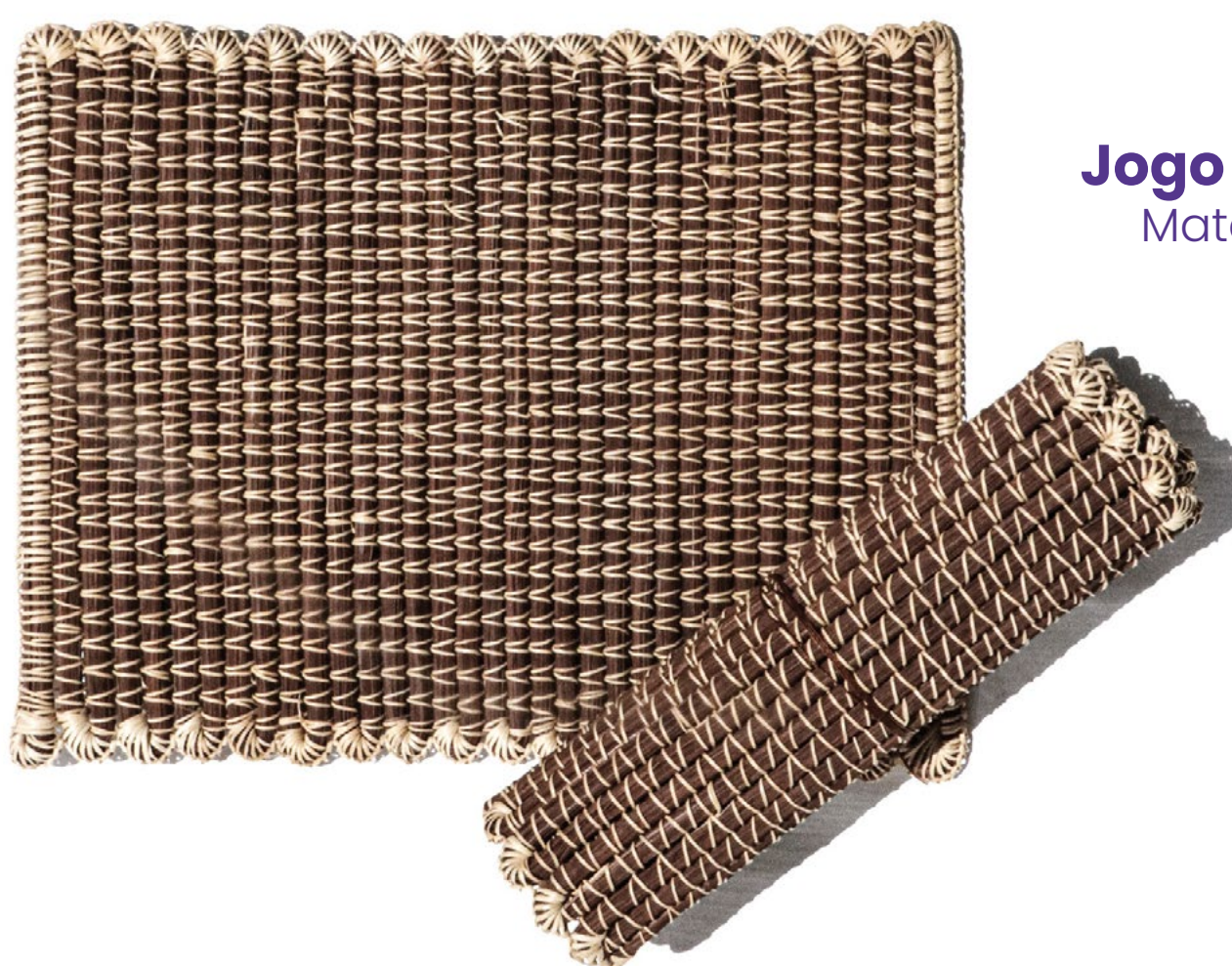
O NACIB é uma comunidade coletiva, onde cada membro contribui para o seu sucesso. "Não adianta dizer que o Nacib é a Dinalva, a Alba ou a Ângela. **O Núcleo somos todos nós**" (Dinalva Campos).

Produtos NACIB



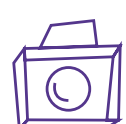
Luminária

Material: piaçava tingida



Jogo americano

Material: tucum



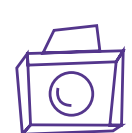
Produtos NACIB



Vasos
Material: tucum



Bolsa
Material: piaçava tingida, cipó ambé e cuia



Benjamin Constant

Benjamin Constant, localizado no sudoeste do Amazonas a 1.118 km de Manaus em linha reta, é um município que exemplifica a convivência entre diferentes culturas e tradições. Com uma população de 44.873 habitantes (IBGE, 2021), tem uma história marcada pela influência da exploração da borracha, que atraiu seringueiros nordestinos e portugueses; e pela presença da aldeia jesuíta do Javari, estabelecida no século XVIII para catequizar os indígenas Ticunas.

O turismo é vibrante, com atrações como o Centro de Artesanato de Bom Caminho e o Museu Magüta, além do Festival Folclórico Benjaminense. A diversidade cultural é evidente nas festas religiosas e na presença de várias etnias indígenas, incluindo os Ticuna, Kokama e Apurinã. O artesanato é uma expressão cultural significativa, refletindo a rica herança indígena da região.



Localização de Benjamin Constant, no estado do Amazonas.



Paisagem de Benjamin Constant
Foto por Jusselma Coutinho



ASSOCIAÇÃO DAS
MULHERES INDÍGENAS
TICUNA - AMIT



Conheça mais
sobre a AMIT e
seus produtos



Artesã Rosa Chota Ticuna para o
catálogo de produzidos "Benjamin
Constant: AMATU – Associação das
Mulheres Artesãs
Ticuna de Bom Caminho"
Foto por Sérgio Matos



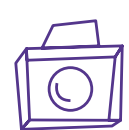
Associação das Mulheres Indígenas Ticuna (AMIT)

A AMIT, fundada em 16 de outubro de 1999, representa um marco significativo na luta pelos direitos e pela valorização das mulheres indígenas na região do Alto Solimões. Criada em uma reunião histórica na aldeia de Nova Esperança, onde 36 mulheres, majoritariamente esposas de caciques, se uniram. A AMIT surgiu da necessidade premente de dar voz e protagonismo às mulheres Ticuna e Kokama.

Liderada por Hilda Pinto Felix, da nação de onça Wemena (Ticuna), a Associação se estende por diversos municípios, incluindo Tabatinga, Benjamin Constant, Amaturá, São Paulo de Olivença e Santo Antônio do Içá. Com uma estrutura que prioriza a participação feminina, a AMIT conta com 45 mulheres ativas e 43 homens associados, embora estes últimos não tenham direito a voto nas eleições.

O artesanato produzido pela AMIT é um reflexo vivo da rica herança cultural Ticuna e Kokama, utilizando matérias-primas tradicionais e técnicas ancestrais para criar peças únicas que carregam em si a história e a cosmovisão desses povos. Mais do que produtos, cada peça artesanal é um elo entre o passado e o presente, uma forma de preservar e transmitir conhecimentos milenares.

Enfrentando desafios contemporâneos, como o engajamento da juventude e a adaptação às demandas do mercado moderno, a AMIT permanece firme em sua missão de preservar, valorizar e promover a cultura indígena, servindo como um modelo de resistência, resiliência e inovação no contexto das comunidades indígenas amazônicas.

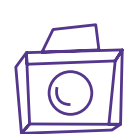




As lutas da AMIT

De acordo com o estudo realizado por Missilene Curica Fernandes, na Universidade Federal do Amazonas, intitulado “Uma Reflexão sobre as Atividades Econômicas Realizadas pelas Sócias da Associação das Mulheres Indígenas Ticuna (AMIT) na Comunidade Filadélfia, em Benjamin Constant – Amazonas”, a Associação representa um marco significativo na luta das mulheres indígenas Ticuna por seus direitos e reconhecimento.

A AMIT, localizada na Comunidade Indígena Filadélfia, em Benjamin Constant, surgiu em meio a um movimento mais amplo de reivindicação de direitos e demarcação de terras indígenas, iniciado por líderes como Pedro Inácio nos anos 1970. A Associação desempenha um papel crucial na defesa e promoção da identidade cultural Ticuna, além de buscar a inclusão das mulheres nas esferas política e social.





A luta instrumental da AMIT é fundamentalmente uma questão de sobrevivência econômica para as mulheres indígenas Ticuna. O artesanato, nesse contexto, não é apenas uma expressão cultural, mas uma ferramenta vital para garantir a subsistência das famílias. A Associação foca na capacitação econômica dessas mulheres, oferecendo cursos e oficinas que além de promover a geração de renda, assegura a preservação e transmissão das práticas artesanais tradicionais. Ao utilizar recursos locais e conhecimentos ancestrais, as mulheres criam produtos que são comercializados, proporcionando uma fonte de renda crucial e fortalecendo a autonomia econômica das comunidades.



A luta identitária da AMIT é centralizada na preservação e afirmação das ricas identidades culturais das mulheres Ticuna. Nesse contexto, o artesanato é mais do que uma atividade econômica. É uma forma de resistência cultural e uma poderosa expressão de identidade. A Associação empenha-se em fortalecer a cultura Ticuna, promovendo o respeito e o reconhecimento de sua história e língua materna. Além disso, busca garantir que as mulheres indígenas tenham acesso a documentos e direitos de cidadania, assegurando que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas na sociedade. Essa luta pela identidade preserva as tradições culturais e reafirma o papel vital das Ticunas na continuidade e expressão de sua herança cultural.



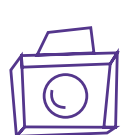
A luta ética da AMIT é um compromisso profundo com a justiça social e ambiental, centrando-se na proteção e uso sustentável dos recursos naturais essenciais para o artesanato. A Associação garante que todas as práticas de produção respeitem o meio ambiente, promovendo um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação ecológica. Além disso, a AMIT valoriza e incentiva a medicina tradicional, bem como a transmissão de conhecimentos ancestrais, assegurando que a rica sabedoria cultural dos Ticunas prospere e se mantenha viva. Ao integrar valores culturais e ecológicos em suas atividades, a AMIT fortalece a identidade coletiva das mulheres indígenas e oferece uma resistência significativa às pressões externas, preservando uma herança cultural rica e diversificada.

Produtos AMIT



Bolsas

Material: fibra de tucum



Artesanatos do NACIB para o catálogo "Artesanato Amazonense".
Fotos por Sérgio Matos

Produtos AMIT



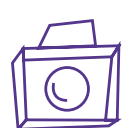
Colar

Material: fibra de tucum



Vaso

Material: fibra de tucum
e cipó ambé



Careiro Castanho

Careiro Castanho, localizado a 124 km ao sul de Manaus, na Mesorregião do Centro Amazonense, é um município que se destaca por sua rica história e biodiversidade. Situado às margens do Rio Castanho, o acesso se dá tanto por via fluvial, em um trajeto de cerca de 8 horas a partir de Manaus, quanto por via terrestre pela BR-319, que conecta o município a outras cidades do estado.

Com uma população de 30.792 habitantes, segundo o IBGE de 2022, Careiro Castanho tem suas raízes na influência das etnias Ticuna, Mura e Apurinã. O nome Careiro deriva de uma palavra indígena que significa “caminho”, refletindo o traçado do rio que atravessa a região. Emancipado em 1955, o município está totalmente inserido no bioma Amazônia.

O artesanato local, expressão da tradição e criatividade dos artesãos, utiliza cipós ambé e titica, palhas de babaçu, tucumã e buriti. Grupos como o Teçume da Floresta produzem objetos únicos de fibras vegetais, combinando técnicas tradicionais com inovações de design, desempenhando um papel fundamental na economia local e na emancipação das mulheres.

Careiro Castanho é exemplo de integração entre tradição e inovação, promovendo o desenvolvimento sustentável e a valorização cultural na Amazônia.



Localização de Careiro Castanho, no estado do Amazonas.



Teçume da Floresta: Associação de artesãos de Careiro Castanho



Entrevista com o tesoureiro Marcos Alexandre dos Santos

Atualmente são 19 pessoas legalizadas, divididas entre artesãos e administrativos.



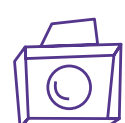
Contexto e Origem

A Teçume da Floresta surgiu da necessidade de formar um grupo forte de artesãos em Careiro Castanho, que produzem peças feitas com fibras vegetais. Uma atividade que passou a gerar renda principalmente para mulheres, que antes faziam seus artesanatos de forma individual.

Fundada em 2015 pela artesã Maria Alexandre, atual presidenta, foi registrada legalmente como associação em 2018. Recebeu o nome “Teçume”, criado por uma das artesãs, pois remete à arte de tecer, de tramar. Posteriormente, para diferenciar de uma associação com o mesmo nome, passou a ser chamada de “Teçume da Floresta”.

A presidenta Maria Alexandre nasceu em Lábrea, município do estado do Amazonas e, depois, se mudou para o Careiro Castanho, onde difundiu seus conhecimentos da técnica de fazer artesanal, que aprendeu de forma autodidata em 1995, após observar a cestaria de uma igreja que frequentava. Ela se identificou tanto com a peça que quis reproduzir e assim começou a ter compradores interessados. Segundo Marcos Alexandre, a mãe possui um dom nato para o artesanato e passou a ensinar esses saberes já dentro de sua família.





Detalhe de peças produzidas pela Teçume da Floresta para o catálogo 'Artesanato Amazonense – Acessórios' criado pela Focus - DM.
Foto por Ribamar Xavier e modelo Geizi Gomes.



Modelo Geizi Gomes com colar produzido pela Teçume da Floresta para o catálogo 'Artesanato Amazonense – Acessórios'.
Modelo Geizi Gomes. Foto por Ribamar Xavier



Autodeclaração e etnia

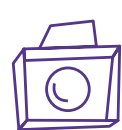
A maioria das pessoas se autodeclararam como sendo ribeirinhos, com apenas uma mulher indígena Mura, uma etnia que ocupa vastas áreas no complexo hídrico dos rios Madeira, Amazonas e Purus, descritos como um povo navegante, de ampla mobilidade territorial e com exímio conhecimento dos caminhos por entre igarapés, furos, ilhas e lagos, mas que também possuem alguns membros que se deslocam para proximidades de grandes centros urbanos.

Ainda segundo o site 'Povos Indígenas do Brasil', os Muras têm histórico de contato cercado por diversos estigmas e múltiplas violências como massacres, perdas de territórios, língua e cultura, que antigamente falavam sua própria língua Mura e depois passaram a utilizar o Nheengatu (uma das línguas mais faladas na região). No intercâmbio com brancos, negros e outros povos indígenas, posteriormente passaram a ter o português como principal língua utilizada, a partir do século XX. Ainda são necessários diversos esforços para que os Muras sejam plenamente reconhecidos enquanto povo diferenciado.



Saiba Mais

Essa informação foi retirada do site 'Povos Indígenas do Brasil', que conta a história de várias povos do nosso país. Acesse em:



Modelo Geizi Gomes com colar produzido pela Teçume da Floresta para o catálogo 'Artesanato Amazonense – Acessórios', criado pela Focus - DM. Foto por Ribamar Xavier





Distribuição das tarefas e transmissão das tradições culturais e ancestrais

Das 19 pessoas registradas na Associação, 12 são mulheres e 7 são homens, além da participação adicional de jovens, normalmente filhos desses artesãos, que possuem aulas sobre as técnicas artesanais, para que essa tradição não se perca. O repasse desse conhecimento é feito como uma espécie de escolinha entre eles, já que no ensino tradicional das escolas da região esses saberes não são ensinados. As aulas acontecem em suas próprias residências durante os intervalos das confecções das encomendas. São em torno de 20 jovens com idade entre 6 e 13 anos.





Comercialização do artesanato

Os artesanatos mais comercializados são bolsas, decoração, leques, enfeites natalinos e utilitários. Durante o Festival Folclórico de Parintins, que acontece no fim de junho, há uma demanda bem alta com a temática do Boi Bumbá.

A comercialização é feita através de feiras nacionais e principalmente pelo Instagram e Whatsapp, onde os clientes chegam muito através do Google, principalmente pessoas de outros países. A produção dos artesanatos depende do fluxo de pedidos. Há meses que são produzidas mais de 300 peças, mas a Teçume já chegou a produzir mil peças para uma demanda específica, somadas a outras encomendas que aconteceram ao mesmo tempo. A época que mais vende é final do ano, a partir de outubro.

As principais localidades de comercialização do artesanato Teçume são no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Pernambuco e Minas Gerais. Também existe a venda internacional, sendo os países de maior comercialização França, Estados Unidos e Alemanha.



Uma das dificuldades enfrentadas na comercialização está ligada à logística. Por conta do difícil acesso à cidade, comparado a grandes centros, os fretes tendem a ser muito caros, o que torna a venda mais alta. Além disso, não há uma sede da Teçume da Floresta e os artesãos têm que organizar as produções na residência da presidenta ou em suas próprias casas. A ausência de uma sede prejudica não apenas a produção, mas também o estoque da matéria-prima e dos produtos finalizados, pois não possuem um lugar adequado para armazenamento e nem uma loja que possa expor e comercializar ainda mais os produtos.

Outro problema relatado por Marcos Alexandre é manter as vendas sempre em alta, pois cerca de 95% dos artesãos contam apenas com o artesanato produzido pela Teçume como fonte de renda.

A Associação gera um impacto econômico significativo no Careiro Castanho, com um grande potencial de renda, beneficiando mais de 300 pessoas, direta e indiretamente. Isto influencia no empoderamento de mulheres e jovens, que atinge a conscientização das pessoas sobre os respeito às causas minoritárias.



A Teçume está trabalhando nessas lutas identitárias dentro da própria Associação, principalmente as questões de gênero. Por isso, diminuíram muito os casos de machismo e aumentou o empoderamento das mulheres. A Teçume é bem aceita pela população, mas ainda tem problemas como a falta de convites para participar dos eventos, editais e feiras.



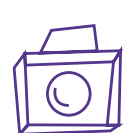
Na Teçume é respeitada a vida de cada pessoa e isto gera uma boa relação entre o grupo. Porém a preocupação maior é mais a ambiental, pois o desmatamento provoca muita derrubada dos frutos do cipó ambé. A crise climática ainda não atingiu efetivamente a comunidade, mas há a percepção que a quantidade das fibras tem diminuído ao longo dos anos.

Quando perguntado sobre as expectativas e planos futuros para fortalecer a produção artesanal da Associação, além da necessidade de uma sede própria, Marcos respondeu "que possamos expandir cada vez mais e que outros artesãos e comunidades possam se unir para ser criada uma grande rede de artesanato Teçume".

Produtos Teçume da Floresta



Vasos
Material: cipó ambé



Produtos Teçume da Floresta



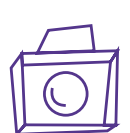
Bolsa
Material: cipó ambé



Centro de mesa
Material: cipó ambé



Cesto
Material: cipó ambé



Comunidade Três Unidos

A Comunidade Indígena Três Unidos, localizada no baixo rio Negro, dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Puranga Conquista, é um exemplo vibrante de resiliência cultural e integração com a natureza. Com aproximadamente de 115 indígenas, principalmente da etnia Kambeba, a comunidade valoriza as raízes históricas e culturais, destacando-se por iniciativas de turismo de base comunitária e artesanato tradicional.

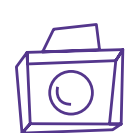
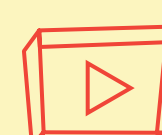
A economia local é impulsionada por atividades como canoagem, trilhas e experiências culturais, além de um restaurante comunitário administrado por mulheres indígenas, o Sumimi, que oferece pratos típicos da região. A educação é o principal pilar da Comunidade, desempenhando um papel crucial na preservação e valorização das práticas culturais e na revitalização da língua Kambeba.



Localização da Comunidade Kambeba Três Unidos no estado do Amazonas.



Assista a entrevista **“Experiência gastronômica”** com a chef de cozinha Kambeba Neurilene Cruz, empreendedora do restaurante Sumimi.



Artesãs indígenas almoçando no restaurante Sumimi, participantes do 1º Encontro de Mulheres da Floresta que aconteceu na Comunidade Três Unidos
Foto por Bruna Martins



Comunidade Três Unidos: Povo Omágua/Kambeba

As informações apresentadas a seguir foram extraídas da dissertação de mestrado de Núbia do Socorro Pinto Breves, intitulada “Conhecimento Omágua/Kambeba e a Educação em Ciências: Um Estudo na Escola Municipal Três Unidos no Rio Cuieiras/Baixo Rio Negro”, desenvolvida no programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação em Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Além disso, realizamos entrevistas de profundidade com o Vice Tuxaua, Raimundo Kambeba, e uma jovem liderança da comunidade, Pully Kambeba, enriquecendo ainda mais o conteúdo com perspectivas contemporâneas e experiências vividas (BREVES, 2013).



O Povo Omágua/Kambeba

O povo Omágua/Kambeba, conhecido como “povo das águas”, possui uma história rica e complexa na Amazônia Brasileira. Durante os séculos XVI e XVII, eram uma das etnias mais populosas da região, habitando extensas áreas ao longo do rio Solimões. As crônicas da época descrevem a grande quantidade de canoas e a densidade populacional das aldeias Omágua/Kambeba, destacando sua civilização avançada e organização social.

Historicamente, os Omágua/Kambeba foram descritos como um povo com forte influência cultural, provavelmente originários do Hemisfério Norte, com traços culturais e artísticos semelhantes aos dos antigos mexicanos e incas. A etnia foi considerada extinta após a colonização, mas dados recentes mostram um ressurgimento populacional, com comunidades estabelecidas no médio e alto Solimões e no baixo Rio Negro, incluindo Três Unidos.

Os Omágua/Kambeba são conhecidos por suas práticas culturais únicas, como o achatamento craniano, que simboliza beleza e distinção entre os povos vizinhos. Apesar da influência dos missionários e do tempo vivido entre os colonizadores, que contribuíram para a extinção de algumas práticas tradicionais, o orgulho da identidade Kambeba permanece forte.

Hoje, os Omágua/Kambeba mantêm tradições através da arte, da música e das festividades, usando vestimentas que combinam elementos tradicionais e contemporâneos. Em Três Unidos, a comunidade se destaca pela produção de artesanato que preserva grafismos e técnicas ancestrais, contribuindo para a valorização e a continuidade da rica herança cultural desse povo.





Artesanato e Resistência:

As Dimensões Instrumental, Identitária e Ética na Comunidade de Três Unidos.



Entrevista com vice Tuxaua Raimundo Kambeba

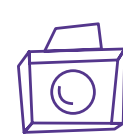
Este líder da Comunidade, revelou a complexidade e a riqueza do artesanato amazônico, abordando-o através das dimensões de luta instrumental, identitária e ética.



Vice Tuxaua Raimundo, mostrando a culinária típica da cultura Kambeba na Comunidade Três Unidos
Foto por Viver Amazônia



Conheça mais sobre a Comunidade Três Unidos



Remada típica da cultura Kambeba na Comunidade Três Unidos
Foto por Viver Amazônia



O artesanato é uma ferramenta vital para a sobrevivência econômica. A prática artesanal, iniciada com a venda de pulseiras e colares para turistas, evoluiu para uma atividade econômica significativa, integrada ao turismo de base comunitária. Essa atividade não apenas gera renda, mas também promove a sustentabilidade econômica da comunidade, permitindo que os moradores utilizem recursos locais e conhecimentos tradicionais na criação dos produtos.

Luta identitária



O artesanato na comunidade é uma manifestação poderosa de identidade cultural. Raimundo Kambeba enfatizou a importância de preservar e transmitir os saberes tradicionais, integrando a cultura indígena no currículo escolar e promovendo atividades que afirmam a identidade indígena. A revitalização do artesanato, como a produção de canoas e arcos, é uma forma de resistência cultural, garantindo que as tradições e valores culturais permaneçam vivos.

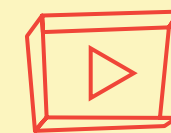
Luta ética



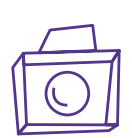
A dimensão ética do artesanato em Três Unidos reflete um compromisso profundo com práticas sustentáveis e justas, enraizadas no conhecimento ancestral. O artesanato da comunidade, especialmente os grafismos da etnia Kambeba aplicados nas vestimentas, expressa a rica identidade cultural e um saber transmitido de geração para geração. Este processo de transmissão não apenas preserva técnicas tradicionais, mas também fortalece os laços culturais e sociais, garantindo que os valores e conhecimentos culturais continuem vivos e relevantes.



Essas vestimentas, carregadas de significados culturais profundos, são utilizadas pela comunidade e comercializadas para turistas nacionais e internacionais. A venda desses produtos artesanais além de promover a cultura Kambeba, reforça a conexão entre identidade cultural e sustentabilidade econômica, integrando valores culturais e ecológicos em suas atividades.



Assista ao vídeo **"Comunidade Três Unidos"** do projeto Viver Amazônia produzido pela Associação Zagaia Amazônia.



Artesã Kambeba na Comunidade Três Unidos, mostrando seu artesanato com o grafismo de seu povo.
Foto por Viver Amazônia

Além disso, este compromisso ético é evidente na gestão do turismo de base comunitária, que assegura que os benefícios sejam distribuídos equitativamente entre todos os envolvidos e que as práticas respeitem o meio ambiente. O turismo, assim, torna-se uma extensão do compromisso da comunidade com a sustentabilidade, promovendo um modelo de desenvolvimento que respeita e valoriza a cultura local.

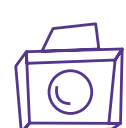
A análise dessas dimensões no contexto de Três Unidos oferece uma visão holística do artesanato amazônico, destacando a importância da atividade não apenas como uma prática cultural, mas também como um motor de transformação social e cultural. Essa abordagem sublinha a relevância do artesanato como um meio de resistência e afirmação cultural, bem como uma prática sustentável e ética que contribui para a resiliência da comunidade.

Entrevista com a Pully Kambeba

Jovem liderança da comunidade, pertencente à etnia Kambeba. Conhecida como “Vagalume” em sua língua nativa, Pully compartilha suas experiências e desafios como uma defensora apaixonada das tradições culturais, práticas sustentáveis e valores éticos de seu povo.



Pully Kambeba na Comunidade Três Unidos
Foto por Bruna Martins



Pully cantando e tocando para as crianças músicas típicas da cultura Kambeba.
Foto por Bruna Martins



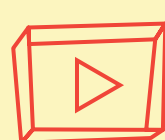
A dimensão instrumental do artesanato em Três Unidos é central para a comunidade, refletindo um compromisso com práticas sustentáveis e justas. Pully destaca como o artesanato é mais do que uma atividade econômica. Para ela, é uma expressão cultural rica, transmitida de geração para geração. Desde pequena, aprendeu a tecer fibras vegetais, produzindo artesanato.



A preservação da identidade cultural é uma prioridade em Três Unidos, especialmente com a crescente influência externa e a modernização. Pully e outros jovens formaram o **Coletivo Indígena da Juventude Kambeba** para revitalizar a língua e as tradições culturais. Eles organizam atividades como ensaios de dança e oficinas de artesanato, garantindo que as crianças e jovens se conectem com suas raízes. A comunidade também está desenvolvendo um **Centro Cultural Indígena Kambeba**, que servirá como um espaço para celebrar e preservar a história, arte e espiritualidade Kambeba.



A ética é um pilar das práticas comunitárias em Três Unidos. O turismo de base comunitária é gerido de forma a minimizar o impacto ambiental e maximizar os benefícios para a comunidade. Pully descreve como essa atividade transformou a comunidade, permitindo que os turistas conheçam a cultura Kambeba de maneira respeitosa e autêntica. Além disso, iniciativas de plantio de árvores e práticas agrícolas sustentáveis são promovidas para garantir que a comunidade continue a prosperar sem comprometer os recursos naturais.



Assista ao vídeo **“Aldeia indígena Kambeba no Amazonas: Cultura e dia a dia”** do projeto Narrativas Femininas e saiba mais da cultura e costumes Kambeba.

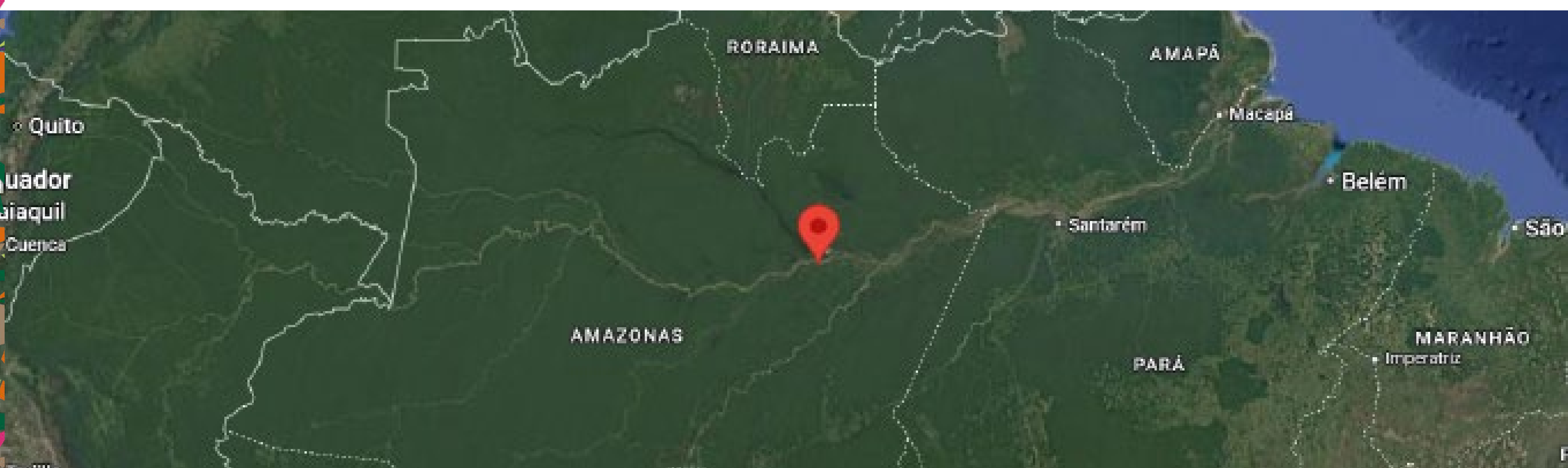
Irاندوبا

Irاندوبا: Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro é um modelo exemplar de como a convivência harmoniosa entre a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável pode ser alcançada. Abrangendo os municípios de Irاندوبا, Manacapuru e Novo Airão, esta área protegida, criada pela Lei Estadual nº 3.355 em 2008, é gerida pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA-AM). Dentro da RDS, 791 famílias, organizadas sob a Associação das Comunidades Sustentáveis do Rio Negro (ACS-Rio Negro), vivem em sinergia com o bioma amazônico, que é crucial para o equilíbrio climático global.

A economia local, fundamentada na agricultura de subsistência, pesca e turismo sustentável, é enriquecida por práticas de manejo florestal que respeitam e preservam a biodiversidade local. A comunidade do Tumbira, em particular, destaca-se por sua transição de uma economia extrativista para um modelo de turismo comunitário sustentável, investindo em educação e iniciativas como energia solar e internet para melhorar a qualidade de vida.

A RDS oferece experiências de ecoturismo únicas como trilhas e passeios de canoa, enquanto cultiva uma rica vida cultural por meio de festas religiosas e eventos comunitários. Este equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental faz da RDS do Rio Negro um exemplo inspirador de sustentabilidade na Amazônia (GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, 2017).



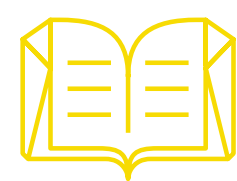
Localização de Irاندوبا, no estado do Amazonas.



Irاندuba e a Cadeia de Valor Inclusiva no Artesanato

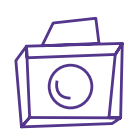
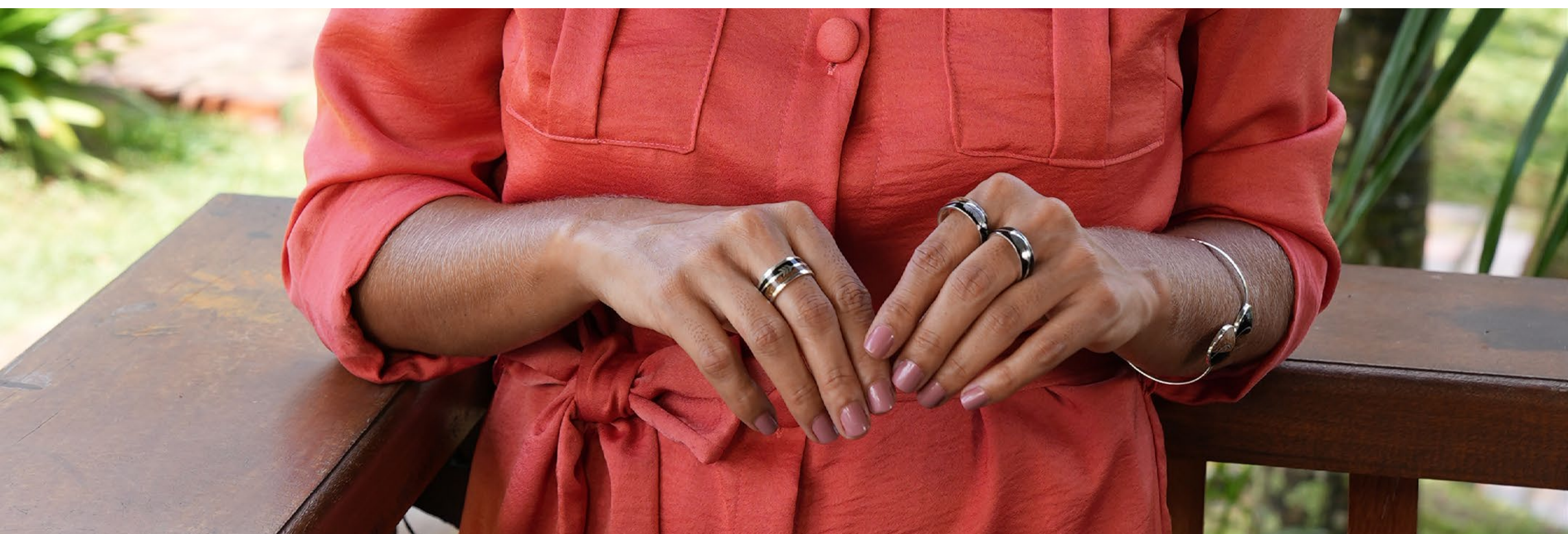
Irاندuba, localizada na região metropolitana de Manaus, destaca-se como um importante polo de produção artesanal na Amazônia. A cidade, rica em biodiversidade e cultura, enfrenta o desafio de integrar práticas artesanais tradicionais dentro de uma cadeia de valor inclusiva, promovida por iniciativas como a do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

As informações sobre a integração do artesanato de Irاندuba em cadeias de valor inclusivas foram extraídas do relatório de pesquisa 'Cadeia de Valor Inclusiva e Microempreendedores Ribeirinhos: O Caso da Reserva do Rio Negro' de autoria de Silvia Marina Pinheiro e Tania Maria Vidigal Limeira, publicado pela Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, em dezembro de 2015.



Cadeia de Valor Inclusiva

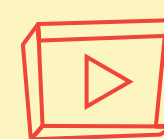
O conceito de cadeia de valor inclusiva, conforme promovido pelo PNUD, busca conectar empresas, empreendimentos sociais e populações vulneráveis, criando parcerias que gerem benefícios mútuos. Em Irاندuba, essa abordagem visa integrar os artesãos locais nas cadeias produtivas, permitindo que eles acessem mercados mais amplos e aumentem a renda de forma sustentável.



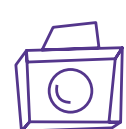


Sustentabilidade e Identidade Cultural

A produção artesanal em Iranduba está intimamente ligada à identidade cultural e aos recursos naturais da região. A implementação de práticas sustentáveis é crucial para garantir que a exploração da matéria-prima não comprometa o ecossistema local. Além disso, a valorização dos saberes tradicionais e da identidade cultural dos artesãos é fundamental para assegurar a distribuição justa dos benefícios gerados pela cadeia de valor.



Assista ao vídeo “**A Americanas.com e a Fundação Amazônia Sustentável agora estão juntas**”



Modelo Geizi Gomes com artesanatos produzido por Luana Brenches, artesã de Iranduba, para o catálogo “Artesanato Amazonense – Acessórios” produzido pela Focus – DM.
Foto por Ribamar Xavier

Manaus

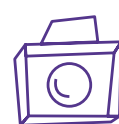
Manaus: Diversidade e Profundidade no Artesanato

Manaus, capital do Amazonas, é um vibrante centro de diversidade cultural e artesanal. Este capítulo do e-book explora a rica tapeçaria do artesanato na cidade, destacando tanto a profundidade cultural da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) quanto a pluralidade de expressões artesanais de outros artesãos amazonenses.



Localização de Manaus, capital do estado do Amazonas.

A AMARN, fundada em 1987, é uma entidade fundamental na preservação e promoção da cultura indígena em Manaus. Através de uma entrevista aprofundada com as líderes Clarice Arbella e Joana Galvão, percebemos como a Associação tem sido um bastião de resistência e resiliência para as mulheres indígenas que migraram do Alto Rio Negro. O artesanato, para essas mulheres, é mais do que uma atividade econômica. É uma expressão de identidade e um meio de sustentar o “Bem Viver” – um conceito que valoriza a harmonia e a sustentabilidade.



Artesã da AMARN, Isabel Desana, para o catálogo “Artesanato Amazonense” criado pela Associação Zagaia Amazônia. Foto por Sérgio Matos.



Conheça mais sobre a AMARN e seus produtos no Instagram



Assista ao vídeo **“Celebração 35 Anos da AMARN”** produzido pela Associação Zagaia Amazônia.

Além disso, apresentamos uma análise das 37 entrevistas simplificadas realizadas com outros artesãos de Manaus, que refletem a diversidade do artesanato na cidade. Esses artesãos, que não são exclusivamente indígenas, contribuem para a riqueza cultural de Manaus com técnicas e tradições únicas.

Ao combinar a profundidade cultural da AMARN com a diversidade dos artesãos amazonenses, este capítulo oferece uma visão abrangente do cenário artesanal de Manaus, celebrando a pluralidade e a riqueza cultural que fazem da cidade um verdadeiro mosaico de tradições e inovações.



 Artesãs da AMARN tecendo seu artesanato. Foto por Felipe Abreu



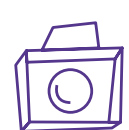
AMARN: Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro



Entrevista com Clarice Arbella e Joana Galvão

Contexto e Origem - AMARN

Fundada em 29 de março de 1987, a AMARN surgiu como uma resposta às necessidades econômicas e sociais das mulheres indígenas que migraram de São Gabriel da Cachoeira, no alto Rio Negro, para Manaus. Clarice Arbella, presidente da associação, relata que a vinda dessas mulheres foi dramática. Elas foram enganadas com promessas de trabalho remunerado quando, na realidade, viveram em condições de exploração como empregadas domésticas, recebendo apenas moradia e comida. Muitas fugiram devido aos abusos e se estabeleceram na periferia.



Artesã Deolinda Prado (in memoriam), uma das fundadoras da AMARN.
Foto por Sérgio Matos.



“O artesanato é sagrado para nós e, ao mesmo tempo, sobrevivência”, relata Clarice Arbella. As mulheres indígenas sempre tiveram uma economia própria, baseada na troca e na solidariedade, que contrastava com o capitalismo imposto pelos comerciantes e missionários. “O sistema capital não reconhece esse sistema”, explica Clarice, ressaltando que a economia tradicional do alto Rio Negro sempre foi de fraternidade e nunca deixou ninguém passar fome.

A chegada dos comerciantes e missionários trouxe impactos negativos, impondo a economia monetária e desvalorizando a cultura indígena. Clarice destaca que tentavam convencê-las de que o que tinham era melhor que objetos delas, gerando conflitos econômicos e identitários. A introdução de peças ocidentais foi vista como civilização, mas para as indígenas significava a perda de tradições e autonomia.



Resiliência e Bem Viver

A AMARN representa a resistência e resiliência das mulheres indígenas. “Para nós, o artesanato é uma luta de vida”, afirmou Arbella, destacando que ele simboliza resistência, sobrevivência e o Bem Viver. O artesanato é visto como patrimônio cultural e intelectual das mulheres indígenas, carregando uma história de sofrimento e força coletiva.

Clarice enfatizou a importância de respeitar o ritmo e as necessidades das artesãs, que não se submetem à pressão do mercado ocidental. “Essa economia ocidental não é nossa, pois não vai ao encontro do Bem Viver”, afirmou. A AMARN tem trabalhado para fortalecer a identidade cultural e garantir qualidade de vida às mulheres, resistindo à sedução de valores externos.

A partir de 2019, a colaboração com a Associação Zagaia Amazônia tem aprofundado essa transformação, buscando reintroduzir e valorizar os objetos tradicionais. “Estamos mudando tudo dentro da Associação. Em breve, teremos a nossa própria cuia e nossa cerâmica”, anunciou Clarice, reafirmando o artesanato como um elemento vital para a identidade e sustentabilidade das mulheres indígenas.



A frase “A luta é feita de fibra” (Vieira, 2017) resume a resistência e a busca por reconhecimento e direitos na AMARN. As mulheres da Associação utilizam o artesanato como uma ferramenta de resistência cultural e política, desafiando as exigências do capitalismo e promovendo modos de vida alternativos. O artesanato não é apenas um meio de subsistência, mas também uma expressão de identidade e uma forma de reafirmação cultural.

A AMARN serve como ponto de referência para mulheres indígenas em Manaus e São Gabriel da Cachoeira, criando uma rede de apoio e solidariedade. Iniciativas como “Parentas que Fazem” e o apoio da Associação Zagaia Amazônica têm sido fundamentais nesse processo. “Estamos preparando o ambiente para as mulheres falarem sobre o artesanato e nossa medicina tradicional”, explicou Clarice. A conscientização é essencial para que as mulheres valorizem sua identidade cultural, entendendo que o artesanato é um patrimônio cultural e intelectual.

A luta identitária também envolve a educação e a preservação do território. O ‘Espaço de Estudo de Línguas Indígenas e Conhecimento Tradicional’, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, é um exemplo de como a AMARN promove a educação indígena. “Escolhemos ter um professor indígena que conheça profundamente a tradição, o costume e a língua”, destacou Joana Galvão. Essa educação é crucial para a sobrevivência do território e para a compreensão da importância cultural.

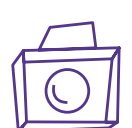
Apesar dos desafios impostos pelo sistema colonial, a AMARN busca resgatar e revitalizar as tradições de forma resiliente. “Nunca vamos ‘decolonizar’ completamente o que já foi imposto, mas começamos a construir algo novo”, afirmou Clarice. O movimento indígena da AMARN foca em Território, Educação e Saúde, abordando também questões de gênero e sustentabilidade. A luta não é apenas uma resistência ao sofrimento passado, mas uma busca por um novo caminho, sem mágoa, com resiliência e esperança para o futuro.



A luta ética na AMARN é marcada pela afirmação de identidades e valores culturais através do artesanato, que preserva e transmite conhecimentos tradicionais. “Cada peça produzida carrega uma alma”, enfatizou Clarice Arbella. A AMARN, em parceria com a Associação Zagaia Amazônia, está nomeando as peças, começando pela coleção da Cosmologia da Constelação. Este processo pedagógico visa influenciar crianças e jovens, promovendo o entendimento do valor cultural das peças e firmando raízes culturais.

A AMARN é um espaço sagrado para as mulheres indígenas do Alto Rio Negro, onde o artesanato é visto como uma tecnologia ancestral que carrega histórias de sofrimento e resistência. “Nosso artesanato passa por uma tecnologia ancestral, carrega uma história sofrida”, ressaltou Arbella. Com 71 associadas, das quais 35 são artesãs, a AMARN trabalha principalmente com a fibra do tucum, conhecida como “linha da lealdade”. Essa fibra é essencial para o artesanato, resistindo à introdução de materiais artificiais.

A associação representa diversas etnias como Arapaso, Baré, Desana, Tukano, Murity-tapuya, Tariana, Tuyuka, Karapanã e Wanana. Cada uma com tradições e especialidades artesanais. As mulheres se reúnem regularmente para produzir peças que são comercializadas em várias cidades brasileiras e em feiras locais e nacionais.





Modelo Geizi Gomes com artesanatos da AMARN para o catálogo
"Artesanato Amazonense - Acessórios" criado pela Focus - DM.
Foto por Ribamar Xavier

Comercialização e Desafios

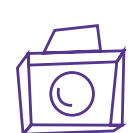
Apesar de produzirem mais do que a demanda atual, as artesãs enfrentam dificuldades na comercialização dos produtos. Os principais mercados são Belo Horizonte, Brasília, Recife, São Paulo e Vitória, com exportações indiretas realizadas por parceiros. Há necessidade de melhorar a compreensão do mercado por parte dos lojistas, que muitas vezes não valorizam a essência de partilha e igualdade que a AMARN promove.

A AMARN continua a lutar pela preservação das tradições culturais, promovendo uma nova proposta para o artesanato brasileiro que valoriza suas raízes e histórias.

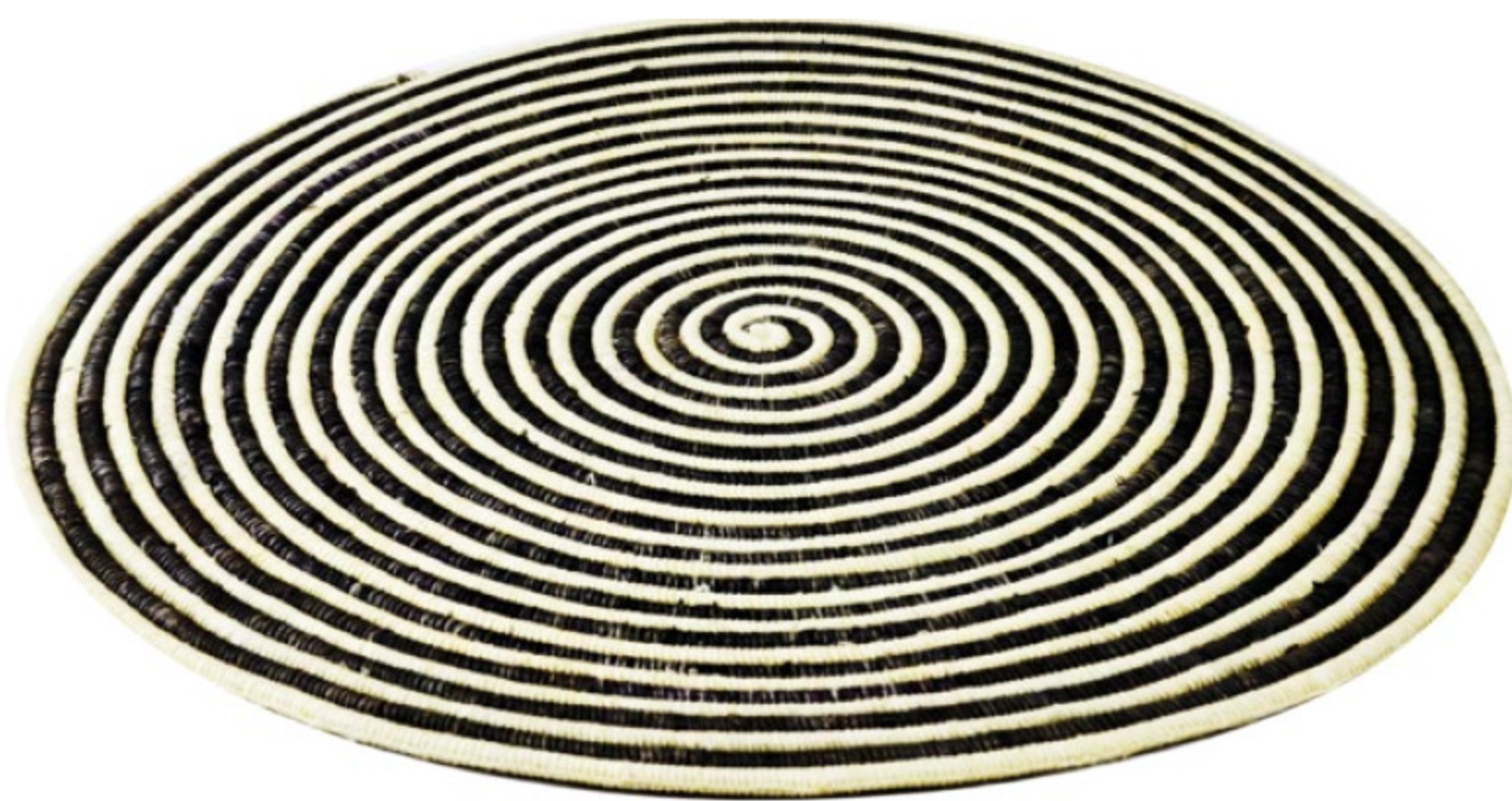
Produtos AMARN



Vasos
Material: tucum



Produtos AMARN



SOUSPLAT INDÍGENA
Material: tucum



FRUTEIRA REDONDA
Material: tucum



FRUTEIRA CESTO INDÍGENA (TEAR)
Material: tucum

FRUTEIRA CESTO INDÍGENA
Material: tucum



Maués

Maués, situada na margem direita do Rio Maués-Açu, cerca de 268 km de Manaus em linha reta e 356 km por via fluvial, é conhecida como a “Terra do Guaraná”. Com uma população de 61.204 habitantes, segundo o IBGE de 2022, a cidade é um vibrante centro cultural e econômico do Amazonas, destacando-se pela rica história e biodiversidade. A origem do nome Maués vem do Tupi e significa curioso e inteligente. A região foi inicialmente habitada pelos indígenas Munduruku e Mawé.



Localização de Maués no estado do Amazonas.

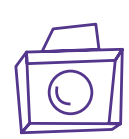
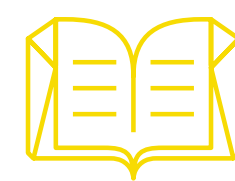
Culturalmente, Maués celebra a Festa do Guaraná em novembro. É um centro de preservação do Gambá, uma expressão cultural que mistura música e dança. As etnias Munduruku, Mawé e Sateré-Mawé são predominantes e o artesanato local, reconhecido como **Patrimônio Cultural Imaterial do Amazonas**, destaca-se pela produção de peças com massa de guaraná, cipós e barro, promovidas por organizações como a Associação de Artesãos Unidos para Vencer (AAUV).

Maués é um exemplo vibrante de como a tradição e a modernidade se entrelaçam, oferecendo um rico panorama cultural e econômico que atrai visitantes e fortalece a identidade local.



A Economia Sateré-Mawé e o Artesanato de Maués

Este material sobre o artesanato de Maués é fundamentado na pesquisa de Mírian de Araújo Mafra Castro, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas.



Para integrar as lutas instrumental, identitária e ética ao contexto de Maués, com base na dissertação de Mírian, podemos destacar os seguintes pontos:



A economia Sateré-Mawé adapta-se às demandas do mercado enquanto preserva tradições culturais. O artesanato, incluindo colares de sementes e esculturas de madeira, é vital para a sobrevivência econômica das comunidades, servindo como uma fonte de renda essencial. A introdução de produtos industrializados nas áreas indígenas, especialmente em regiões próximas às cidades, tem impactado o consumo de produtos tradicionais. A luta instrumental dos Sateré-Mawé busca equilibrar a necessidade de comercialização do artesanato com a preservação das práticas culturais e alimentares tradicionais, garantindo que a produção artesanal continue a ser uma base econômica sustentável e uma expressão autêntica da identidade cultural desse povo.



O artesanato Sateré-Mawé é uma expressão da identidade cultural do povo, enraizada em mitos e narrativas ancestrais.

A produção artesanal é precedida por um rico processo de aprendizagem cultural, onde mitos e histórias contadas por anciãos inspiram a criação de objetos que carregam significados simbólicos.

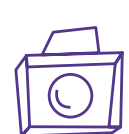
Celebrar o Wará, que é um ritual tradicional de iniciação masculino dos Sateré-Mawé mais conhecido como Ritual da Tucandeira, é uma prática que conecta os Sateré-Mawé ao seu patrimônio cultural, reafirmando sua identidade e transmitindo conhecimentos às gerações mais jovens.



A relação dos Sateré-Mawé com o meio ambiente é central em sua produção artesanal. A valorização do guaraná, tanto como produto comercial quanto elemento sagrado, exemplifica essa conexão.

O desafio ético reside em conciliar a produção para o mercado com sustentabilidade ambiental e cultural. A centralização da produção de guaraná para exportação, embora beneficie economicamente a comunidade, levanta questões sobre a redução da diversidade agrícola e a preservação de práticas tradicionais. Os Sateré-Mawé buscam parcerias e soluções para mitigar esses impactos, promovendo práticas de manejo sustentável e respeito às tradições.

Dessa forma, a economia Sateré-Mawé é um exemplo de resistência cultural e adaptação econômica, onde o artesanato desempenha um papel crucial na preservação da identidade e na promoção de práticas sustentáveis. Através de uma abordagem que integra o conhecimento tradicional e as demandas contemporâneas, esse povo continua a moldar sua trajetória, enfrentando desafios e celebrando as raízes culturais.



Artesão da Associação de Artesãos Unidos para Vencer da Comunidade Menino Deus, em Maués, para o catálogo “Artesanato Amazonense” criado pela Focus - DM.
Foto por Sérgio Matos.

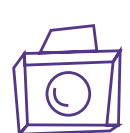


Conheça mais da Associação de Artesãos Unidos para Vencer (AAUV)

Produtos AAUV



Vasos
Material: cipó ambé



Produtos AAUV



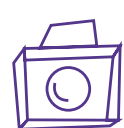
Cesto
Material: cipó ambé



Centros de mesa
Material: barro



Luminária de mesa
Material: cipó ambé



Novo Airão

Novo Airão, localizado na região metropolitana de Manaus, ocupa uma área de 37.771,246 km² na margem direita do rio Negro e está a cerca de 196 km da capital. O acesso ao município pode ser feito pela rodovia AM-070 até Manacapuru, seguido por estrada, ou por meio de lanchas ou barcos. Com uma história rica que remonta ao final do século XVII, quando os indígenas Tarumã fundaram o aldeamento Santo Elias do Jaú. Novo Airão se desenvolveu como um centro cultural e turístico desde que se tornou um município autônomo em 1956. A economia local é composta por pequenos negócios como farmácias, mercados e pousadas. O turismo, especialmente o ecoturismo, desempenha um papel vital. A cidade é famosa pelas atrações naturais, incluindo o Parque Nacional de Anavilhanas e as Grutas do Madadá, além de oferecer experiências únicas como a interação com botos cor-de-rosa.



Localização de Novo Airão no estado do Amazonas.

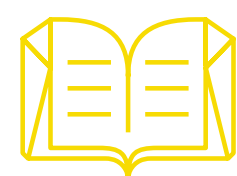


Paisagem de Novo Airão
Foto por Sharlene Melanie

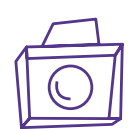


O Artesanato em Novo Airão

Este material sobre o artesanato em Novo Airão é fundamentado em uma pesquisa aprofundada que alia conhecimento acadêmico e experiência prática na região. As informações aqui apresentadas foram balizadas pela dissertação de mestrado de Katiuscia da Silva Auzier, intitulada **'O Artesanato de Novo Airão: Sustentabilidade e Identidade Cultural na Economia Criativa'**, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG/CASA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Além do material científico, a Associação Nov'Arte contribuiu respondendo a um questionário simplificado, enriquecendo ainda mais o conteúdo com insights práticos e experiências diretas da comunidade, proporcionando uma visão abrangente e profunda das realidades e desafios enfrentados pelos artesãos locais.



A dissertação de Auzier oferece uma análise detalhada da dinâmica organizacional e das práticas artesanais em Novo Airão, destacando como a sustentabilidade e a identidade cultural são integradas na economia criativa local. Além disso, este material é enriquecido pelo conhecimento prático acumulado através de trabalhos realizados na região, proporcionando uma visão abrangente e profunda das realidades e desafios enfrentados pelos artesãos locais.



Para integrar as lutas instrumental, identitária e ética ao contexto de Novo Airão, com base na dissertação de Katiuscia sobre a dinâmica organizacional na cidade, podemos destacar os seguintes pontos:



A Fundação Almerinda Malaquias (FAM) exemplifica a luta instrumental através da transformação de madeira descartada pela indústria naval em artesanato de alta qualidade. Este processo não apenas oferece uma solução econômica para o desperdício de recursos, mas também proporciona formação profissional e geração de renda para a população local. A criação de pequenos móveis e peças decorativas a partir de madeira morta, além de resgatar materiais que seriam descartados, qualifica a comunidade para o desenvolvimento de habilidades valiosas em marcenaria, fortalecendo a economia local.



A FAM e a Nov'Arte são fundamentais para a preservação e fortalecimento da identidade cultural de Novo Airão. O artesanato produzido reflete a fauna local e integra elementos culturais e naturais da Amazônia como o icônico "sapo cantador". Este foco na fauna regional destaca a biodiversidade única da região e reforça a conexão dos artesãos com a terra e cultura. A escolha dos temas e materiais utilizados no artesanato é uma expressão da identidade local, permitindo que os artesãos contem histórias e preservem tradições através das criações.



A ética permeia as práticas da FAM, que busca um equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental. O uso responsável de recursos naturais e a minimização de resíduos são princípios fundamentais na produção artesanal. Além disso, a organização promove a inclusão social e a igualdade de oportunidades, capacitando artesãos locais e garantindo que as decisões sejam tomadas coletivamente. Este compromisso com práticas justas e sustentáveis assegura que o crescimento econômico não ocorra às custas do meio ambiente ou da coesão social.



A Associação dos Artesãos de Novo Airão (AANA) representa uma luta contínua em três frentes: instrumental, identitária e ética, cada uma desempenhando um papel crucial no fortalecimento do artesanato local.



A AANA foi criada para organizar e potencializar a comercialização do artesanato local, que antes era realizado de maneira individual e dispersa. Com o apoio de projetos como o Fibrarte, a Associação conseguiu cadastrar artesãos, promover a produção e identificar mercados potenciais. Essa estrutura permitiu que os artesãos de Novo Airão se interessassem em mercados mais amplos, garantindo uma fonte de renda mais estável e fortalecendo a economia local.

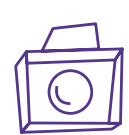


No campo identitário, a AANA desempenha um papel vital na preservação e promoção das técnicas tradicionais de trançados em fibra de arumã.

Essas práticas são uma herança cultural das etnias do rio Negro, como os Baré, e são transmitidas de geração em geração. A Associação valoriza esses saberes ancestrais, permitindo que os artesãos expressem a identidade cultural através de produtos únicos como tapetes, cestos e colares, que contam histórias e carregam a essência da região.



A luta ética da AANA se concentra na adoção de práticas sustentáveis de manejo dos recursos naturais. Originalmente, a coleta de arumã era feita nas ilhas do Parque Nacional de Anavilhanas, mas as restrições ambientais levaram a Associação a buscar alternativas. Com apoio técnico, a AANA desenvolveu um sistema de manejo sustentável em áreas permitidas, conciliando a produção artesanal com a conservação ambiental. Essa abordagem ética protege o meio ambiente e assegura que as práticas artesanais possam ser mantidas para as futuras gerações.



Artesã Baré Dona Alberta, representante da AANA, para o catálogo "Artesanato Amazonense" criado pela Focus DM.
Foto por Sérgio Matos.



Conheça mais da
Associação dos
Artesãos De Novo
Airão (AANA)

Produtos AANA



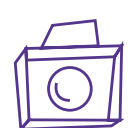
Cestos
Material: arumã



Bolsa
Material: cipó ambé e tecido



Cestos
Material: cipó ambé



Produtos FAM



Arraia marchetada

Material: madeira



Caixas marchetadas

Material: madeira



Sapo Cantor

Material: madeira



Prato marchetado

Material: madeira



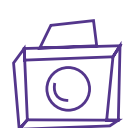
Fruteira marchetada

Material: madeira



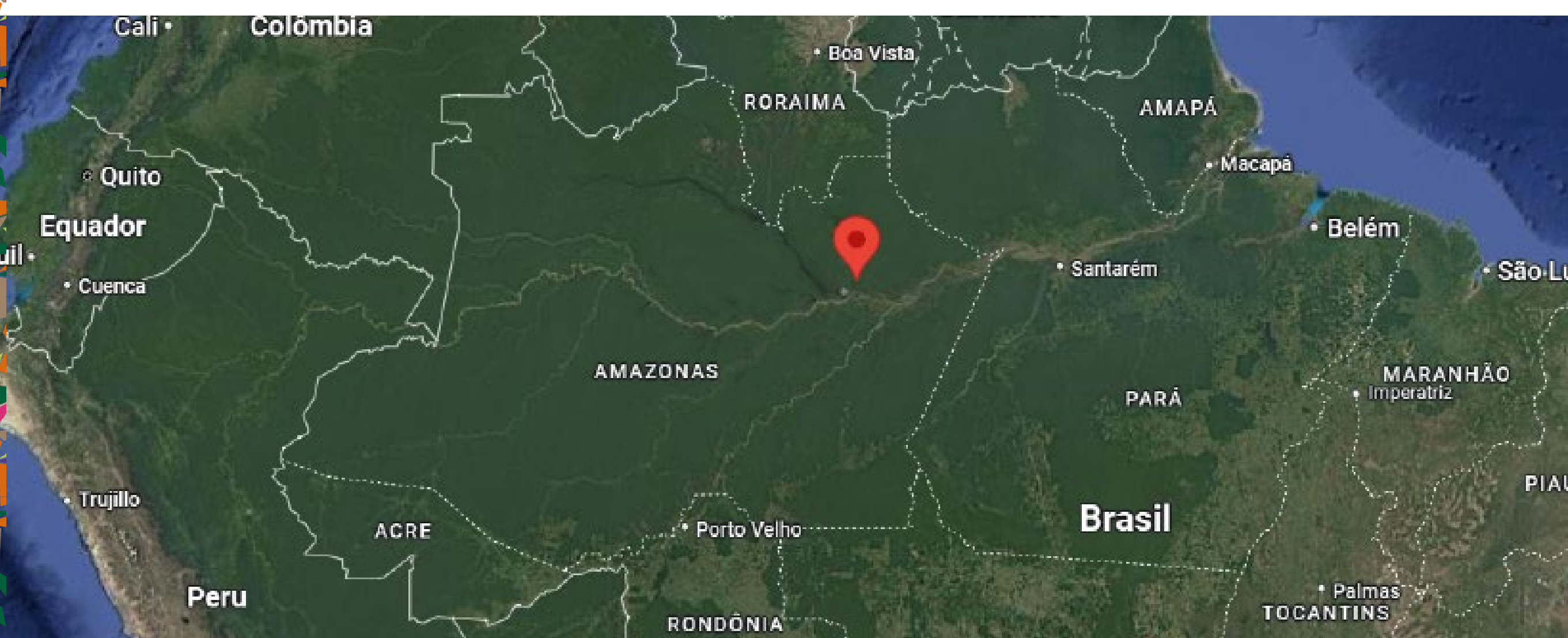
Farinheira marchetada

Material: madeira



Rio Preto da Eva

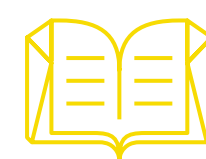
Rio Preto da Eva, situado a 50 km de Manaus, destaca-se pelas águas escuras e atrações turísticas como igarapés e caiaque nos rios Preto da Eva e Urubu. O município, cuja história remonta ao ciclo da borracha e à criação da Zona Franca de Manaus, foi oficialmente estabelecido em 1981. A Aldeia Beija-flor, que abriga etnias como Baré e Sateré Mawé, exemplifica a convivência entre tradição e modernidade, sustentando-se por meio do artesanato e ecoturismo (IBGE, 2022).



Localização de Rio Preto da Eva no estado do Amazonas.

Rio Preto da Eva e a Comunidade Indígena Beija-flor

A partir do artigo **'Etnicidade e urbanidade: a Aldeia Beija-flor'**, publicado nos **Novos Cadernos NAEA** (FARIAS JÚNIOR; ALMEIDA, 2011), podemos contextualizar a situação de Rio Preto da Eva e da comunidade indígena Beija-flor considerando as lutas instrumental, identitária e ética. Além da pesquisa documental, foi realizada uma entrevista com Marlene dos Santos Silva, uma das lideranças do grupo Cestaria Baniwa, o que enriquece o material com perspectivas práticas e vivências diretas da comunidade.



Na década de 1980, a cidade de Rio Preto da Eva foi palco de um processo complexo de formação de uma comunidade indígena, que ilustra as lutas instrumental, identitária e ética enfrentadas pelos povos indígenas na Amazônia.



A luta instrumental se manifesta na forma como o comerciante norte-americano Richard Melnyk utilizou sua posição e recursos para criar uma "comunidade indígena" com o objetivo de produzir artesanato para venda. Ele adquiriu uma área de 81,20 hectares e convidou indígenas de diferentes etnias para residirem ali, visando estabelecer um controle sobre a produção e comercialização do artesanato.



A luta identitária é evidenciada pelos desafios enfrentados pelos indígenas de diferentes etnias (como Yanomami, Hiskariana e Tukano) ao serem reunidos em um mesmo espaço. A heterogeneidade étnica inicialmente dificultou a formação de laços de solidariedade, refletindo a complexidade da construção de uma identidade coletiva em um contexto artificial e comercialmente motivado.



A luta ética se apresenta no conflito entre os interesses comerciais de Melnyk e a autonomia e direitos dos povos indígenas. A criação de uma "comunidade", com o propósito primário de produção artesanal para exportação, levanta questões éticas sobre a exploração cultural e econômica dos povos indígenas.

O artigo destaca duas tentativas de ocupação indígena na área. A primeira, nos anos 1980, envolveu famílias de diferentes etnias convidadas por Melnyk. A segunda, possivelmente, refere-se a uma reocupação ou reorganização posterior da comunidade.

Este caso ilustra as complexas dinâmicas de etnicidade e urbanidade enfrentadas pelos povos indígenas, onde suas tradições e identidades são confrontadas com interesses econômicos e desafios de adaptação ao contexto urbano. A história da Aldeia Beija-flor em Rio Preto da Eva serve como um microcosmo das lutas mais amplas dos povos indígenas na Amazônia por reconhecimento, autonomia e preservação cultural em face da urbanização e interesses comerciais.



Cestaria Baniwa: Tecendo Tradições na Amazônia Urbana

Questionário Simplificado

O grupo Cestaria Baniwa, estabelecido em 2012, representa uma notável iniciativa de preservação cultural e adaptação urbana de uma das mais antigas e respeitadas tradições artesanais da Amazônia. Liderado por Marlene dos Santos da Silva, o grupo surgiu após o deslocamento de famílias Baniwas para a área urbana de Rio Preto da Eva, especificamente no Bairro da Paz.

O Cestaria Baniwa não é apenas um empreendimento artesanal, mas um guardião de conhecimentos tradicionais. Através de suas criações, que incluem cestos, luminárias, peneiras e outros artefatos, o grupo preserva e transmite saberes milenares, adaptando-os às demandas do mercado contemporâneo sem perder a essência de sua herança cultural.

 Centro de mesa e vaso Baniwa
Foto por Sérgio Matos



Composto por 25 artesãos ativos, sendo 20 mulheres e 5 homens, o grupo Cestaria Baniwa é um exemplo de diversidade e colaboração intercultural. Embora predominantemente Baniwa, o grupo também inclui representantes das etnias Kubeo e Tukano, enriquecendo ainda mais o repertório de técnicas e design.

A cestaria é considerada a expressão cultural mais forte da etnia Baniwa, uma habilidade ancestral que define sua identidade cultural e artística. Este grupo não apenas mantém viva essa tradição, mas também a adapta ao contexto urbano, criando uma ponte entre o passado ancestral e o presente dinâmico da Amazônia contemporânea.



Acesse ao
instagram da
Cestaria Baniwa



Acesse ao blog
da Comunidade
Indígena Beija-Flor
e saiba mais.

Produtos Cestaria Baniwa



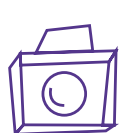
Luminária
Material: arumã



Vaso
Material: arumã



Vasos
Material: arumã

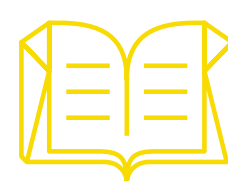


Análise Acadêmica:

Integração de Dissertações e Teses sobre o Artesanato Amazônico

Ao longo do e-book, incorporamos textos de diversas dissertações e artigos que exploram o artesanato amazônico, destacando as lutas instrumental, identitária e ética dos artesãos. Essas obras acadêmicas foram integradas ao mapeamento para oferecer uma compreensão mais rica e detalhada das práticas artesanais e dos desafios enfrentados pelas comunidades locais.

Em particular, a contribuição de Laura Landau é apresentada separadamente. Embora não tenhamos incluído o Quilombo do rio Andirá no mapeamento, o trabalho de Laura oferece uma valiosa perspectiva sobre as comunidades quilombolas e suas interações com o artesanato. A análise de Landau enriquece o contexto geral do e-book, trazendo insights únicos que ampliam a compreensão das dinâmicas culturais e sociais do Amazonas, complementando o registro cultural e social do artesanato na região.



Criança "imita" avô no feitiço de um paneiro já pronto, com resto da tala do cipó ambé
Foto por Laura Landau

Quilombo do rio Andirá

A idealizadora do Projeto “Mosaico”, desenvolveu a dissertação no território daquele quilombo, onde explorou os hibridismos do artesanato quilombola do rio Andirá. Um trabalho, realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG/CASA) da Universidade Federal do Amazonas, que combina uma análise das redes sociotécnicas com os saberes locais e etnoecológicos. A vivência direta da pesquisadora com as comunidades quilombolas, aliada aos estudos acadêmicos, permitiu-lhe contribuir significativamente para o mapeamento cultural e ambiental da região, destacando a riqueza e a complexidade das práticas artesanais e sua interconexão com o meio ambiente.

Introdução

Os quilombos são verdadeiros guardiões da tradição afro-brasileira, preservando sua identidade através da perpetuação de costumes e saberes transmitidos de geração em geração. No Rio Andirá, a vida quilombola é marcada por uma interação profunda com o ambiente, onde práticas agrícolas, extrativistas e culturais se entrelaçam, formando um modo de vida sustentável e resiliente. Essa dissertação de Laura Landau explora a realidade dos quilombolas, destacando lutas instrumentais, identitárias e éticas.

Luta instrumental



A luta instrumental dos quilombolas do rio Andirá se manifesta na forma como organizam a produção material e subsistência. As atividades econômicas são centradas em um sistema agroflorestal que integra roçado, extrativismo, pesca e criação de animais. Esse sistema é sustentado por unidades familiares que trabalham em harmonia com a natureza para garantir a sobrevivência e prosperidade. A posse coletiva das terras e o manejo sustentável dos recursos naturais são fundamentais para manter o equilíbrio entre a demanda familiar e a penosidade do trabalho, evitando uma exploração excessiva e garantindo a resiliência dos recursos.



A identidade quilombola está intrinsecamente ligada ao território e aos saberes tradicionais. A transmissão de conhecimentos através da oralidade e das práticas cotidianas reforça o pertencimento e a conexão com a ancestralidade. Os rituais e as práticas culturais, como o uso de ferramentas tradicionais e a produção de artefatos, são expressões da identidade quilombola que fortalecem o senso de comunidade e continuidade histórica. A demarcação e titulação dos territórios são essenciais para preservar essa identidade e garantir a autonomia cultural dos quilombolas.



A luta ética dos quilombolas envolve a preservação de tradições culturais e a manutenção de uma relação equilibrada com a natureza. A interação agroecológica com o ambiente demonstra um profundo respeito pelos ciclos naturais e pela biodiversidade. Os quilombolas são guardiões de práticas sustentáveis que contribuem para a conservação ambiental, reconhecendo a importância de sua terra como fonte de sustento e espaço de transmissão de valores éticos e morais. A etnoecologia quilombola reflete uma visão de mundo onde o equilíbrio entre o ser humano e a natureza é fundamental para a sobrevivência e bem-estar coletivo.



O Papel do Artesanato na Vida Quilombola

O artesanato é uma expressão vital da cultura e identidade quilombola, refletindo a profunda conexão dessas comunidades com a natureza e seus saberes tradicionais. Nas comunidades quilombolas, a produção artesanal não é apenas uma atividade econômica, mas também um meio de preservar e transmitir conhecimentos ancestrais. Os quilombolas utilizam materiais locais, como cipó titica, cipó ambé, arumã e barro, para criar uma variedade de objetos essenciais para o dia a dia. Cada material é cuidadosamente extraído da natureza, respeitando os ciclos naturais e garantindo a sustentabilidade dos recursos. As técnicas de produção são passadas de geração em geração, incorporando conhecimentos sobre o manejo e a transformação desses materiais em artefatos como vassouras, paneiros, peneiras e objetos de barro.



Cipó-ambé dá Vida ao Paneiro

O cipó-ambé é um material essencial para a confecção dos paneiros, utilizados na rotina da roça para carregar, principalmente, mandioca. Esse objeto é onipresente nas casas quilombolas, servindo também como lixeiras, guardadores de objetos ou protetores de galinhas e pintos. Os quilombolas identificam várias espécies de cipó-ambé, cada uma com características específicas, como casca grossa e espinhos pequenos. A extração do cipó ocorre preferencialmente durante a cheia, quando o acesso à mata é facilitado.

Os quilombolas acreditam que o cipó-ambé se espalha pela ação de pássaros, como o tucano, que consomem suas sementes e as dispersam. Esse conhecimento tradicional sobre o cipó-ambé ilustra a interação dos quilombolas com o ambiente, evidenciando uma relação de respeito e adaptação aos ciclos naturais.



Trocas e Venda: Economia Quilombola

A produção de artesanato nas comunidades quilombolas é um elemento central de subsistência, desempenhando um papel vital na economia local. O artesanato não é apenas uma fonte de renda, mas também uma forma de manter vivas as práticas culturais e sociais. Os artesãos, em sua maioria, produzem para consumo próprio e para atender encomendas de vizinhos, integrando o artesanato ao cotidiano da comunidade.



Arranjos Econômicos e Trocas

Os arranjos econômicos em torno do artesanato são variados. Muitos artesãos produzem peças para uso pessoal e, ocasionalmente, vendem para vizinhos ou conhecidos. Em algumas comunidades, como Santa Tereza do Matupiri, existe a figura do revendedor, que comercializa vassouras, peneiras e paneiros, adquiridos de outros artesãos. Esse sistema de revenda é menos comum em outras áreas, mas confere status ao revendedor, reconhecido por sua habilidade em negociar e distribuir os produtos.

Outro arranjo econômico interessante é a “meia das peças”, onde uma pessoa fornece o material e o artesão produz o objeto, dividindo a produção ao meio. Essa prática é vantajosa para ambos, pois economiza tempo e esforço na coleta de materiais e na produção das peças.



Desafios e Estratégias de Comercialização

Quando a produção excede a demanda local ou há necessidade urgente de dinheiro, os artesãos se dirigem a cidades como Barreirinha para vender as peças. No entanto, enfrentam desafios ao negociar com comerciantes, que frequentemente revendem os produtos a preços muito mais altos. Isso gera insatisfação entre os artesãos, que preferem práticas de venda mais justas.

A valoração dos produtos artesanais é baseada na necessidade de uso e na dificuldade do trabalho envolvido. O preço é negociado considerando a complexidade e o tempo investido na produção. A habilidade e a qualidade do artesão podem elevar o valor das peças, tornando-as mais valorizadas no mercado.



Gilberto inicia o teçume de algumas cabeças de vassouras
Foto por Laura Landau



Conclusão

A economia quilombola, centrada no artesanato, é uma expressão de resiliência e adaptação cultural. Os arranjos econômicos e as práticas de troca refletem uma sociedade que valoriza a cooperação e a sustentabilidade. Ao preservar tradições artesanais, as comunidades quilombolas garantem sobrevivência econômica e fortalecem a identidade cultural, criando um legado rico e duradouro para as futuras gerações.



Dona Perpétua organiza produção
Foto por Laura Landau

Panorama do Artesanato em Municípios Amazônicos

Uma Perspectiva do Projeto Mosaico Amazonas

As conclusões apresentadas na tabela foram extraídas de uma análise abrangente das associações de artesanato em diversos municípios do Amazonas, incluindo Barreirinha, Barcelos, Benjamin Constant, Iranduba, Manaus, Maués, Novo Airão, Rio Preto da Eva, São Gabriel da Cachoeira e, também, a comunidade Três Unidos.

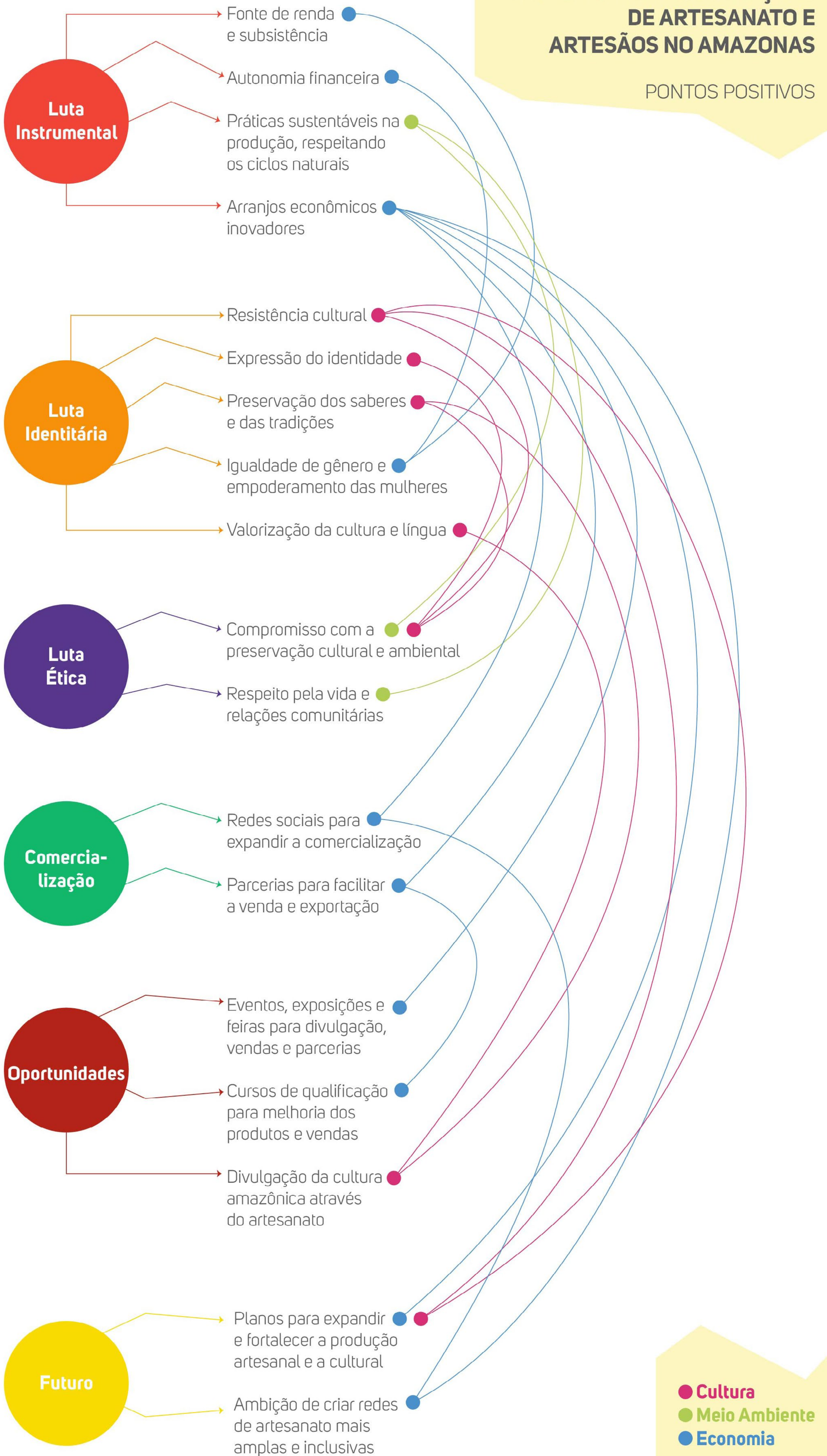
Essas associações, que incluem artesãos indígenas e ribeirinhos, são fundamentais para a promoção da autonomia financeira e a preservação cultural das comunidades locais. Além disso, a análise incorporou dados de 37 questionários respondidos, fornecendo insights valiosos sobre práticas sustentáveis, inovações econômicas e desafios enfrentados, como questões logísticas e a necessidade de políticas públicas de apoio. A integração dos quilombolas do rio Andirá também foi considerada, destacando oportunidades de crescimento e a importância do empoderamento comunitário para o desenvolvimento futuro.



Detalhes do artesanato Baniwa na Comunidade Yamado em São Gabriel da Cachoeira - AM. Foto por Sharlene Melanie

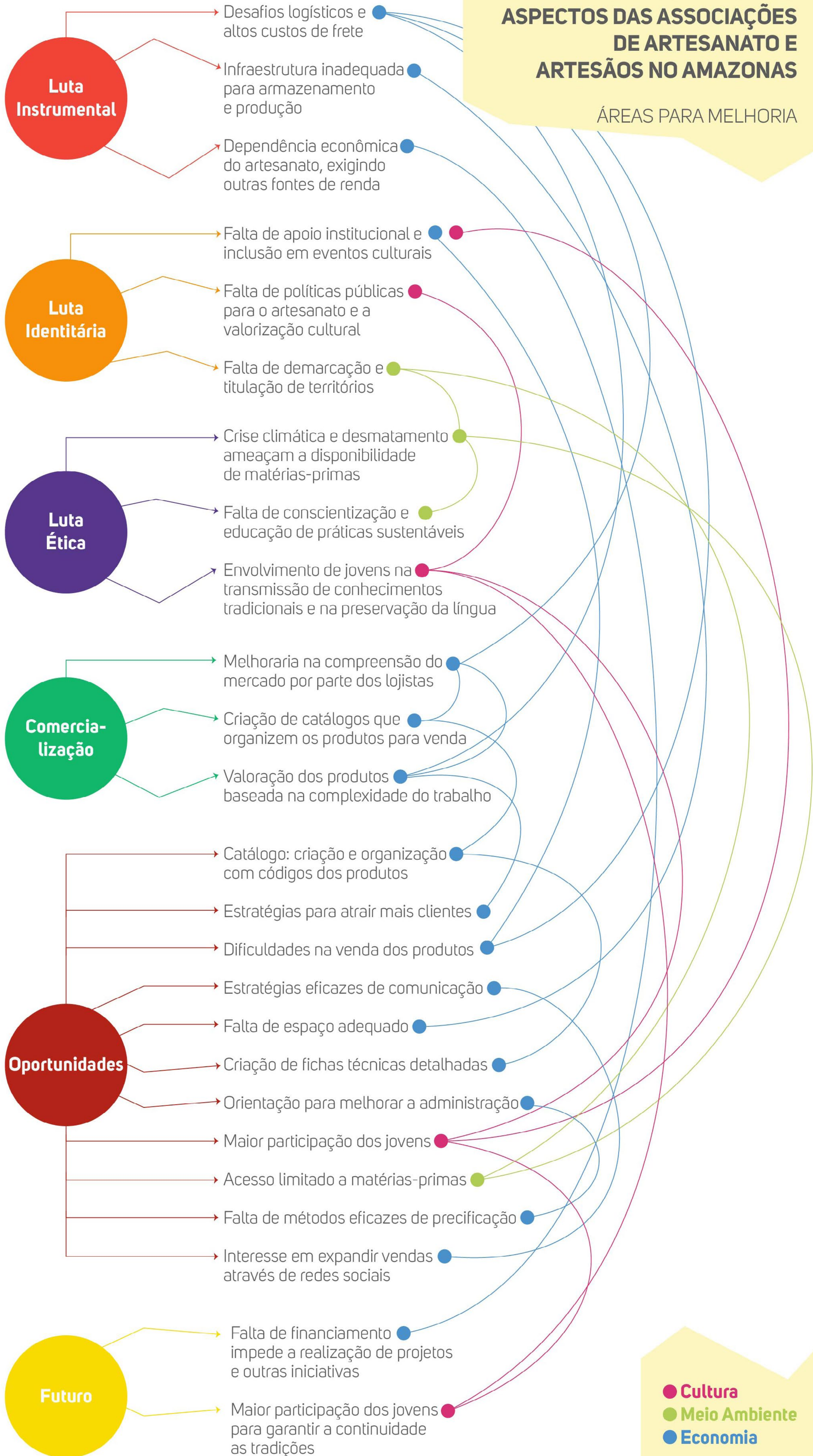
ANÁLISE DOS PRINCIPAIS ASPECTOS DAS ASSOCIAÇÕES DE ARTESANATO E ARTESÃOS NO AMAZONAS

PONTOS POSITIVOS



ANÁLISE DOS PRINCIPAIS ASPECTOS DAS ASSOCIAÇÕES DE ARTESANATO E ARTESÃOS NO AMAZONAS

ÁREAS PARA MELHORIA





Conclusão

A iniciativa do CRAB em iniciar o projeto piloto “Mosaico Amazonas - Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro” representa um passo fundamental na preservação da biodiversidade cultural, atuando como uma celebração da complexa teia da vida. Este projeto pioneiro documenta as práticas artesanais e reconhece o artesanato amazonense como um reflexo vivo da interconexão entre as comunidades humanas e o ambiente natural.

A diversidade encontrada nos municípios mapeados reflete a complexidade e riqueza do artesanato na região. Desde as técnicas ancestrais preservadas em São Gabriel da Cachoeira até as inovações sustentáveis em Manaus, o artesanato amazonense se revela como um mosaico vivo de tradições, adaptações e resistências culturais.

Este projeto além de documentar as práticas artesanais, dá voz aos artesãos, principalmente às mulheres indígenas, que com esse trabalho mantêm vivas as tradições, garantem a subsistência de suas famílias e afirmam as identidades culturais. A luta ética, evidenciada no uso consciente dos recursos naturais, demonstra um profundo respeito pela biodiversidade amazônica e um compromisso com práticas sustentáveis.

O mapeamento também destaca os desafios enfrentados pelos artesãos, desde questões logísticas até a necessidade de reconhecimento e valorização. Ao mesmo tempo, revela oportunidades para o desenvolvimento sustentável do setor, através da integração de práticas tradicionais com inovações que respeitem o meio ambiente e as culturas locais.

O artesanato amazonense é muito mais do que uma atividade econômica. É um vetor de identidade cultural. Um instrumento de coesão social e um exemplo de como as comunidades tradicionais podem se adaptar e prosperar em harmonia com o meio ambiente. Este mapeamento é um importante registro e um chamado à ação para a preservação e promoção deste patrimônio cultural inestimável.



Referências

AUZIER, K. S. **O artesanato de Novo Airão: sustentabilidade e identidade cultural na economia criativa.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

BREVES, N. S. P. **Conhecimento Omágua/Kambeba e a educação em ciências:** um estudo na Escola Municipal Três Unidos no Rio Cuieiras/Baixo Rio Negro. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2013.

CASTRO, M. A. M. **Economia Sateré-Mawé e o mercado do artesanato: resistências e transformações.** 2019. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

FERNANDES, M. C. **Uma reflexão sobre as atividades econômicas realizadas pelas sócias da Associação das Mulheres Indígenas Tikuna (AMIT) na comunidade Filadélfia, em Benjamin Constant – Amazonas.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Instituto de Natureza e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2023.

FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. **Plano de gestão territorial e ambiental:** Terra Indígena Alto Rio Negro. São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN, 2019. Disponível em: https://pgtas.foirn.org.br/wp-content/uploads/2021/09/PGTA_TI_Alto_RN.pdf Acesso em: 10.out.2024.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. **Plano de gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro:** produto 7, volumes I e II, versão consulta pública. 2017. Disponível em: https://pdfhost.io/v/oc6opk2kM_Plano_de_Gesto_RDSRio_Negro2017_Versao_inrevpdf. Acesso em: 10.out.2024.

LANDAU, L. **Os hibridismos do artesanato quilombola do Rio Andirá, Amazonas:** análise da rede sociotécnica à luz dos saberes locais e etnoecológicos. 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

MAFFI, L. **Linguistic, cultural, and biological diversity.** Annu. Rev. Anthropol., v. 34, p. 599–617, 2005.

JECUPÉ, K. W. **A Terra dos Mil Povos:** História Indígena Brasileira Contada por um Índio. Editora Peirópolis, 1998.

PINHEIRO, S. M.; LIMEIRA, Tania Maria Vidigal. **Cadeia de valor inclusiva e microempreendedores ribeirinhos:** o caso da reserva do Rio Negro. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2015.

SANTOS, J. S. **Numiã kura:** as lutas das artesãs no Amazonas. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.

Contatos

Barcelos

NACIB – Núcleo de Arte e Cultura Indígena de Barcelos

Endereço: Rua Tuxaua Kmadri nº 98, Bairro São Sebastião – Barcelos/AM CEP: 69.700-000

Telefone: (97) 98407-9330

Instagram: [@nacib_am](https://www.instagram.com/nacib_am) 

Responsável: Dinalva Dias Campos

Quantas associadas: 60 artesãos, dos quais 30 trabalham de forma direta.

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Logística e falta de conexão com a internet.

Principais matérias-primas: Piaçava, sementes, cipós, como o cipó ambé e o cipó titica e o molongó para a produção de bancos.

Barreirinha

Casa do Artesanato

Endereço: Barreirinha - AM

Telefone: 92 99363-0254

Responsável: José Gustavo Ramos

Quantas associadas: de 11 a 15 indígenas e ribeirinhas

Canais de venda: Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, falta de apoio da governança, falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático e problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro.

Principais matérias-primas: Semente, madeira e pena.



Benjamin Constant

AMIT – Associação das Mulheres Indígenas Ticuna

Endereço: Av. Castelo Branco, Centro, Benjamin Constant – AM

CEP: 69630000

Telefone: (97) 98453-7315

Instagram: [@amitculturabelasartes](https://www.instagram.com/amitculturabelasartes)

Responsável: Hilda Pinto Félix (etnia Ticuna)

Quantas associadas: 45 mulheres | 43 homens (indígenas)

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: logística e falta de conexão com a internet

Principais matérias-primas: arumã, cipó titica e ambé, tala de najá, bacaba, fio de tucum e o breu



Careiro Castanho

Teçume da Floresta

Endereço: Rodovia Br 319 km 124 | Cidade: Careiro Castanho,

CEP: 69250-000

Telefone: 92 9359-9217

Instagram: [@tecumedaflorista](https://www.instagram.com/tecumedaflorista)

Responsável: Maria Alexandre

Quantas associadas: 12 mulheres | 7 homens (ribeirinhos)

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: logística

Principais matérias-primas: fibra do cipó ambé e titica, plantas naturais para o tingimento como crajirú, jenipapo, açafraão, casca de cebola e a casca do cipó ambé, todas colhidas na própria comunidade.



Comunidade Três Unidos

Raimundo Kambeba (Vice-Tuxaua)

Endereço: baixo rio Negro, Reserva de Desenvolvimento Sustentável Puranga Conquista

Telefone: 92 98521 2750 / 92 99322-1083

Instagram: [@pully_kambeba](https://www.instagram.com/pully_kambeba) / [@restaurante.sumimi](https://www.instagram.com/restaurante.sumimi)

Responsáveis: Raimundo; Pully; Neurilene Cruz (etnia kambeba)

Quantas associadas: 115 indígenas

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Principais matérias-primas: Sementes, tucum, tingimento corporal



Irاندuba

Luana Brenches de Oliveira

Endereço: Manaus-AM

Telefone: 92 99190-4211

Instagram: [@lu.biojoias](https://www.instagram.com/lu.biojoias)

Responsável: Luana Brenches de Oliveira

Quantas associadas: 1

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de apoio da governança, falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: Fibra, semente, madeira, prata, pedras naturais e ouro.



Manaus

Alice Macedo Lagoa da Silva

Endereço: Conjunto Eldorado, Bloco 22 B, n.14| Manaus-AM

Telefone: 92 99365-0513

Instagram: [@alice_lagoa_silva](https://www.instagram.com/alice_lagoa_silva)

Responsável: Alice Macedo Lagoa da Silva

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Principais matérias-primas: tecido

AMARN - Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro

Endereço: Rua 06, 156, conjunto Vilar Câmara, Aleixo, Manaus, Brazil 69083-370

Telefone: (92) 99416 6587

Instagram: [@numiakura](https://www.instagram.com/numiakura)

Responsável: Clarice Arbella (etnia Tukano)

Quantas associadas: 89

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Preço dos produtos e valores dos fretes.

Principais matérias-primas: Tucum, sementes

AMUAPIN

Endereço: Rua Gonçalves Maia | Manaus-AM

Telefone: 92 99230-1447

Instagram: [@nikymattos](#)

Responsável: Ronilson Santarém da Silva

Quantas associadas: 30

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Aumento da escassez de matéria prima decorrente das questões ambientais climáticas.

Principais matérias-primas: Madeira

Ateliante

Endereço: Manaus/AM

Telefone: 92 98256-5040

Instagram: [@ateliante](#) [@henriqueviolante](#)

Responsável: Carlos Henrique Violante

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, e falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático.

Principais matérias-primas: Fibra, sementes, madeira, pena e tecidos.

Ateliê Benjamin Camargo

Endereço: Manaus/AM

Telefone: 93 99176-5917

Instagram: [@camargoartesanato](#)

Responsável: Marcus Camargo

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: falta de recurso financeiro, falta de apoio da governança, problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro e falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: Fibra, semente, madeira e cuias.

Celdo Braga

Endereço: Villa Verde 1 Rua 22 quadra 27 casa 5 | Santo Agostinho Manaus-AM

Telefone: 92 99981-5799

Instagram: [@celdobraga](#)

Responsável: Celdo Braga

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático e falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: Semente, madeira, casca de frutos da floresta e objetos orgânicos descartados.

Coletivo Mulheres de Fibra da Amazônia-Colima

Endereço: Rua Alberto Mendes s/n Ufamzinha | Manaus-AM

Telefone: 92 99133-0424

Instagram: [@colimamulheres](#)

Responsável: Marinalva Brito de Azevedo Teixeira

Quantas associadas: de 16 a 20 mulheres ribeirinhas

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático, aumento da escassez de matéria prima decorrente das questões ambientais climáticas, falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes, e dificuldades no setor de finanças, por conta da burocracia para participar de financiamento do governo, principalmente para as mulheres.

Principais matérias-primas: Cipó, fibra, semente, madeira e pena.

Geane Santana de Melo

Endereço: Manaus/AM

Telefone: 92 99487-6876

Instagram: [@geanemelo_bio](#)

Responsável: Geane Santana de Melo

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático.

Principais matérias-primas: Fibra, sementes e tecido

Heloísa Helena da Silva Sena

Endereço: Manaus/AM

Telefone: 92 99623 7893

Instagram: [@helohsena](https://www.instagram.com/helohsena)

Responsável: Heloísa Helena da Silva Sena

Quantas associadas: de 01 a 05 mulheres indígenas

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Aumento da escassez de matéria-prima decorrente das questões ambientais climáticas.

Principais matérias-primas: Fio

Luana Brenches de Oliveira

Endereço: Manaus-AM

Telefone: 92 99190-4211

Instagram: [@lu.biojoias](https://www.instagram.com/lu.biojoias)

Responsável: Luana Brenches de Oliveira

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de apoio da governança, falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: Fibra, semente, madeira, prata, pedras naturais e ouro.

Lucília Ferreira Matos

Endereço: Manaus/AM

Telefone: 92 99220-5540

Instagram: [@lumatos_ateliedebonecas](https://www.instagram.com/lumatos_ateliedebonecas)

Responsável: Lucília Ferreira Matos

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: falta de recurso financeiro e falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: tecidos

Luthartes

Endereço: Manaus-AM

Instagram: [@renatoluthier_](#)

Responsável: José Renato

Quantas associadas: de 01 a 05

Canais de venda: Instagram e Facebook

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático, aumento da escassez de matéria prima decorrente das questões ambientais climáticas, problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro, problemas sociais como: machismo, homofobia, racismo etc., e falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: madeira

Mãos Entrelaçadas

Endereço: Manaus-AM

Telefone: 92 9332-1213

Facebook: [aurea.goonccalves](#)

Responsável: Raimundo Irailton Salgueiro de Souza

Quantas associadas: de 11 a 15 ribeirinhos

Canais de venda: Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático e problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro, falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: Semente, madeira e pena.

Marcia Viana

Endereço: Manaus-AM

Telefone: 92 99965-4998

Instagram: [@marciaartea_oficial](#)

Responsável: Marcia Viana dos Santos

Quantas associadas: 01 afrodescendente

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de apoio da governança, falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: Cipó, fibra, semente e madeira.

Sapopema Biojoias

Endereço: Comunidade do carão RDS Rio Negro | Manaus-AM

Telefone: 92 98600-9910

Instagram: [@sapopemabiojoia](https://www.instagram.com/sapopemabiojoia)

Responsável: Regina Ramos

Quantas associadas: de 06 a 10 ribeirinhas

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático, problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro e falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: Cipó, fibra, semente, madeira.

Simone da Silva Oliveira

Endereço: Manaus/AM

Telefone: 92 99969 6087

Instagram: [@pontoporpontocroche](https://www.instagram.com/pontoporpontocroche)

Responsável: Simone da Silva Oliveira

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: falta de recurso financeiro e falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: tecidos

Val França

Endereço: Manaus/AM

Telefone: 92 99134-6046

Instagram: [@valfrancaecojoiasdaamazonia](https://www.instagram.com/valfrancaecojoiasdaamazonia)

Responsável: Valdenira da Costa França

Quantas associadas: de 01 a 05 mulheres indígenas

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Aumento da escassez de matéria prima decorrente das questões ambientais climáticas, Problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro.

Principais matérias-primas: Fibra, sementes e madeira

VIVÁ

Endereço: Manaus-AM

Telefone: 92 981494053

Instagram: [@vivah_arts](https://www.instagram.com/vivah_arts)

Responsável: Olivia de Souza Rosa

Quantas associadas: 01 afrodescendente

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático, problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro.

Principais matérias-primas: Fibra, semente, madeira e pena.

Yara Cristina Barbosa da Silva

Endereço: Rua Elesbão Veloso nº 23, Cidade Nova | Manaus-AM

Telefone: 92 99530-2585

Instagram: [@costura_comarte](https://www.instagram.com/costura_comarte)

Responsável: Yara Cristina Barbosa da Silva

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Principais matérias-primas: Tecidos, linhas, fibras, fitas, linhas



Maués

Associação de Artesãos Unidos para Vencer – AAUV

Endereço: Comunidade Menino Deus, Maués, Cep: 69190-000

Telefone: 92 99121 6935

Instagram: [@riolimaartesanato](https://www.instagram.com/riolimaartesanato)

Responsável: Beatriz Batista Macêdo

Quantas associadas: 15

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Logística, frete.

Principais matérias-primas: Cipó ambé, cipó titica, arumã e barro.



Novo Airão

AANA – Associação dos Artesãos De Novo Airão

Endereço: Av Ajuricaba – Centro, 55 – Novo Airão/AM

Telefone: 92 99129-8798

Instagram: [@central_de_artesanato_aana](https://www.instagram.com/central_de_artesanato_aana)

Responsável: Johainy Belém de Souza

Quantas associadas: 15

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Logística

Principais matérias-primas: Arumã, cipó ambé e madeira.

Associação de Produtores Nov'arte

Endereço: Rodovia AM 352, KM 0 Quadra J | Nova Esperança, Novo Airão – AM | CEP 69730-000

Telefone: 92 98441-5060

Instagram: [@simeaoanhapebezerra](https://www.instagram.com/simeaoanhapebezerra)

Responsável: Simeao Anhape Bezerra

Quantas associadas: 48 homens | 12 mulheres

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Logística e certificação da matéria-prima

Principais matérias-primas: fibra e madeira

Anair /Criativa

Endereço: Novo Airão-AM

Telefone: 92 9845-38732

Instagram: [@inaru.eyawa](https://www.instagram.com/inaru.eyawa)

Responsável: Anair Lima Gonçalves

Quantas associadas: 1 indígena

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático, aumento da escassez de matéria prima decorrente das questões ambientais climáticas, problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro.

Principais matérias-primas: Cipó, fibra, semente, madeira, arumã, Rolhas de vinho, miçangas, tingimento natural crajiru e mangarataia, tingimento artificial



Parintins

Agatha Luíza Artes

Endereço: Parintins / AM

Telefone: 92 98512-3606

Responsável: Admilson Henriques Santarém

Quantas associadas: de 11 a 15

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Falta de recurso financeiro, aumento da escassez de matéria prima decorrente das questões ambientais climáticas.

Principais matérias-primas: Cipó, fibra, semente, madeira, pena e tecido.



Rio Preto da Eva

Cestaria Baniwa

Endereço: Rua 31 de Março, 62 - Bairro da Paz, Rio Preto da Eva, AM
CEP: 69117-000

Telefone: (92) 99409-9540 / (92) 98443-5584

Instagram: [@cestaria_baniwa](https://www.instagram.com/cestaria_baniwa)

Responsável: Marlene dos Santos da Silva (etnia baniwa)

Quantas associadas: 20 mulheres | 5 homens (indígenas)

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: logística

Principais matérias-primas: arumã, cipó titica e ambé, tala de najá, bacaba, fio de tucum e o breu

Empório Darte

Endereço: R. Barão de São Domingos, Centro-Rio Preto da Eva- AM,
CEP 69117-000

Telefone: 92 98552-1583

Instagram: [@emporiodarte](https://www.instagram.com/emporiodarte)

Responsável: Andreia Freitas de Lima

Quantas associadas: 01

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: falta de recurso financeiro, falta de apoio da governança, falta de conhecimento técnico para aprimoramento do artesanato, falta de conhecimento administrativo, financeiro e burocrático, problema com logística devido a região ser afastada ou frete caro, e falta de reconhecimento do valor do artesanato em parte da comunidade e visitantes.

Principais matérias-primas: Cipó, madeira e argila



São Gabriel da Cachoeira

Associação dos Artesãos Indígenas de São Gabriel da Cachoeira (ASSAI)

Endereço: Av. Alberto Barbosa, 146, Nova Esperança, São Gabriel da Cachoeira – AM. CEP: 69750-000

Telefone: (97) 98431.2979

Instagram: [@assaisgc](https://www.instagram.com/assaisgc)

E-mail: assaisgc@gmail.com / artedarariwi@gmail.com

Fundadora: Cecília Barbosa Albuquerque (etnia Piratapuia)

Responsável: Maria de Nazaré (etnia Tariano)

Quantas associadas: 45 mulheres

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: divulgação

Principais matérias-primas: fibra de tucum e buriti e tingimento natural

Casa Wariró

Endereço: Av. Álvaro Maia – 78/Centro, São Gabriel da Cachoeira 69750-000

Telefone: (97) 98435 0103

Instagram: [@casa.wariro](https://www.instagram.com/casa.wariro)

Responsável: Rosângela Fidelis (gerente / etnia Baré)

Quantas associadas: mais de 300 artesãos (23 povos)

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: logística e divulgação

Principais matérias primas: arumã, madeira, tucum, piaçava, sementes.

Comunidade Areal

Endereço: Km 19 da estrada de Camanaus, São Gabriel da Cachoeira – AM

Telefone: (97) 98434 4203 / (97) 98122 0349 / (97) 97400-7449

Responsáveis: Hermes Ernesto Vitório (Tuxaua da Comunidade Areal, etnia Baniwa); Alírio Souza dos Santos (etnia Baniwa); Alvina Pinto Garcia (etnia Koripaco); Clemente Paminare Pinto (etnia koripaco).

Quantas associadas: 26 famílias (120 pessoas)

Canais de venda: Whatsapp

Maior desafio da comercialização: logística, divulgação e conexão com a internet.

Principais matérias primas: arumã.

Duda Gonçalves Saldanha

Endereço: São Gabriel da Cachoeira - AM

Telefone: (97) 98407-0161

Instagram: [@dudagoncalves752](https://www.instagram.com/dudagoncalves752)

Responsável: Duda Gonçalves Saldanha (etnia Kubeo)

Quantas associadas: 2

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: logística e divulgação

Principais matérias primas: arumã.

Irineu Laureano Rodrigues

Endereço: São Gabriel da Cachoeira - AM / Comunidade Yamado

Telefone: (97) 984441834

Instagram: [@irineubaniwa](https://www.instagram.com/irineubaniwa)

Responsável: Irineu Laureano Rodrigues (etnia Baniwa)

Quantas associadas: 38 famílias indígenas

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: logística e divulgação

Principais matérias primas: arumã e madeira.

Janete Mara

Endereço: São Gabriel da Cachoeira - AM

Telefone: (97) 98409-0784

Instagram: [@janete_tariana](https://www.instagram.com/janete_tariana)

Responsável: Janete Mara (etnia Tariano)

Quantas associadas: 2

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: logística e divulgação

Principais matérias primas: Tucum e tingimento natural.

Loja Uirapuru

Endereço: Av Castelo Branco, São Gabriel, Amazonas, CEP 69750000

Telefone: (97) 98405 2203

Instagram: [@lojauirapuru](https://www.instagram.com/lojauirapuru)

Responsável: Gilda da Silva Barreto (etnia Baré)

Quantas associadas: 2

Canais de venda: Instagram, Facebook e Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Custo no transporte

Principais matérias primas: Fibra de tucum, fibra de buriti e tingimento natural



Tefé / Amanã

Grupo Teçume da Amazônia

Endereço: Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Tefé- AM

Telefone: (97) 98448-1787

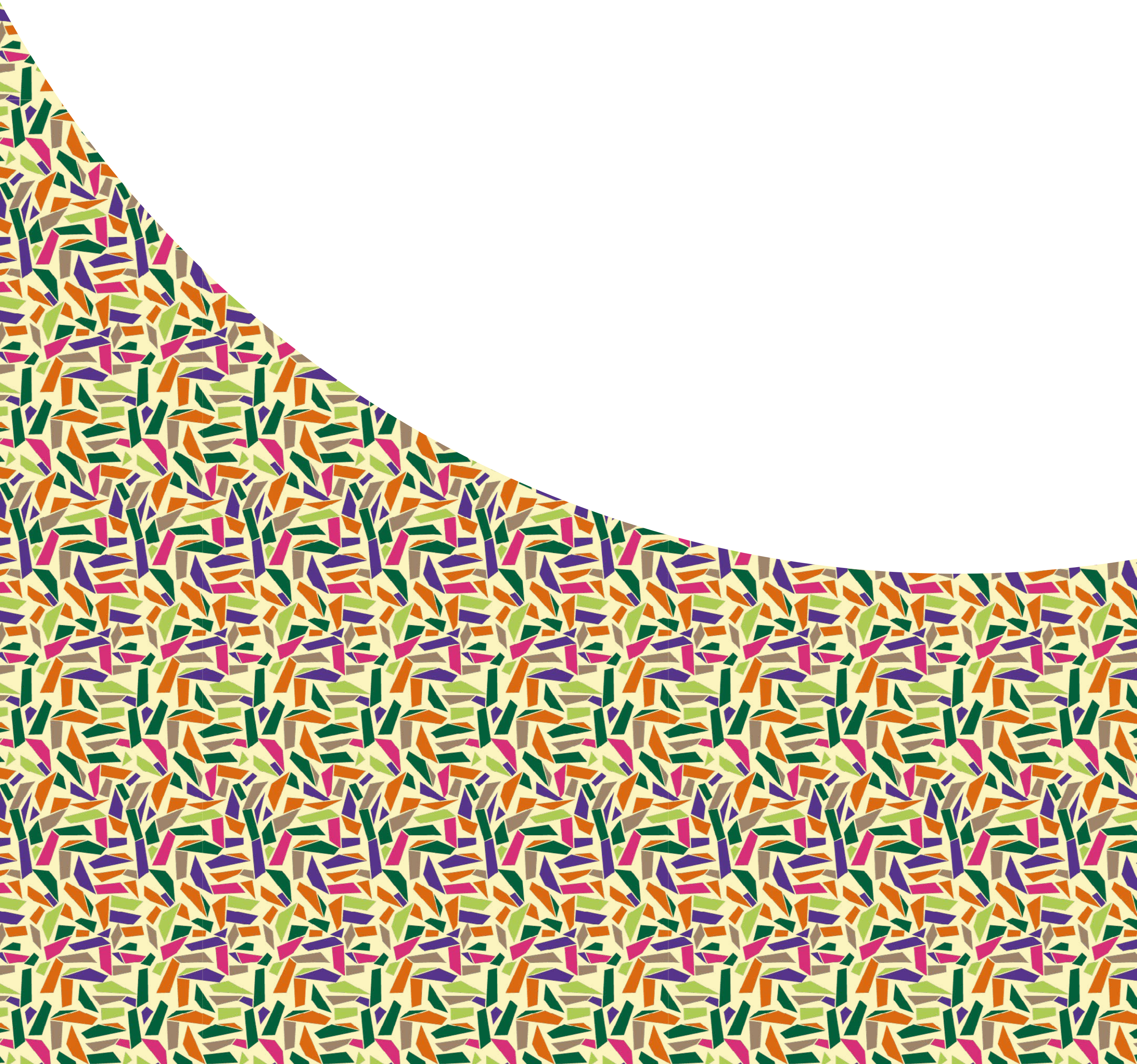
Responsável: Maria Rosenize Assis Amaral

Quantas associadas: de 21 a 30 mulheres ribeirinhas

Canais de venda: Whatsapp

Maior desafio da comercialização: Logística, falta de recurso financeiro e apoio da governança

Principais matérias-primas: fibra





Ficha técnica

SEBRAE

PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO NACIONAL – José Zeferino Pedroso

DIRETOR-PRESIDENTE – Décio Lima

DIRETOR TÉCNICO – Bruno Quick

DIRETORA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS – Margarete Coelho

GERENTE DA UNIDADE DE COMPETITIVIDADE – Carlos Eduardo Pinto Santiago

GERENTE ADJUNTO DA UNIDADE DE COMPETITIVIDADE – Patrícia Mayana

GESTORA NACIONAL DE ARTESANATO – Durcelice Cândida Mascêne

SEBRAE RIO

PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL – Robson Carneiro

DIRETOR SUPERINTENDENTE – Antonio Alvarenga Neto

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO – Sergio Malta

DIRETOR DE PRODUTOS E ATENDIMENTO – Julio Cezar Rezende de Freitas

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO – CRAB

GERÊNCIA – Marc Diaz

COORDENAÇÃO DE ARTICULAÇÕES E PARCERIAS – Ana Lúcia Simões-Corrêa

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS – Natália Lorenzetti

Equipe CRAB – Bernardo Monzo, Betina Monnerat, Bruna Pelegrino, Bruna Santos, Daniel Fagundes, Edson Gonçalves, Gabriel Andrade, Graciela Urquiza Mendes, Izabella Amaral, Jean Lopes, Laura Landau, Luiza Meneses, Marcela Melo, Mariana Carvalho, Mayara Fonseca, Nathalia Laurindo, Pierre Melonio, Victor Glicério e Vinicius Henrique Mota.

COMITÊ NACIONAL DO CRAB

Sebrae Nacional – Bruno Quick

Sebrae Rio de Janeiro – Sergio Malta

Sebrae Amazonas – Lamisse Said da Silva
Cavalcante

Sebrae Pará – Rubens da Costa Magno Júnior

Sebrae Acre – Kleber Campos Júnior

Sebrae Paraíba – Luiz Alberto Gonçalves de
Amorim

Sebrae Bahia – Franklin Santana Santos

Sebrae Ceará – Joaquim Cartaxo Filho

Sebrae Pernambuco – Josiana Ferreira

Sebrae Mato Grosso – André Luiz Spinelli Schelini

Sebrae Goiás – Marcelo Lessa

Sebrae Minas Gerais – Afonso Maria Rocha

Sebrae Espírito Santo Pedro Gilson Rigo

Sebrae Paraná – César Rissete

Idealizadora e Coordenadora do Projeto: Laura
Landau

**Coordenadora Geral, Pesquisadora
e criação de conteúdo:** Rozana Trilha

Designer e Pesquisadora : Sharlene Melaine

Produção: Silmara Silva

Revisão de conteúdo: Cleamy Albuquerque

Audiovisual

Direção Geral: Rozana Trilha

Direção audiovisual: Ribamar Xavier

Direção artística, roteiro e fotografia: Sharlene
Melanie

Produção Executiva: Laura Landau

Trilha Sonora

Direção musical e compositor: Marcelo Nakamura

Assistente de direção: Góia

Produção musical: Góia e Ramiro Galas

Coordenação e poesia: Sharlene Melanie

M894

Mosaico Amazonas

Mosaico Amazonas : Mapeamento Cultural do
Artesanato Brasileiro / CRAB – Centro SEBRAE de Referência
do Artesanato Brasileiro, [s.n] Rio de Janeiro/RJ, 2024

148 p. : il. Color.

ISBN: 978-65-5818-634-2

[E-book]

1.Artesanato Brasileiro. 2. Amazonas. 3. Mapeamento. I
Título.

CDU: 304+334.712 (811.3)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Mayara Helena Fonseca dos Santos CRB7: 7099